Nº 751–LUANDA//LISBOA–10$00

DEPÓSITO LEGAL

PUBLICAÇÃO SEMANAL–27 ABRIL 1974

NOTÍCIA

O JORNAL DE JOÃO CHARULLA DE AZEVEDO

TÁXIS:
POR ONDE ANDAM
ÀS HORAS
DE PONTA?

OS DÓLARES
FALSOS

O QUE FAZ
SUBIR
OS PREÇOS

GOLPE MILITAR EM LISBOA
•a nossa posição•

"CAONHA" MATA PECUÁRIA DO NORTE

as ferramentas para as necessidades de ontem, para as novas técnicas de hoje e para as previsões do futuro, encontram-se nos equipamentos FACOM

CASA DAS FERRAMENTAS

RUA SOUSA COUTINHO, N. 41 C. P. 5740 - LUANDA - ANGOLA

FACOM

aparelho de verificação e regulação

● sem qualquer desmontagem, nem energia e em qualquer lugar

equilibradora

mais prática ●
mais fácil ●
mais eficaz ●

ESTAR NO FUTURO

Consciente do presente
Pensando no futuro
No coração de Angola
Abrimos mais uma dependência.

GABELA

Agora no QUANZA-SUL
O futuro duas vezes mais seguro

CONFIANÇA É MUNDIAL DE ANGOLA

O futuro duas vezes mais seguro

EDITORIAL NOTÍCIA

EDITOR: MARIA HELENA CHARULLA

O JORNAL DE JOÃO CHARULLA DE AZEVEDO

DIRECTOR: DR. HELDER DUARTE DE ALMEIDA

DIRECTOR-ADJUNTO: JOÃO FERNANDES
SUB-CHEFES DE REDACÇÃO: ANTÓNIO GONÇALVES E BELTRÃO COELHO
REDACTORES: MOUTINHO PEREIRA, FERNANDO FARINHA, MANUELA GONZAGA
JAIME MOREIRA, VENTURA MARTINS, ALBERTO FLORINDO, ILÍDIO ALVES
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: JOSÉ CARDOSO
CHEFE DO GABINETE FOTOGRÁFICO: EDUARDO BAIÃO
REPÓRTERES FOTOGRÁFICOS: ANTÓNIO CRUZ E LUCAS DE SOUSA

REDACTORES-CORRESPONDENTES:
MANUEL DIAS (PORTO), DOMINGOS DE AZEVEDO (LOURENÇO MARQUES)
RELAÇÕES PÚBLICAS E PUBLICIDADE: FERNANDO SAAVEDRA
EM LISBOA: MÁRIO GENTIL-HOMEM
DELEGAÇÃO DO SUL: ANTÓNIO LEMOS
DESENHO: CARLOS AMOR
DIRECÇÃO GRÁFICA: FERNANDO NEVES

Depois de uns mergulhos refrescantes, apetece descansar uns momentos à beira-mar. A pequena que ilustra a nossa capa, não escapou à regra: estendeu-se sobre uma esteira, enquanto o vento lhe enfunava delicadamente os folhos do seu «baby doll» sugestivo.

PROPRIEDADE
DA NEOGRÁFICA, LDA.
CALÇADA GREGÓRIO FERREIRA, 26 A 32
LUANDA
TELEGRAMAS: NOTÍCIA
TELEFONES: 35243/7 (REDACÇÃO) 35113/4
CAIXA POSTAL 4516
ADMINISTRAÇÃO
E REDACÇÃO EM LISBOA
RUA DA MISERICÓRDIA, 137 A 141
LISBOA 2
TELEFONES PPCA 326427/8
TELEGRAMAS: NOTICISBOA
COMPOSTO E IMPRESSO
NA NEOGRÁFICA, LDA.

NOTAS VÁRIAS

HOMENAGEM A JOÃO CHARULLA DE AZEVEDO

PORQUÊ?

Não deve ter sido só esquecimento, mas o adjectivo está certo: imperdoável. que a TAP tenha aumentado o seu capital — e não foi graça o aumento, qualquer coisa como 450 mil contos, o que corresponde a um aumento de mais de cinquenta por cento — abrindo a subscrição apenas à Metrópole.

Adivinha-se logo a uma certa irregularidade. Angola conta certamente com mais duma centena de accionistas da TAP, accionistas estes que não puderam (a subscrição foi aberta apenas em escudos metropolitanos) usar do seu direito de comparticipar no aumento. Porquê?

Intuitivamente se compreende que uma excelente forma de reforçar mais e mais as ligações Metrópole-Ultramar será a de cá investir lá e vice-versa. Falta de dinheiro que as pessoas nem sempre sabem mesmo como aplicar, não há actualmente em Angola? Então porquê este limitar à Metrópole?

Ao que julgamos saber Angola teria reagido e alguma coisa terá ainda conseguido. O que não invalida tudo o que atrás foi dito e que pode não ser apenas uma crítica à TAP. Afinal aquela Companhia só faz o que lhe deixam ou impõem?...

AMÉN

Os meios católicos angolanos, pelo menos ao nível da Informação, andam bastante activos. Assim «O Apostolado» estaria em véspera de importantes reformas que o levariam, até, a mudar o título o que não pode deixar de se entender como simbólico. Terá passado o tempo do apostolado? Que outro passo daria agora a Igreja em Angola? Sabe-se que os passos da Igreja, talvez devido à necessidade de muito olhar o céu, a levam por vezes por caminhos difíceis de onde nem sempre, depois, é fácil desviá-la. Não será esse certamente o caso, pelo que se deseja ao novo órgão da Imprensa católica (agora não luandense mas angolana) não só todos os favores do céu mas os mais suaves caminhos terrenos.

Por outro lado, a mui dinâmica Emissora Católica, aqui e além acusada de saber como poucos de que lado do pão é que está a manteiga não perdeu de forma alguma o sentido de esmolar humildade. Sendo o mundo o que é — transitório lugar de penitências — foi-se inscrevendo com cinco mil oitocentas e quarenta acções da Rádio Televisão de Angola, o que equivale, exactamente, a tantos outros contos de reis. Pagou já dois mil e quarenta e quatro contos mas em Junho terá que pagar outro tanto e lá para o fim do ano mais mil setencentos e tantos. Mesmo em tempo de inflacção uma quantidade apreciável de bago-bago. Há, no entanto, algumas dificuldades o que levou a Católica Emissora a solicitar pública ajuda que lhe permita satisfazer os seus compromissos. Justo. Os tempos agora são outros e já não há que contar com a benevolência do príncipe ofertando uma bolsa com ouro. É mais próprio o cheque discreto para a compra dumas acções. Aqui e ali pode ter o aspecto esquisito de se saber mal como funcionam estes aspectos legais da caridade misturada com o fisco, mas no conjunto deve estar tudo certo. Amén.

AINDA O CIRCUÍTO DE MOÇÂMEDES

Senhor Director:

1. — A fim de ser dada a divulgação que julgar conveniente, junto envio a V. Excia. o comunicado dos membros da Comissão Organizadora do VIII CIRCUITO AUTOMOBILÍSTICO das Festas do Mar de 9 do corrente mês, em resposta ao comunicado da Comissão Desportiva Provincia do A.T.C.A. distribuido à imprensa e à Rádio.

O Presidente da Comissão Municipal de Turismo

RAÚL DE SOUSA JÚNIOR
— Moçâmedes

COMUNICADO

RUI ALBERTO DE OLIVEIRA FROTA, LICÍNIO SARAIVA GARCIA e ANTÓNIO LEITÃO FELÍCIO que foram membros da Comissão Organizadora do VIII Circuito Automóvel das Festas do Mar, realizado no dia 24-3-74 pela Câmara Municipal de Moçâmedes e sua Comissão Municipal de Turismo e integrado nas XIII Grandes Festas do Mar, perante o comunicado da Comissão Desportiva Provincial do A.T.C.A., distribuido à imprensa e publicado no Diário de Luanda do dia 6-4-74, vêm, e sob reserva de o fazerem ainda no lugar e tempo mais oportuno, afirmar o seguinte:

1.° — A «Comissão Organizadora» do referido circuito já não existe. Ela foi constituída apenas para organizar a dita prova. Terminada esta, extinguiu-se pura e simplesmente. A sua suspensão de toda a actividade desportiva - automobilística é, pois, um acto inútil e espectacular para tirar efeitos sobre a motivação da paixão desenfreada com que todo o comunicado da C.D.P. está redigido.

2.° — Havendo um inquérito a correr e sendo a entidade inquiridora a C.D.P. do A.T.C.A., a sua hostil tomada de posição por antecipação à acusação, traduz um acto que nada pode dignificar quem o comete.

3.° — A suspensão, quer da tal já inexistente Comissão Organizadora, quer do Director da Prova, conduz a uma usurpação dos poderes do Conselho Provincial de Educação Física e a uma flagrante ilegalidade, como se passa a demonstrar:

O A.T.C.A. rege-se pelos estatutos aprovados pela Portaria de 5 de Janeiro de 1968.

Nos termos do art.° 57.° dos referidos estatutos, a C.D.P. (que é nomeada pela Direcção do Clube) é o órgão do A.T.C.A. com poder desportivo qualificado para elaborar e fazer cumprir os regulamentos destinados a desenvolver e a reger as competições de automóveis, baseado no C.D.I. da FIA e no R.D.N., poderes que lhe vêm por delegação do A.C.P., mas exerce também os seus poderes, direitos e deveres, em conformidade com o regulamento das actividades gimnodesportivas, aprovado pelo D.L. N.° 3208, de 17-1-1962.

Como preceitua o art.° 60.° dos estatutos do ATCA, compete à Comissão Desportiva:

1.° — cumprir e fazer cumprir o C.D.I. e o R.D.N.;

2.° — propor acção disciplinar;

3.° — dar parecer sobre questões técnicas ou desportivas apresentadas pela direcção;

4.° — fiscalizar as competições desportivas automobilísticas, relatando à direcção as deficiências que verificar, propondo as medidas aconselháveis para a sua melhoria;

5.° — estudar, orçamentar e propor o calendário desportivo provincial.

Facilmente se vê, portanto, que à C.D.P. compete apenas **propor acção disciplinar**, não exercê-la.

A competência disciplinar pertence, pois, à direcção do ATCA, que é o órgão executivo do Clube, e ao Conselho Provincial de Educação Física, (art.° 41.° dos estatutos do ATCA e art.° 116.° al. h) do D.L. N.° 3208).

Por outro lado, e conforme o preceituado no n.° 2 do art.° 57.° dos estatutos do A.T.C.A., o regime disciplinar a que estão sujeitos os organismos desportivos e os desportistas (nestes se incluem os praticantes, técnicos e dirigentes) é o constante dos art.os 109.° e seguintes do Regulamento das Actividades Gimnodesportivas.

Ora, o art.° 110.° deste regulamento estabelece a seguinte escala de graduação de penas aplicáveis por motivo de infracção disciplinar:

1.° — advertência;

2.° — repreensão verbal ou por escrito;

3.° — multa até 5.000$00;

4.° — suspensão da actividade até um ano;

5.° — suspensão da actividade até três anos;

6.° — irradiação.

Quiz a C.D.P. suspender a comissão organizadora e o director da prova de toda a actividade desportiva-automobilística, até conclusão do inquérito que diz estar em curso.

É, portanto, uma suspensão preventiva, dado que o inquérito está a correr e os infractores nem sequer foram ouvidos.

Mas, acontece que o art.° 130.° do D.L. N.° 3208 é claro quando preceitua:

«os desportistas e os clubes não poderão ser suspensos da sua actividade a título preventivo, salvo se a sua permanência for julgada comprometedora ou perniciosa, **o que só ao Conselho Provincial de Educação Física compete decidir**».

Tal suspensão é, portanto, ilegal.

Mas, mais ilegal se mostra ainda quando se quer atribuir a suspensão a **«toda a actividade desportiva - automobilística»**.

É que o art.° 127.° do D.L. 3208 diz o seguinte:

«A pena de suspensão aplicada a dirigentes importa para estes a perda do exercício das funções directivas».

Logo, se fosse legal a suspensão, ela só poderia ter efeitos em relação às funções directivas e nunca a toda a actividade desportiva-automobilística.

Pelo exposto facilmente se conclui que a decisão da C.D.P. é absolutamente nula e de nenhum efeito porque expressamente contraria a legislação em vigor e com ela colide.

De facto o art.° 24.° dos estatutos do A.T.C.A. diz:

«São nulas e de nenhum efeito as deliberações que expressa ou tacitamente contrariem a legislação em vigor ou que com ela colidam».

4.° — Findo o inquérito que solicitaram a sua Excelência o Senhor Secretário Provincial da Educação e decidido o recurso, que vão imediatamente interpôr para o Conselho Provincial de Educação Física, será então essa a altura oportuna para os signatários esclarecerem a opinião pública sobre todo o tendencioso circunstancionalismo da narração da C.D.P., fazendo assim a devida luz que o dito comunicado quiz apenas... ofuscar.

Moçâmedes, 9 de Abril de 1974.

GRATIDÃO DE UM PAI

Senhor Director:

Num mundo conturbado e perverso em que vivemos, em que não raro os valores humanos são ignorados e até propositadamente postergados, é sobremaneira reconfortante encontrar quem ainda os respeita e venera.

Porque me foi dado o privilégio de encontrar quem exuberantemente me deu testemunho de possuir esses valores em tão elevado grau,

CARTAS NA MESA

C.T.T.-ANGOLA
26 JUN 1970
LUANDA-CENTRAL

desejo publicamente manifestar a minha grande sensibilização pelo facto, e ao mesmo tempo o profundo reconhecimento pelo bem que me fizeram.

Faço esta declaração para visar especialmente as pessoas do médico-cirurgião dr. Manuel Rodrigues Martins e o médico dr. Mac Mahon, sem esquecer o pessoal da sala de operações e da sala de observações do Hospital de São Paulo, bem assim como o da Secção de Neurologia do Hospital Universitário, pela forma inexcedivelmente carinhosa como trataram meu filho **Amadeu Augusto da Fonseca Campos,** em tão melindrosa enfermidade.

Pedindo desculpa por assim ferir a sua modéstia, quero prestar-lhes este merecido acto de justiça, expressando o meu profundo reconhecimento pelo bem que praticaram.

JOSÉ DA FONSECA CAMPOS
— Luanda

"ESPIRITUALISMO" AINDA...

Senhor Director:

Vi publicada no NOTÍCIA a minha carta sugerida pela reportagem acerca de Espiritualismo inserida no número de 30 de Março findo.

Não merece a pena, nas presentes condições, continuar a falar nestes assuntos que tanta «comichão» fazem nos ouvidos de alguns dos nossos semelhantes. Espero, porém, em Deus que a VERDADE também entre nós surgirá, resplandecente.

Volto no entanto ao assunto para esclarecer como segue.

Na precipitação com que escrevi a minha carta, referi os adventistas como os anunciadores para breve, do fim do mundo, em vez de mencionar as Testemunhas de Jeová.

Isto, porém, aconteceu em consequência de ter presente no meu espírito a conversa que em 1971 tive com um adventista que me garantiu que o mundo acabaria em Dezembro de 1972! Mas, também, já no século passado, os adventistas seguiram o «inspirado profeta MILLER que afirmou ir registar-se a segunda vinda de Jesus, no dia 22 de Outubro de 1844, para «purificar o santuário mediante a purificação da Terra pelo fogo». Claro que tal não aconteceu e contam-se por milhares os adventistas que desiludidos com o «profeta», abandonaram a sua Igreja!

Mas eles continuam a esperar para breve o regresso do doce Rabi, em forma física, logo, reencarnado!. E agora não estão sós, pois as Testemunhas de Jeová também assim o creem.

Tudo isto seria para sorrir, não fôra a circunstância de estarmos a viver os momentos mais cruciais da humanidade, que exige de todos os espiritualistas, mais recolhimento na busca de algum alívio para atenuar as dores que dolorosamente a maioria dos povos do mundo estão sofrendo.

Curvo-me respeitoso perante todas as religiões e movimentos, sejam eles quais forem e situem-se onde quer que seja, que tenham por finalidade a fraternidade universal e o bem-estar do Homem. Mas não posso transigir com o cego fanatismo dos meus semelhantes, que tantas amarguras têm trazido à humanidade.

Por último, e ainda respondendo à nota da redacção, também esclareço que em mim não há qualquer confusão quando digo ser o Espiritismo e a Parapsicologia, uma e mesma coisa.

Talvez a confusão, esteja do vosso lado, pelo facto de se supor que o Espiritismo se resume tão somente à prática de sessões experimentais da mesa de pé de galo, da prancheta ou da intervenção de médiuns de incorporação de psicografia, de efeitos físicos e ainda de outras práticas, nem sempre correspondentes à verdade.

O Espiritismo é acima de tudo uma CIÊNCIA que precisa ser e está sendo investigada por homens de ciência, íntegros, sem quaisquer preconceitos de ordem filosófica ou religiosa, como HANS HOLZER que no seu livro A VERDADE SOBRE A REENCARNAÇÃO, expõe o resultado das suas pesquisas sobre a reencarnação, efectuadas com base no processo da regressão hipnótica. Para estes fenómenos e outros absolutamente provados, é que se criou a PARAPSICOLOGIA. Ela está confirmando absolutamente grande número de fenómenos desde há muito atribuidos a forças extra terrenas, mas por certo, não diabólicas!

E por agora, nada mais posso acrescentar a esta mal alinhavada carta com que dou por terminada a minha limitada intervenção em tão apaixonante assunto.

FILIPE FURTADO DE MENDONÇA
— Luanda

E A GRATIDÃO DO ZAIRE?

Senhor Director:

Tenho sete anos de Angola, felizes, sim, mas muitas coisas me têm chocado. Não se trata, claro, de problema referente apenas a Angola, mas de todas as terras, de todas as gentes. Uma coisa, porém, tem sobressaído: a adulação. Mas a adulação pela frente, que, quando nos vêem pelas costas, tudo se modifica. Adulação, pois, e, a seguir, na segunda situação: **ingratidão.**

Vem todo este arrazoado a propósito duma cerimónia ocorrida em Santo António do Zaire, há poucos dias, aquando da elevação daquela vila à categoria de cidade. No Zaire, algumas pessoas o conheceram, todas as pessoas o conhecem. Tive a dita de o conhecer em meados de 1967. Iniciara, então, havia pouco, o Coronel Carlos Santos as suas funções de governador de distrito. Com olhos imparciais, como militar, eu vi o Zaire de ontem. Hoje, cá longe, continuo a vê-lo. Quão diferente ele é! Eu assisti a essa transformação. Na minha situação de 1967 a 1969 (militar) eu corri parte, grande parte, desse extenso e difícil distrito. De S. Salvador à Madimba (mártir Madimba!), ao Tomboco, ao Ambrizete, a todo o extenso concelho de Santo António do Zaire, tudo isso visitei frequentes vezes. Conheci ontem, «conheci» hoje. Oh transformação!... Passou por ali a mão firme, a mão trabalhadora, o bom-senso, a capacidade de trabalho do Cor. Carlos Santos. E, Senhor Director, o Zaire hoje é ainda o Zaire que o Cor. Carlos Santos deixou.

AV. PAULO DIAS DE NOVAIS, 83 — P. O. BOX / C. P. 6534 — TELEG. «UNIMOBI» — TELEFONE: 72131-72467-72952 - TELEX-3174 UNIMOBI-AN — LUANDA-ANGOLA

agência de viagens
UNIÃO
nião Imobiliária e Comercial S.A.R.L.

DE PARA TODO O DE TODO O PARA

CARTAS NA MESA

C.T.T.-ANGOLA 26 JUN 1970 LUANDA-CENTRAL

Como cidadão do distrito do Zaire, durante dois anos, como militar, a cumprir a minha missão de serviço, eu vi, com olhos de ver o amor, a dedicação, o carinho que o Governador de então votava ao distrito e, muito em especial, à vila de Santo António do Zaire, menina dos seus olhos. A prova mais evidente do amor do Governador pela vila do Zaire, como muitas pessoas lhe chamavam, está patente no reconhecimento da população ao nomeá-lo cidadão honorário daquela vila. Tenho conhecimento que o Cor. Carlos Santos muito pugnou pela elevação da vila a cidade, com insistência, pelo amor que à vila e às suas gentes dedicava. Só eu sei o tamanho desse amor. Mas sei também que o mesmo amor dedica a população do Zaire ao Cor. Carlos Santos. Pode verificar-se ainda hoje esse amor, bem expresso, na alegria sincera, contagiante, que irradia de cada habitante do Zaire, quando, na rua, encontra o Cor. Carlos Santos. E eu já ouvi, da boca de muitos, muitos filhos do Zaire, rasgados elogios à pessoa do seu ex-Governador. Sei mais, muito mais. Sei até que, quando o Cor. Carlos Santos se preparava para deixar o Zaire, do Tomboco, Ambrizete, sei lá de que terras do imenso Zaire, aproveitando uma coluna que passava, pessoas a aproveitaram para, **de livre vontade** irem dar o último abraço ao Cor. Carlos Santos. Só eu sei quanto o alegrou esta atitude do pessoal do corpo de milícias e outros, prova evidente do agradecimento pelo que havia feito. E é assim, cativando populações, pugnando pelo seu bem-estar, que se ganha a guerra que travamos. A prova de que estas populações estavam no bom caminho, está na atitude que tomaram.

Pois, apesar de tudo isto, deste grande amor que uniu e une ainda as populações do Zaire e o Cor. Carlos Santos, numa cerimónia alusiva à elevação da vila a cidade, como atrás referi, nem uma palavra simples a referir-se ao homem que (não o podemos dizer de outra forma) **FEZ O ZAIRE.** — São muito ingratos os homens!!!...

Simplesmente, Senhor Director, as gentes do Zaire não merecem que eu as trate assim. Se as palavras proferidas nessa cerimónia partissem da boca de qualquer elemento da população, tenho a certeza que o nome do Coronel Carlos Santos não deixaria de ser pronunciado. Mas nem todos podem falar e há quem os represente, mas, e isso quero deixar bem expresso, o que foi dito não corresponde ao que as boas gentes do Zaire pensam. Tenho a certeza que 99% da população do Zaire teve vontade de fazer o que faço, neste momento. Por isto ou por aquilo, não o fez. Lá lhe assistirão as suas razões. Faço-o eu, que nem sou cidadão do Zaire, mas que gosto dele, chamando-lhe até a minha segunda terra.

Mas é triste — um cidadão honorário de uma vila, que tanto fez por ela, a quem ela tanto deve, e a prova está na honra que em tempos deram ao então Governador, nem sequer é lembrado na cerimónia de 5 de Abril.

CARTA ASSINADA
— Cabinda

O INFERNO COM IDA E VOLTA

Senhor Director:

E a equipa do NOTÍCIA com a mania das independências... e para lá de uma SANZALA chamada «Venda das Raparigas» uma forma de alambamento? ou daquelas palhotas de Cabinda, o popó pifou... Dá impressão de que, para tornar o território maior se fazem por aqui estradas em zigue-zague, etc.etc.!!!!

Do pouco que conheço de Angola, da sua enorme grandeza, tem-me espantado é a falta de lucidez, cultura e objectividade com que certos artigos iluminam as páginas das revistas e jornais deste Estado. Não é só o «bairrismo» provinciano-emigrante, que me choca, não! Por vezes, e como já acima afirmei é a falta de objectividade e a deformação (que se fosse para uso próprio vá lá...) com que nos bombardeiam. E francamente, aquele género de piadas de revista do Parque Mayer (e agora voltamos à «Venda das Raparigas» só para ver etc., etc.) não se coadunam com a razoável qualidade da vossa revista. Não conheço em pormenor as estatísticas demográfico-sócio-culturais de Angola, mas suponho que já devia haver um certo cuidado em não escrever anedotas fora das revistas a esse género dedicadas.

Desculpe a letra, pontuação, etc., mas estou cansado e não me apetece rever. Agradeço os momentos que gastaram em ler «isto».

Obrigado.

ALEXANDRE F. DELGADO
— Leste

N.R. — Palavra que nada temos contra Venda-de-Raparigas (de que aliás desconhecemos as estatísticas demográfico-sócio-culturais...).

É só o nome que nos dá graça...

estude!

GANHE MAIS DINHEIRO!

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA
Desde 1947
Recorte o cupão e envie-o
HOJE MESMO
(indique um só curso)

☐ RÁDIO, ELECTRÓNICA, TV ☐ INGLÊS
☐ DESENHO E PINTURA ☐ SECRETARIADO
☐ ELECTRICIDADE ☐ COSTURA

GRÁTIS

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒

Nome .....
Morada .....
Localidade ..... N.

cec Álvaro Torrão ★ Rádio Escola

Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 53 67 52

UMA JÓIA FALA POR SI

Ourivesaria Aliança, Lda.
RUA SOUSA COUTINHO—LARGO DA MUTAMBA
LUANDA

TROCAS DE CORRESPONDÊNCIA

Desejam trocar correspondência os seguintes leitores e leitoras do NOTÍCIA:

— Com moças de Angola, dos 18 aos 25 anos, para assunto sério. Carlos Fernandes dos Santos, SPM 0496.

— Com moças, dos 15 aos 30 anos, de qualquer parte de Angola de preferência de Luanda, para troca de amizade sincera. Toni, SPM 5766.

— Com jovens dos 16 aos 24 anos, para troca de amizade e de ideias. Carlos Ferreira Monteiro, SPM 1836.

— Com moças de Angola, dos 16 aos 22 anos, para madrinha de guerra. Afonso Malheiro Lopes Barbosa, SPM 6956.

— Com moças de qualquer ponto do País, para troca de amizade sinecra. Oliveira, Jones, Lamares, Cunha e Silva e Caetano SPM 8774.

— Com moças de Luanda, dos 16 aos 20 anos, para troca de amizade sincera. Luís das Mercês, SPM 6266.

— Com moças de Luanda, dos 18 aos 20 anos, para troca de impressões e amizade sincera. Binga, SPM 6266.

— Com jovens leitoras do NOTÍCIA, dos 14 aos 30 anos, para madrinha de guerra e para assunto sério. José da Silva, SPM 0396.

— Com leitoras do NOTÍCIA, dos 17 aos 24 anos, para troca de amizade. Ramiro Moreira, SPM 0396.

— Com jovens dos 17 aos 23 anos, para assunto sério. Tony de Jesus, SPM 3866.

— Com jovens, para troca de impressões e postais ilustrados. Nascimento Vicente, SPM 2486.

— Com moças dos 16 aos 22 anos, para troca de amizade, de preferência de Sá da Bandeira, Jamba, Moçâmedes e Nova Lisboa. Pascoal Eugénio Cambinda, SPM 6696.

— Com jovens para troca de impressões e postais ilustrados. Marta Cristina, Cx. P. 335, Benguela.

— Com moças de qualquer ponto de Angola, dos 15 aos 35 anos, para madrinha de guerra. José Francisco Pissarro, SPM 8366.

— Com jovens de qualquer parte de Angola, dos 18 aos 27 anos, em especial moças. Gina, Cx. P. 380, Nova Lisboa.

— Com moças dos 15 aos 25 anos, de preferência de Luanda, Malanje e Carmona, para troca de amizade sincera. Lisboa, SPM 0576.

— Com jovens dos 15 aos 22 anos, para troca de amizade. Francisco Manuel Ferreira de Araújo, SPM 5086.

— Com jovens dos 15 aos 25 anos, para troca de amizade. Nando, Cx. P. 16.042, Luanda.

— Com jovens leitoras do NOTÍCIA, dos 15 aos 17 anos, para troca de amizade sincera e ainda para intercâmbio de selos. Rui, Cx. P. 344, Luanda.

— Com jovens de todo o mundo, em português, francês inglês e espanhol, para troca de amizade. Tuxa Castro, Cx. P. 173, Benguela.

— Com jovens de todo o mundo, para troca de amizade. Andy Vieira, Cx. P. 917, Benguela.

— Com jovens leitoras do NOTÍCIA, dos 16 aos 23 anos, para troca de amizade sincera. Tó Manuel e Manuel Pereira, Cx. P. 81, Ambriz.

— Com moças de toda a Província, para fins de amizade recíproca. Pedro Lara de Lencastre e Renato de Lencastre, Cx. P. 150, Camabatela.

— Com moças dos 17 aos 26 anos, de Moçambique, Metrópole, Angola, Brasil, Rodésia, África do Sul, para troca de amizade sincera. José Carlos Palma Marques.

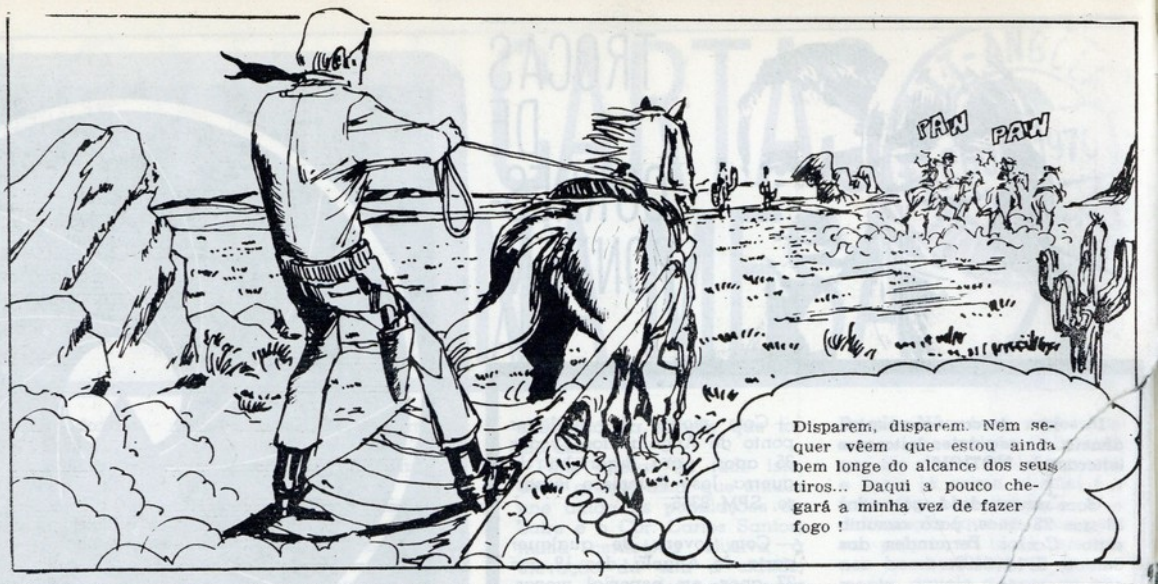
— Com jovens dos 19 aos 23 anos, para troca de amizade sincera. Mano Lóló Lucas, SPM 1836.

— Com jovens dos 17 aos 23 anos, para troca de ideias. Henrique Alberto Neto, SPM 6656.

neográfica, lda

calçada gregório ferreira nº32 c.p. 6518 Luanda

UM PULHA ESTE TRINITÁ



continuaram a chamar-me

TRINITA'

Filmes de OCIDENTE

TEMA MUSICAL EM GRAVAÇÃO RCA

VENHA DESCONTRAIR-SE
VENHA EMOCIONAR-SE
VENHA RIR

NOVAMENTE

DISTRIBUIÇÃO Sulcine

CORREIO DO CORAÇÃO

RECOMEÇAR

P. — Temos uma grande diferença de idades, se tomar em consideração que sou eu a mais velha. No entanto amámo-nos muito, e eu ainda o amo. Tenho sempre presente a imagem daquele homem, com quem vivi tantos anos, com quem fui tão feliz, muito embora nunca tenha chegado a compreendê-lo completamente. Agora com este desgosto tão grande nem sei como proceder, que palavras, que gestos, que ternuras usar para prendê-lo de novo, para o fazer voltar para mim.

Garantiu-me que pela parte dele está tudo acabado. Vai casar, com uma moça com quem já anda há muito tempo.

Pedi-lhe para, ao menos, continuar a visitar-me. Para não deixar de vez a minha vida. Responde-me friamente, com evasivas, diz que é melhor cortarmos. Definitivamente.

Ensine-me as palavras, os gestos, tudo, o que fazer para guardar ainda um pouco dele junto de mim... o que hei-de fazer para que não abandone de vez!

NORA
— Luanda

R. — Por muito que lhe custe creio que, nesses casos, o melhor é cortar-se definitivamente. Se pela parte dele já nada o prende a si, forçar uma situação que a ele nada dissesse seria além do mais estragar o que de bonito — e de positivo porque não? — ficou desses anos de tão grande amor. Paciência, minha amiga, nada é seguro, nada é eterno... É tempo de aprender a andar na vida sem olhar para trás. É menos doloroso.

O AMOR E A PESCA

P. — Saímos várias vezes, os dois, trocavamos ideias sobre lar, filhos, casamento e tudo o mais. Conversamos quase sempre do futuro, abraçavamo-nos, enfim, eu estava certa de que o carinho que eu lhe testemunhava era retribuído com a mesma sinceridade... Agora pergunto-me porque fazia ele tudo aquilo?

Anda com uma moça, ela diz que não namoram mas que pode vir a acontecer namorarem-se, eu procuro saber o que é que ele sente em relação a mim, tudo em vão, o sistema não resulta.

Ele anda fugido, só o vejo de relance... Ajude-me.

DESILUDIDA
— Sá da Bandeira

R. — Os pescadores é que percebem do assunto, minha amiga. Quando um peixe é grande dão-lhe linha, imensa linha, a ponto de ele se sentir quase livre. Mas a pesca é um jogo de infinita paciência, de tenacidade, e até, de subtileza... Querer agarrar, de imediato, um peixão é correr o risco de partir a linha e de ficar a ver navios.

A partir daqui tire as conclusões que achar necessárias.

DÍVIDA DE GRATIDÃO

P. — Foi numa altura em que parecia que tudo ia cair em cima de mim. Problemas de toda a ordem, agravados pelo facto da minha mulher se encontrar ausente, de férias, levaram-me a um estado de desespero tão grande que comecei a frequentar bares e a beber à toa.

Aí conheci uma moça que se apaixonou por mim, segundo soube depois, e me ajudou como só uma companheira, uma esposa, uma grande amiga, poderiam ajudar. Esteve a meu lado nos piores momentos da minha vida, quando os meus negócios pareciam ir falir, quando as notícias vindas da metrópole eram francamente desagradáveis (a minha mulher acusava-me de desleixo e dizia que a culpa da falência, se esta acontecesse seria exclusivamente minha), quando até os amigos me evitavam.

Tudo se foi recompondo. Readquiri junto dela a minha auto-confiança, um assunto pendente em tribunal foi resolvido e eu ganhei a causa, aliás justa, e a vida começou a correr-me bem. Finalmente agora a minha mulher voltou. Não tenho coragem de deixar a moça, e se bem que não esteja apaixonado por ela, tenho uma dívida de gratidão tão grande que não quero fazê-la sofrer em caso algum.

INQUIETO
— Luanda

R. — Compreendo perfeitamente o seu ponto de vista, meu amigo. Contudo creia que essa situação não se pode manter indefinidamente.

TAMBÉM VOCÊ PODE TER UMA PROFISSÃO

* reputada
* bem paga
* com futuro

FAÇA-SE
TÉCNICO DIPLOMADO
em qualquer de vários ramos muito procurados

MECÂNICO DE AUTOMÓVEIS
ELECTRICISTA DO AUTOMÓVEL
MECÂNICO DE MOTORES "DIESEL"
LOCALIZAÇÃO DE AVARIAS
SERRALHEIRO
SOLDADOR
TORNEIRO
DESENHADOR INDUSTRIAL
DESENHADOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL
DECORAÇÃO
DESENHO ARTÍSTICO
ELECTRICISTA

ESTUDANDO POR CORRESPONDÊNCIA

* sem sair de sua casa
* com pequeno gasto
* sem abandonar o seu trabalho
* dispondo de assistência completa

CETOP
CENTRO DE ENSINO TÉCNICO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL
Apartado 7
Mira-Sintra
Mem Martins
Portugal

Peça folheto ou inscreva-se hoje mesmo

Estou interessado no(s) seguinte(s) curso(s):
NOME:
MORADA:
LOCALIDADE: Ref.ª N.-B-107

distribuidores gerais:
STENDHAL
R. LUIS DE CAMÕES 79-A • TEL. 23787 • LUANDA
a nova york
TELEF. 3121 • CAIXA POSTAL 170
NOVA LISBOA

MESA DA REDACÇÃO

O ESPANTO SERÁ POUCO...

Eram três textos notáveis, sobre a Páscoa. Eram três textos de alguém que sabe — ou sabia —, de facto, manejar as palavras com elegância e acutilante propriedade, tirando delas o maior e o melhor partido. Foram três textos notáveis, os transmitidos pelo programa nocturno da Emissora Oficial de Angola a assinalar a noite pascal.

O trabalho de sonorização impecável, mesmo brilhante — tanto quanto um leigo pode julgar; a palavra do locutor também, com a entoação apropriada. Texto, locução e sonorização atingiram, portanto, o objectivo: prender quem ouvia, naquela noite, o mais caro de quantos programas de Rádio se fez e se faz em Angola.

O estilo do texto, porém, soava a conhecido. Aquela sensação de «já li isto em qualquer lado», sabem como é?, acentuava-se à medida que as palavras desentranhavam emoções antigas e profundas. Mas não se dissera quem era o autor e presumia-se, portanto, ser aquele um trabalho de quem chamou a si a responsabilidade de fazer o programa ou de algum dos seus directos e humildes colaboradores.

Mas o estilo, a profundidade dos conceitos, a maneira clara e directa de contar as coisas propunha duas hipóteses: ou se tinha descoberto um novo valor das Letras portuguesas ou...

A inquietação da pergunta sem resposta ficou adormecida até os misteriosos maquinismos do cérebro acharam a resposta: «As Chaves do Inferno» de Ferreira da Costa. Estão lá os três textos.

(Que me desculpem o parenteses pessoal: Ferreira da Costa foi meu Mestre, meu Amigo nas horas difíceis, meu guia e meu pai espiritual. Continua a sê-lo, contra tudo e contra todos, apesar dos sorrisos de gozo fácil, apesar das críticas, apesar da má-vontade que se ergueu contra o seu nome, com razão ou sem ela, isso nem me interessa...).

Ferreira da Costa tinha morrido há dias. Era, portanto, ocasião oportuna para lhe recordar o nome que, queira-se ou não, marcou uma etapa decisiva na evolução da Imprensa angolana. De qualquer modo, ele era o autor dos três belos textos — e há uma coisa chamada «propriedade literária», para não se falar em ética e coisas assim...

Que se transcrevam, tal-qual, artigos dos serviços de agência do «Diário Popular», enfim... Agora assumir a paternidade do trabalho de alguém como Ferreira da Costa, numa Emissora Oficial, para mais, ultrapassa o plágio e atinge a desvergonha.

M. P

DÁS-ME UM CIGARRO?

O miúdo tinha uma ideia fisgada. Propunha-se engraxar-me os sapatos e cravar-me um cigarro. Fui na primeira e, na segunda, após uma hesitação de segundos, fui também. Apercebi-me da satisfação do puto e da reacção indignada de vários presentes. Uma senhora, distintíssima, sufocou exclamações menos distintas e um tanto ofensivas sobre a minha integridade moral. Um cavalheiro resmungou algo contra degradações e conceitos similares. Mas o miúdo estava contente porque o cigarro era de filtro e porque assim evitava apanhar beatas do chão durante um pedaço de tempo. Ignoro o tempo que demoraria, aliás, a desejar outro cigarro.

A verdade, por muito feia ou muito triste que seja — depende da maneira de sentir — é que um miúdo que pede cigarros é porque já se habituou, de há muito, a fumá-los e a arranjá-los seja de que maneira for. Apanhados do chão, pedidos a quem passa, trocados pelos tostões que arranja a engraxar sapatos. É evidente que não proponho — Deus seja louvado! — distribuição gratuita e benemérita de tabaco a crianças viciadas no... Dei um cigarro a um miúdo da mesma maneira que lhe teria dado um chupa-chupa ou um bolo. Dei-lhe um cigarro porque ele me pediu e porque me apeteceu. Ou talvez porque não há nada mais giro que o sorriso contagiante de um garoto satisfeito...

M. G.

VASSOIRAR

Sabe-se agora, desde que o dr. Marques Palmeirim assumiu a presidência da Municipalidade luandense, que eram fundadas, e bem, muitas das críticas que se fizeram, quer pela Imprensa, quer pelo público anónimo, à actuação de numerosos serviços camarários.

Com efeito, raras terão sido as sessões dos novos edis em que não seja anunciada, de forma clara e insofismável, a «desorganização» interna desta ou daquela repartição. Fica-se ainda a saber que boa parte dos funcionários não correspondem ao que deles seria lógico esperar, no desempenho de funções que exigem dinamismo, algum sacrifício e, sobretudo, boa dose de competência.

Os «bem-intencionados» encontrarão — adivinha-se — «montes» de razões para que as coisas continuem como até aqui, defendendo, implicitamente, os pequenos feudos em que, aos poucos, se foram transformando algumas das repartições incriminadas. É de esperar, porém, que as promessas enérgicas do actual presidente sejam cumpridas e quanto mais depressa melhor.

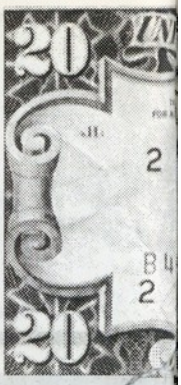
As exigências de uma cidade como Luanda, já não se compadecem com paliativos nem com «soluções de compromisso»; pois se os funcionários não servem, que sejam afastados, simplesmente. E rapidamente.

Uma dúzia ou duas de pessoas lesando os interesses de toda uma comunidade, é inadmissível. Entretanto não faltará apoio ao dr. Marques Palmeirim para «limpar a casa»: meio-milhão de luandenses ainda confia nele.

JAIME MOREIRA

ANTÓNIO CRUZ: MATA BICHO

O CASO DOS DÓLARES FALSOS



REPORTAGEM DE VENTURA MARTINS E ANTÓNIO CRUZ

Luanda, 8 de Abril, 11 horas da noite

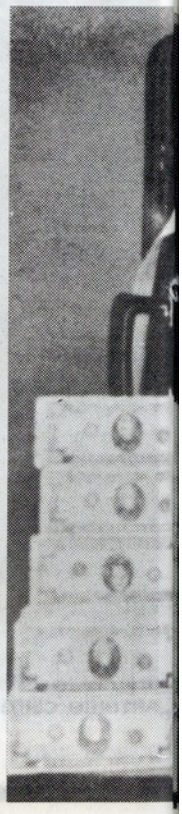
Relativo sossego no retiro de fados da rua Lopes Lima. Entre uma ou outra interpretação castiça o ruído suave dos exaustores, o ronronar do aparelho de ar-condicionado e o tilintar de cubos de gelo nos copos. Para os boémios a noite era ainda criança.

Os dois tipos que entraram mesmo que fosse desconhecidos não enganariam o mais novato dos barmen. Eram Polícias, claro. No entanto, poucos dos frequentadores se aperceberam da diligência discreta dos dois agentes da Polícia Judiciária. Limitaram-se a chegar a uma mesa e a convidar dois dos seus ocupantes a acompanhá-los, saindo os quatro em seguida.

Entretanto a noite fez-se gente e o incidente esqueceu-se. Porém, pelas duas da manhã, os dois agentes da P.J. voltaram ao **Forcado.** De novo se aproximaram duma mesa e outros dois saíram com eles. Era demais. Quem resiste a um palpite? Assim, em menos dum fósforo alvitrou-se mais um famigerado caso de diamantes. Todavia, um comentário que passou despercebido levantou a ponta do véu: «Um desses não era o que trocou uns dólares?»

Nova Lisboa, 15 de Abril, duas horas da tarde

Os empregados da SILKOR pagaram as bicas, após o almoço e atravessaram a rua para retomar o serviço. De súbito, à entrada da oficina, três homens intrometem-se e num abrir e fechar de olhos um dos empregados via-se algemados. Tratava-se do impressor António Carlos Mateus. Identificados como elementos da Polícia Judiciária, um inspector e dois



Para os peritos, as notas de 20 dólares falsificadas não eram tão perfeitas como isso. Para o público, porém, estavam impecáveis. Os falsificadores conseguiram até um papel com estalido idêntico ao do utilizado na moeda corrente. Ao lado: Quarteirão onde se desenrolou toda a falsificação das notas, 1: residência do impressor Mateus, 2: Silkor, a oficina onde foi impresso o papel-moeda, 3: O estabelecimento comercial do principal instigador deste caso de falsificação

O CASO DOS DÓLARES FALSOS

agentes idos de Luanda, procuraram o proprietário da tipografia, Carlos Cruz.

«Fiquei estupefacto, como pode calcular. Dias antes havia regressado de Lisboa e não fazia a mais leve ideia do que podia ter-se passado. Estava a procurar por tudo em ordem porque todos os trabalhos que deixara preparados antes de ir para Lisboa estavam por acabar quando regressei. Os clientes protestavam mas o pior do prejuízo recaía sobre a minha firma. Quando a Polícia me entrou por aqui comecei a suspeitar de qualquer coisa, mas nunca de nada com as dimensões do que realmente se passou. Anui imediatamente ao pedido de busca e quando me ordenaram que encerrasse a secção de fotolito liguei os fios e não foi difícil imaginar que tinham andado a fazer alguns dos meus empregados na minha ausência».

Uma das primeiras medidas tomadas pelo inspector foi recolher amostras de papel. Depois perguntaram por Alberto Sousa, litógrafo. Já ali não trabalhava, informou Carlos Cruz.

«Despediu-se enquanto estive para Lisboa — contou-nos também o proprietário da tipografia. — Foi trabalhar para Benguela. Enquanto explicava isso, dois dos agentes subiram ao segundo andar, à residência de Carlos Mateus. Quando desceram, traziam com eles uma série de embrulhos. Agora já não podia haver dúvidas. Pelas cinco da tarde, os agentes disseram-me que iam almoçar e pediram-me para ficar na oficina mais um pouco. Prontifiquei-me em acompanhá-los ao Lobito, se o desejassem, uma vez que eu podia identificar o Sousa mais facilmente e porque nem eu nem a Polícia possuíamos fotos dele. Parecia que ficavam encantados com a ideia e preveniram-me que estivesse preparado. Realmente telefonaram-me no dia seguinte, mas já estavam no Lobito. Lá fui...»

Benguela, uma noite agitada

Carlos Cruz prossegue :

— Em Benguela lá andámos às voltas. Supunha eu que só se procurava o meu ex-empregado. De súbito porém, o nosso carro trava e os agentes dirigem-se para um «Mercedes». Dois ocupantes do carro foram deti-

FERNANDO GONÇALVES LAGES E ISMAIL MUSSA FAQUIR

ANTÓNIO CARLOS MATEUS E ALBERTO COSTA SOUSA, O IMPRESSOR E O LITÓGRAFO

CARLOS ALBERTO MAIA HEITOR E JOÃO FERNANDO HEITOR MENDES (TIO E SOBRINHO)

FAUSTO DA CONCEIÇÃO CASTANHEIRA E GERMANO GARCIA ARAÚJO

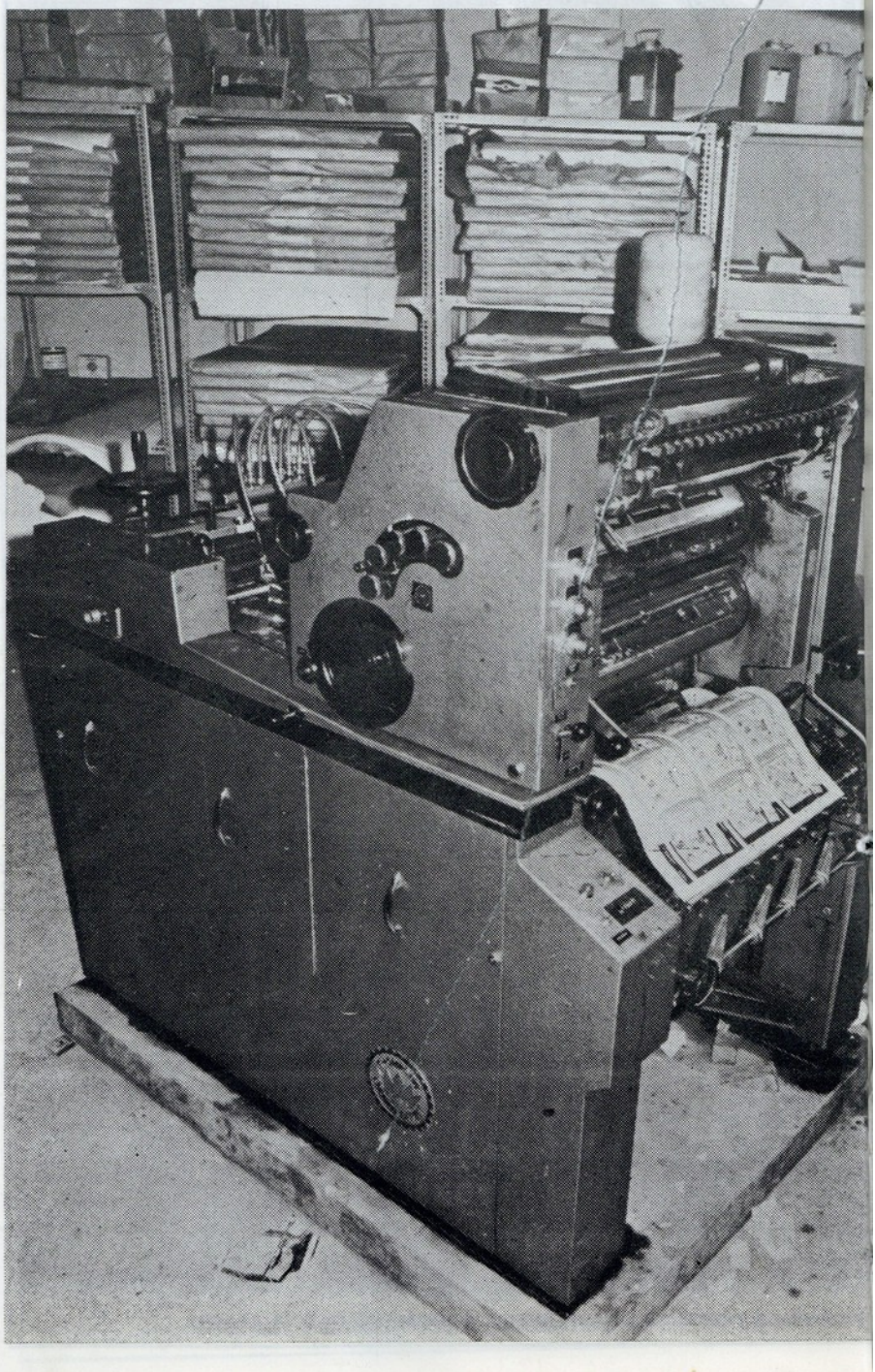
CARLOS CRUZ

dos e um outro que tinha ido à pensão em frente foi detido pouco depois. Passam então busca ao «Mercedes» e encontram uma mala. Deixam os detidos na esquadra, mais a mala (cheia de dólares, soube depois) e seguimos, para o autódromo de Benguela. À entrada vi o camião do tio do meu vizinho Heitor. Nessa altura não pensava sequer que ele também estivesse envolvido no caso. Os agentes dirigiram-se a um grupo que estava a montar uma barraca de feira e eu fiquei junto do carro. Qual não é o meu espanto quando vejo, minutos depois, os agentes regressarem com o meu vizinho Heitor e o tio.

Em Nova Lisboa, o caso dos dólares falsos é assunto de todas as conversas. Por isso falar com Carlos Cruz sem ter um monte de ouvidos à volta é extremamente difícil. Há

O CASO DOS DÓLARES FALSOS

Esta foi a máquina de «offset» de onde saíram os dólares que iriam resolver o problema cambial de muito boa gente. Ao lado, o «Alfa-Romeo» e o «Mercedes» apreendidos pela Judiciária, onde foram encontradas quantidades substanciais de notas falsificadas e cerca de quinhentos contos em moeda angolana



sempre uma pessoa que se aproxima e quer também saber pormenores. Geralmente trás com ele mais uma achega, um daqueles boatos ainda frescos. É preciso esperar uma aberta e convencer Carlos Cruz a continuar no escritório, sem ouvidos indiscretos.

«A primeira vez que vi os dólares foi em Benguela, no autódromo, quando na presença do meu vizinho Heitor e do tio, a Polícia abriu o porta-bagagens do «Alfa-Romeo» do Heitor. Só naquela altura me apercebi da extensão do caso. Havia ali dólares que davam para equilibrar o problema cambial de muito boa gente!

Entretanto, nada de vislumbrar Alberto Sousa. Um dos agentes, porém, já sabia que ele vivia com uma tipa do «Dominó». No fim de contas eu não ajudei em nada. Nessa noite, no cabaret, o Sousa não apareceu; De resto não era costume dele lá ir. Mas, por lá, já se constava qualquer coisa. Houve até quem me prevenisse de que corria no «jornal da caserna» que na minha oficina fazia-se «papel», ainda que não se relacionasse o nome do meu ex-empregado Sousa com o caso. Na manhã seguinte, quando voltei a encontrar os agentes da P.J. soube que o Sousa já estava detido. Voltei para Nova Lisboa. É tudo quanto sei...»

A orientação das investigações coube ao inspector Cavaleiro Sanches. Colaboraram com ele os agentes Mendonça e Cordeiro. Foram inexcedíveis de zelo. De Nova Lisboa saíram para Benguela sem levarem com eles uma muda de roupa. Foi uma decisão súbita que as circunstâncias aconselhavam, apesar de forçar a mais de uma noite sem dormir.

Se bem que as investigações não estejam terminadas, julgamos estar face a um dos maiores casos do género registado no País. Como é norma, os agentes guardam reservas sempre que os interpelamos: «Logo terão um comunicado», prometeu o inspector, acrescentando: «Por ora é tudo quanto se pode adiantar sobre o caso».

COMUNICADO DA POLÍCIA JUDICIÁRIA

Com a finalidade de se esclarecer e tranquilizar a opinião pública, informo:

A) — A Secção Central da Polícia Judiciária de Angola desmantelou, completamente, uma rede de falsificadores de papel moeda.

B) — As notas falsificadas, eram todas de vinte dólares Americanos.

C) — Encontram-se detidos, sem admissão de caução, os indivíduos a seguir identificados:

Eugénio Rodrigues da Assunção, de trinta e quatro anos de idade, motorista:

Joaquim Fernando Azevedo de Araújo, de vinte e um anos de idade, vendedor de livros;

António Antunes Fernandes, de trinta e três anos de idade, cortador de calçado;

Joaquim Francisco da Silva, de quarenta e seis anos de idade, viajante;

António Carlos do Carmo Mateus, de trinta e nove anos de idade, impressor;

Carlos Alberto Maia Heitor, de trinta e cinco anos de idade, proprietário de diversões públicas;

João Fernando Heitor Mendes, de vinte e oito anos de idade, industrial;

Fausto da Conceição Castanheira, de trinta e seis anos de idade, comerciante;

Germano Garcia de Araújo, de trinta e três anos de idade, ex-funcionário público;

Alberto Costa de Sousa, de vinte e oito anos de idade, litógrafo;

Ismail Mussa Faquir, de vinte e cinco anos de idade, embarcadiço;

Fernando Gonçalves Lages, de vinte e oito anos de idade, motorista;

Foi ainda detido um outro indivíduo que, por nada se ter apurado contra ele, foi restituído à liberdade, sem formalidades, dois dias após a detenção.

D) — Por se julgar relacionados com a infracção, foram apreendidos os seguintes objectos:

Uma máquina impressora de off-set, marca Thompson, propriedade da tipografia Silkor, sita em Nova Lisboa;

Um turismo marca Mercedes;

Um turismo marca Alfaromeo;

Cerca de quinhentos contos que se presumem fruto da actividade ilícita;

Quatro zinco-gravuras e dez películas foto-litográficas de off-set que terão sido utilizadas na produção das notas falsas;

Duas malas, contendo na totalidade, um milhão e setenta e dois mil dólares falsos;

Cinco maletas que terão sido utilizadas no transporte de quantidade indeterminada de notas do mesmo tipo e fabrico. Porém, essas notas não foram apreendidas porque o João Heitor, na companhia do Lages, as haviam destruido pelo fogo.

Em diligência directa ao local, observou-se a existência de grande quantidade de cinzas e foram recolhidos vários fragmentos das mesmas notas semi-carbonizadas.

Supõe-se que esta destruição haja sido motivada pelo facto de aquelas notas apresentarem notáveis defeitos de fabrico, ou então porque os delinquentes persentiram a acção da Polícia, destruindo tantas quantas tinham à mão, pormenor este que não está ainda devidamente esclarecido.

E ainda apreendidos:

Uma granada de mão ofensiva de guerra que se julga inoperacional;

Duas pistolas carregadas e um carregador suplente;

Três espingardas;

Dezoito películas foto-litográficas, reproduzindo notas de mil pesetas mas que não passaram de actos preparatórios.

E) — A referida tipografia foi utilizada para o fabrico das notas, durante a ausência em Lisboa, do seu proprietário que esteve sempre alheio às actividades criminosas.

F) — Devido à subtracção de cerca de dez mil dólares ao arguído Mateus em Sá da Bandeira onde se encontrava acidentalmente, subtracção esta cometida pelos arguídos António Carlos Andrade de Almeida e Joaquim Francisco da Silva e passados por estes em conivência com os arguídos Eugénio Rodrigues da Assunção e Joaquim da Silva, foram lesados os seguintes indivíduos:

Um empregado da construção civil que cedeu a quantia de dezassete mil escudos por seiscentos dólares da mesma origem;

Um industrial de Luanda que não chegou a ser lesado, graças à rápida intervenção da Polícia, pois iria fazer um empréstimo de cem mil escudos, garantido por quatro mil dólares falsos que já tinha em seu poder;

Um outro industrial que entregou setenta e cinco mil escudos, a troco de três mil dólares;

Dois comerciantes lesados em quatro mil e oitocentos escudos por troca de cento e sessenta dólares;

Um industrial de hotelaria que recebeu duzentos e quarenta dólares para liquidação dum débito destes arguídos.

G) — Dos dólares subtraídos ao Mateus, foram já recuperados nove mil e oitenta.

H) — Muito embora dois indivíduos radicados em Moçambique e vindos a este Estado de Angola, já tivessem sido contactados para introduzirem parte destas notas naquele Estado, não há indícios de que tenha havido passagem das mesmas para fora do Estado de Angola pelo que julgamos de afastar qualquer relação entre este caso e as notas de dólares falsos que nos consta terem aparecido na Metrópole.

I) — Para se inteirar do curso das investigações e proceder à legalização das detenções efectuadas, deslocou-se a Nova Lisboa, o Director da Polícia Judiciária.

J) — Constitui este comunicado um esclarecimento ao público a fim de evitar especulações e se propalem boatos perniciosos e inquietantes.

E ao mesmo tempo, um alerta e um convite a todos os possíveis lesados para que denunciem sem receio e com a maior rapidez, as circunstâncias em que o foram, não obstante seja convicção dos responsáveis pela investigação que não haverá mais ofendidos, em virtude da tempestiva acção das autoridades e a conjugação dos dados que possuimos.

Inspecção da Polícia Judiciária em Nova Lisboa, aos vinte e cinco dias de Abril de mil novecentos e setenta e quatro.

O INSPECTOR
C. S.

inquérito

A menos de 15 dias do início do torneio inter selecções, que está a ser aguardado com natural ansiedade, uma vez que não há meio de se conhecer o lote dos oito jogadores que constituirão a «nossa» equipa. Fernando Cruzeiro *finta* os repórteres, com bons modos é certo mas sem objectividade, preferindo refugiar-se numa defensica cautelosa. Um indício do que vai ser a toada da turma representativa da cidade de Luanda ?

O regulamento da prova, porém, obriga a que seja enviado à Federação Portuguesa de Patinagem, 15 dias antes do torneio, os nomes dos oito elementos que comporão as quatro equipas. Não garantimos que, quer de Moçambique, quer de Luanda, não tenham já sido enviados esses fundamentais esclarecimentos ao principal organismo da modalidade. Mas estamos em crer que os CTT irão bater todos os recordes de morosidade e a F.P.P. terá o desgosto de, possivelmente, vir a conhecer a constituição de algumas das turmas aí uma meia hora antes do primeiro jogo, que será Lisboa-Lourenço Marques, seguindo-se o Porto-Luanda.

Cumpridores como somos das regras e dos articulados dos regulamentos é de crer, portanto, que já tenham sido indicados os oito jogadores da nossa selecção, mas Fernando Cruzeiro e Rui Aires guardam segredo...

Daí que tenhamos improvisado um inquérito relâmpago a fim de indagar qual seria a selecção ideal.

Começámos por Maria Alberta, secretária, e parece que nem tínhamos começado mal: Chalupa!

— E os outros ?

— Quais outros ? Não sei... nunca fui ao hoquei...

O mais seguro, pelos vistos, seria ir mesmo ao hoquei. Fomos e começamos pelo porteiro Fernando Rodrigues:

— Ora ponha: Valadão, Abel, Zé Manel, Chalupa e Pinto. A suplentes: Pauleta, Silva e Joel.

Depois um árbitro: José Moreira, escolheu: Pauleta, Abel, Silva, Zé Manel, Sequeira, Pinto, Chalupa e Branco.

Um relator desportivo: Varela Soares:

— A equipa alinha da seguinte forma: na baliza Pauleta e Helder; Chalupa, Sampaio, Pinto, Joel, Abel e Mangericão. Este Mangericão está em excelente forma e, sem dúvida, merece justa consagração.

Dirigente da «Provincial», Fajardo Ferreira, quis esquivar-se a seleccionar, mas lá se convenceu, sublinhando, contudo, que se limita a expressar a opinião de quem vê os jogos da bancada e não quer de forma alguma intrometer-se com o trabalho dos responsáveis: Pauleta, Saraiva, Silva, Chalupa e Pinto; Magalhães, José Manuel e Maurício.

Outro dirigente, Carlos Morim, preferiu: Pauleta, Saraiva, Zé Manuel, Silva, Chalupa, Pinto, Rodrigues e Valadão.

Entre os jogadores ouvimos Nápoles:

— Preferia não me meter nisso, mas vá lá: como efectivos: Branco, Zé Manel, Silva, Carlos Chalupa e Pinto; a suplentes: Pauleta, Saraiva e Rodrigues.

No intervalo do jogo que efectuou contra o Sporting, o eng.º Bauleth escolheu: Helder, Silva, José Manuel, Chalupa e Maurício; com Branco, Sampaio e Pinto a suplentes.

Entre os espectadores da bancada:

Mário Coelho, montador de offset: Pauleta, Saraiva, Silva, Zé Manuel, Chalupa, Pinto, Rodrigues e Catarro.

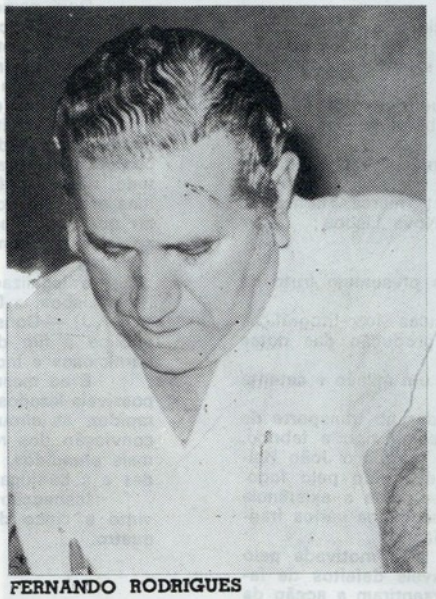
Paulo Pimenta, empregado comercial: Pauleta e Valadão a guarda-redes, Silva, Zé Manuel, Pinto, Chalupa, Saraiva e Maurício.

Fernando Júlio Cardoso, empregado de escritório: Pauleta, Zé Manuel, Silva, Chalupa, Pinto, Rodrigues, Joel e Valadão.

Pelos vistos, as dúvidas e reservas parece residirem todas no parceiro para Chalupa. No fim de contas essa deve ser também a principal preocupação do seleccionador.

MARIA ALBERTA

JOSÉ MOREIRA

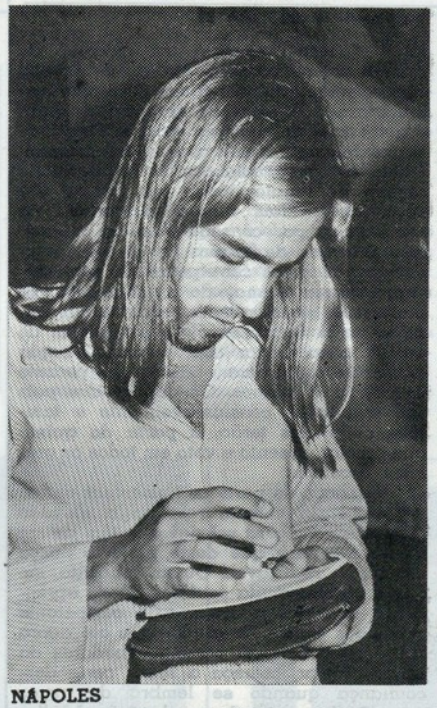


FERNANDO RODRIGUES

VARELA SOARES

QUEM JOGARÁ PELA SELECÇÃO DE LUANDA?

CARLOS MORIM

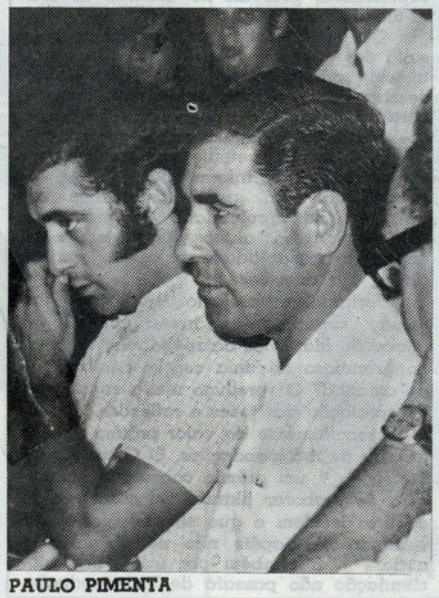


NÁPOLES

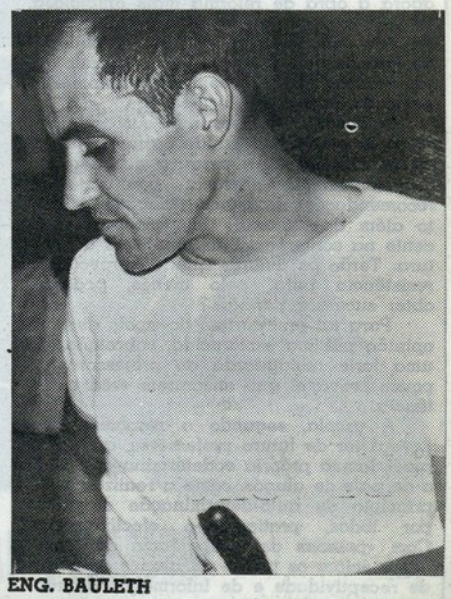
FERNANDO JÚLIO CARDOSO

MÁRIO COELHO

FAJARDO FERREIRA



PAULO PIMENTA



ENG. BAULETH

TEMAS ACTUAIS

EDUCAÇÃO

REVOLUÇÃO DO ENSINO NA ALEMANHA?

POR HANS HELMER BOLTE

Há alguns meses atrás os peritos do Conselho Alemão de Educação apresentaram um parecer no qual se recomendava maior independência da escola em relação à administração e uma mais intensa cooperação entre professores, alunos e pais.

Isto poderá significar o fim da escola tradicional, tão revolucionária surge a ideia.

O relatório toma por ponto de partida o «plano de estruturação da educação alemã», publicado há quatro anos, completando os seus objectivos educacionais e de formação, desde o jardim escola à Universidade. Formula propostas precisas e pormenorizadas sobre a democratização do ensino, assim como o da administração escolar.

Esta «democratização» é tema de discussões numerosas entre os partidos políticos alemães, que insistem em criar na Escola uma situação social capaz de garantir a livre auto-realização de cada indivíduo. Quanto ao desenvolvimento de mecanismos institucionais para se atingir esse objectivo, as opiniões divergem.

Esta discordância alimentou o conflito entre os ministros da educação já quando da elaboração e discussão das leis universitárias e impediu — pelo menos até agora — um acordo a nível federal. Esta falta de uniformidade reduziu também até agora a obra de reforma mais ambiciosa, ou seja a promulgação de um plano geral da educação para o próximo decénio, a declarações de intenções que, quanto ao seu conteudo só representam compromissos numa medida muito restrita.

O observador pergunta, surpreendido, se os autores deste estudo agiram infinitamente imbuídos de esperança, ou querendo conscientemente provocar, porquanto as recomendações de democratização vão muito além do limite de tolerância prevalecente na conferência dos ministros da cultura. Terão os autores querido provocar a resistência para, pelo menos, poderem obter sucessos parciais?

Para tal precisariam do apoio de uma opinião pública esclarecida, sobretudo, de uma forte rectaguarda de professores. É pouco provável que encontrem essa assistência.

A escola, segundo a recomendação, deverá ter de futuro professores, que compreendam a própria codeterminação, como a de pais de alunos, como a realização do princípio de auto-determinação de todos por todos, praticando-o efectivamente. Com «pessoas de competência diferente» — ou sejam os pais e os alunos de graus de receptividade e de informação diferentes — desenvolver-se-á um processo de aprendizagem comum. Em meio dia de cada semana fixarse-á, em trabalho comum, o que se pretende aprender, ensinar, e qual a feição a dar ao ensino. Para que os pais possam decidir com melhor conhecimento de causa, colaborarão de futuro, em regime de regularidade, nas turmas dos seus filhos. Mais auto-administração na escola terá por consequência um dificultoso processo de grupos de discussão resistentes a forças centrípetas. Os professores de uma turma, de uma escola, os professores especializados das várias regiões terão de desenvolver programas de ensino a coordenar com a administração escolar e a justificar, finalmente, perante os pais e os alunos. Os direitos dos pais são ampliados consideravelmente e também os alunos terão, a partir do quinto ano escolar, assento e voto em todos os grémios escolares.

Deixando de parte as numerosas outras sugestões do estudo, ressalta o elevado grau das condições prévias que têm de ser cumpridas para que deste projecto nasça um plano realizável. Quem concorda em que é preciso muita confiança para aprender a exercitar a cooperação competente de alunos e pais, de grupos que até agora só se compreendem como recebedores da oferta escolar, começa a sentir certa desconfiança quando se lembra das suas experiências pessoais no domínio do dia-a-dia da escola.

Quem não sabe que os dias de consulta dos pais são vias de regra dias bem tristes, caracterizados pela incapacidade de chegar a soluções, comum a ambas as partes. O professor conhece a participação dos pais quase exclusivamente sob forma de protesto incompetente, considera a sua disposição de dar informações como sendo uma oferta sem grande eco. Sem um conhecimento aprofundado da problemática, os pais e os alunos não podem assumir a responsabilidade pela sua participação nas decisões.

Portanto, um projecto imprestável? Um estudo supérfluo de investigadores da educação afastados da realidade? Um plano grandioso de uma escola democrática de amanhã? O veredicto muda segundo a interpretação das teses e reflexões, depende essencialmente do valor prático que se atribua às recomendações. O Conselho da Educação é um grémio consultivo, incumbido de elaborar planos. Os ministros da cultura decidem o que se deve fazer. Invertendo os papéis não se chegaria a nada. E também por isso esta recomendação não passará de recomendação.

POLUIÇÃO

POLUIÇÃO E PAÍSE EM VIAS DE DESE

Importará muito um pouco de fumo, se ele é o preço que temos de pagar pelo desevolvimento industrial, e a criação de empregos? Os países industrializados podem dar-se ao luxo de purificar a atmosfera e os rios; os outros, têm tarefas mais urgentes.

Eis uma das declarações mais escutadas nos debates internacionais sobre a problemática do desenvolvimento e a contaminação do meio ambiente. Muitos pensam, todavia, que se alguma vez se fechar o abismo entre pobres e ricos, nada deverá constituir obstáculo, para a expansão industrial, pois não pode haver prioridade maior que a do desenvolvimento.

É óbvio, porém, que os problemas da poluição não são iguais por toda a parte. Nos países em vias de desenvolvimento a deterioração do meio ambiente não resulta só da pobreza mas sim da abundância.

Um país industrializado pode, se o desejar, destinar verbas importantes para a purificação do ar nas suas cidades «abafadas» pelo SMOG (nuvem de substâncias tóxicas) ou para o repovoamento piscícola dos seus rios. Em contrapartida, um país menos desenvolvido que, por exemplo, sofra uma contaminação de água corrente, como resultado da falta de instalações sanitárias, pode muito bem necessitar de ajuda externa para remediar a situação.

Na obra de cooperação técnica das Nações Unidas e da O.I.T., considera-se um axioma a incorporação urgente de medidas adequadas de protecção do meio nos programas de desenvolvimento. Os países pobres têm uma boa oportunidade de evitar alguns dos piores horrores e destruições que caracterizam o desenvolvimento das sociedades industrializadas, evitando-se assim a necessidade de solucionar, numa etapa futura, prejuízos no meio ambiente que são sérios e quiçá irreparáveis.

Nada põe em dúvida a importância do desenvolvimento social e económico. Porque a preocupação pelo meio ambiente deve constituir uma parte integrante do processo de desenvolvimento a partir do momento que este começa.

A conferência das Nações Unidas sobre o Meio Humano, realizada em 1972 em Estocolmo, formulou recomendações sobre diversos pontos que interessam aos países em vias de desenvolvimento: a habitação; o transporte; as águas correntes; a saúde pública; a migração e a colonização de terras; a administração dos recursos naturais; a produção agropecuária e a informa-

VOLVIMENTO

P. E. L.

ção. O desenvolvimento industrial e a população tendem a concentrar-se nas zonas urbanas. A imigração de multidões para as cidades causam toda uma série de males: deficiências de nutrição, enfermidades e pragas, transtornos sociais, uma sobrecarga para os recursos comunitários.

Por outro lado, muitos riscos espreitam o meio ambiente nas zonas tropicais: a deterioração do solo devido aos métodos constantes de queimar a vegetação para formar terras de cultivo; o esgotamento do terreno; a erosão; a seca e as inundações. A dependência intensiva das substâncias químicas na agricultura é um risco importante no mundo industrializado sendo-o também nos países mais pobres. A infiltração de fertilizantes, herbicidas, e outros no solo e águas provoca graves danos ecológicos.

A boa administração dos recursos naturais vincula-se na necessidade de uma política inteligente que implique uma determinada situação das indústrias e a eliminação dos seus resíduos. Pode citar-se um exemplo: a Índia onde a alta concentração de resíduos de zinco estavam a extreminar a fauna aquática. As autoridades sanitárias deste país idealizaram um tratamento para purificar os canais de saída e um de precipitação mediante o qual se pode recuperar mais de 80% do zinco.

O novo programa das Nações Unidas para o Meio Humano inclue um elemento essencial de coordenação que permite aos diversos organismos internacionais dedicar atenção crescente nos aspectos ecológicos da sua obra de cooperação técnica.

O Governo do Kowait colocou-se na vanguarda, solicitando assistência internacional para desenvolver um programa destinado a melhorar as condições sanitárias do trabalho através de uma luta contra a contaminação. Este projecto é executado pela O.I.T. em colaboração com a O.M.S.. Trata-se de um empreendimento típico das relações existentes entre o desenvolvimento e os problemas do meio ambiente, e mostra bem a necessidade de cooperação.

Num discurso pronunciado na Conferência de Estocolmo alguém afirmou que o verdadeiro conflito não só se gera entre a conservação dos recursos e o desenvolvimento, mas também entre o meio ambiente e a desenfreada exploração do homem e da terra em nome do progresso. Não há outra via — foi dito — senão a da cooperação à escala mundial na solução dos problemas ecológicos.

TEMAS ACTUAIS

RELIGIÃO

PARA CARMONA COM AMOR

IGREJA NOVA-IGREJA VELHA

POR JOAQUIM MOREIRA

Em recente e relativamente demorada passagem pela cidade de Carmona, fui encontrar o Sr. D. Francisco da Mata Mourisca no ambiente em que mais desejaria encontrá-lo: no meio do seu povo, uma porção do seu povo, representada num grupo de algumas dezenas de professores primários, reunidos durante as férias de março num curso de catequese. Tratava-se do jantar de encerramento, e dava gosto ver o ambiente de entusiasmo que ali se verificava, com o bispo a participar, entre anónimo e notado na sua batina branca, da euforia e das esperanças que quase se apalpavam.

Foi já depois do jantar, durante o convívio que continuou cá fora nos átrios do seminário, que não pude furtar-me a ouvir da boca de D. Francisco, e à maneira de amigo desafio, palavras mais ou menos como seguem:

— Há-de escrever um artigo a provar palavras que em tempos escreveu, dizendo que eu fizera afirmações antitéticas...

Recordo, textualmente, o que escrevi no número do Notícia de 10 de março do ano passado:

> «...quem ler a desassombrada homília do Senhor Bispo de Carmona, sobre a «Carta Pastoral dos Bispos de Angola sobre a Justiça», publicada em Notícia n.º 689, fica ainda mais intrigado, pois ali se dizem (talvez mais nas entrelinhas que nas linhas...) coisas tanto mais admiráveis e surpreendentes quanto estávamos habituados a afirmações bem diferentes e diria, antitéticas, na boca do mesmo prelado. Ali se vislumbram problemas bem graves, que não considero abuso qualificar **de problemas de relações entre Religião (Cristianismo) e Política**, e que bem podem assentar no refrão de que **a Religião não é assunto privado, inofensivo, mas exigência de vida**».

Tinha eu tentado então escrever algo sobre o que entendo sobre relações Religião-Política, e não encontrara maneira de o fazer em público no Notícia. E reparei que, **com maior autoridade**, o fizera por mim o Senhor D. Francisco.

.....

Fica-me agora para explicar a razão porque me surpreenderam (para muito melhor) as palavras desassombradas do primeiro responsável da Igreja católica no **explosivo distrito do Uíge**, expressão que também usei então:

É que eu tinha em mente uma conferência feita pelo Senhor D. Francisco, em Lisboa (nos Altos Estudos Militares?) e depois repetida em Luanda, no Museu de Angola, creio que em princípios de 1971. Ali se alinharam teses que continuo a considerar ambíguas, quando se traçava um paralelo entre crises nacionais da história e a sua relação com a baixa de fervor religioso e até com perseguições aos membros da Igreja católica, casos do Marquês de Pombal, de Joaquim António de Aguiar, e dos primeiros rompantes da Revolução Republicana em Portugal. Dali tirou D. Francisco conclusões que, a meu ver, em nada beneficiariam o clima de separação e autonomia autêntica que se pretende para a Igreja e Estado, em Portugal como em qualquer outro país.

Pareceu-me (e mantenho ainda tal convicção) que para se levantar com autoridade a voz profética de pregoeiros do Evangelho tudo convinha, menos acentuar ou estabelecer paralelos que, pelo menos, não seriam bem entendidos no nosso contexto real. Pareceu-me que seria andar para trás, que se atrazaria o processo de clarificação de relações entre a Igreja e o Estado, hoje tão na ordem do dia em tantos países ocidentais e não só. Pareceu-me, finalmente, que nos faltaria posteriormente a autoridade de se exercer uma certa função crítica, fundamental na missão da Igreja, em relação a situações sócio-económicas possivelmente menos certas.

Pareceu-me... e não tenho mais que dizê-lo com toda a simplicidade e franqueza, tanto mais tranquilo quanto animado por honroso convite em o vir aqui dizer.

Carmona, capital de um Distrito portentoso e carregado de problemas, está talvez em privilegiada situação para se tornar diocese modelo do que deve ser hoje a Igreja profética de Cristo. Aqui, os problemas têm de equacionar-se com profundidade e justeza, não deixando passar a graça do momento presente. E todos os cuidados são poucos para que não se dêem passos em falso.

São diversos os caminhos para Roma; são muitos os meios de se atingirem certos fins. Pode ser que as divergências sejam apenas aparentes ou que eu não tenha razão para notar uma evolução na palavra fluente e frequente de D. Francisco da Mata Mourisca. Ao dar este pequeno esclarecimento, não quero deixar de me congratular de novo com as palavras da homília do Senhor D. Francisco, oportunamente publicada pelo Notícia, há cerca de um ano. Sobre a Justiça. Na diocese e distrito de Carmona como em qualquer parte do mundo.

INVESTIGAÇÃO ESPACIAL

GRANDE ACTIVIDADE EM FRANÇA

POR JACQUES CHEMTOV

É grande a actividade na investigação espacial francesa. Vão efectuar-se numerosas experiências científicas com foguetões-sondas e com balões. Terminar-se-á um novo foguetão nacional que permitirá o lançamento de três satélites. E, paralelamente a França prosseguirá a sua colaboração com os Estados Unidos e a União Soviética à qual acrescentará uma nova cooperação com o Brasil, a Índia e o Japão. Mas o elemento primordial será, sem dúvida, o reforço da orientação europeia.

O primeiro grande projecto para este ano é o acabamento do lançador pesado «ARIANE», que pode pôr em órbita geo-estacionária cargas úteis de 750 kg, ou seja, os futuros satélites de aplicação. O segundo grande projecto, também europeu, é o Laboratório espacial «SPACE-LAB» que a Europa vai construir conjuntamente com os Estados Unidos. Este projecto assegurará a participação europeia na conquista do Espaço, que se iniciará no princípio do próximo decénio.

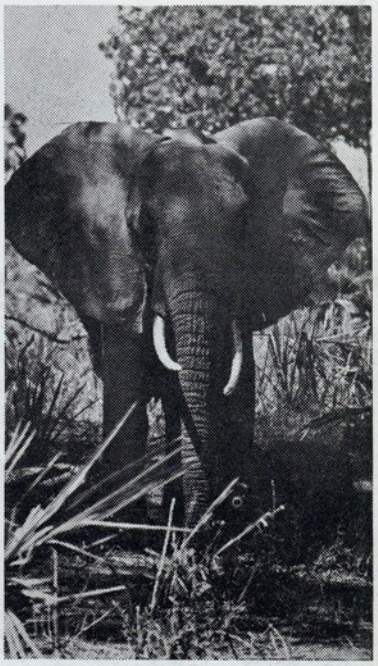
Mas a Europa espacial é ainda a possibilidade de preparar e de explorar, dentro dos próximos dez anos, diversos sistemas espaciais aplicados, com resultados económicos seguros. É assim que o projecto francês «DIOSCURES», que a Europa tomou a seu cargo com o nome de «AEROSAT», deverá permitir a fiscalização do tráfego aéreo e que o sistema britânico «MAROTS» deverá, quanto a si, facilitar a fiscalização do tráfego marítimo. O satélite franco alemão «SYMPHONIE» terá, a partir do ano que vem, um papel importante nas telecomunicações. E um outro sistema europeu de telecomunicações acaba também de ser decidido. Em meteorologia, a Europa, segundo uma proposta francesa, está a preparar o programa «METEOSAT» que será explorado à escala mundial. A França está firmemente decidida a prosseguir o seu papel de «pesquizadora de ideias» e de associar a Europa à sua realização.

Neste momento de crise energética poderia recear-se que o desenvolvimento da Europa espacial viesse a encontrar dificuldades. Ora não é o caso dado que se trata duma indústria de fraco consumo de energia e de grande fornecimento de empregos. E para mais, o seu desenvolvimento pode contribuir para a descoberta e exploração de novas fontes de energia. Finalmente a Europa entrou no caminho da exploração do espaço. E a França, que tanto contribuiu para isso, deseja continuar a ser uma das principais forças motrizes da obra comum, embora pretenda permanecer aberta à cooperação com todos os países que assim o desejarem.

Até 15 de Junho

O encontro com Lourenço Marques.
Conhecer ou matar saudades
de uma capital diferente.
Fazer amigos. Ou revê-los.
A emoção da viagem!

Alvo preferido do turismo
o litoral da Beira:
um congresso do lazer, do prazer,
com os mais belos corpos abandonando-se
à envolvente generosidade do sol!



O safari no Parque Nacional da
Gorongosa. A pujança da Natureza!
A verdade irrecusável da fauna
e da flora. Um estímulo empolgante
para a sua imaginação!

A compra de um colchão EDAL habilita-o ao prémio de uma viagem de ida-e-volta a Moçambique (L.Marques. Beira e Gorongosa), para duas pessoas, tudo incluído e um Seguro de Viagem da Confiança e Mundial de Angola.

A qualidade do colchão já é muito. A oportunidade do safari, agora, é muito mais! Até 15 de Junho!

edal
ESTOFOS DE ANGOLA, LDA.

O COLCHÃO QUE REALIZA O SONHO

TEXTO DE MOUTINHO PEREI

ENQUANTO SE DEC

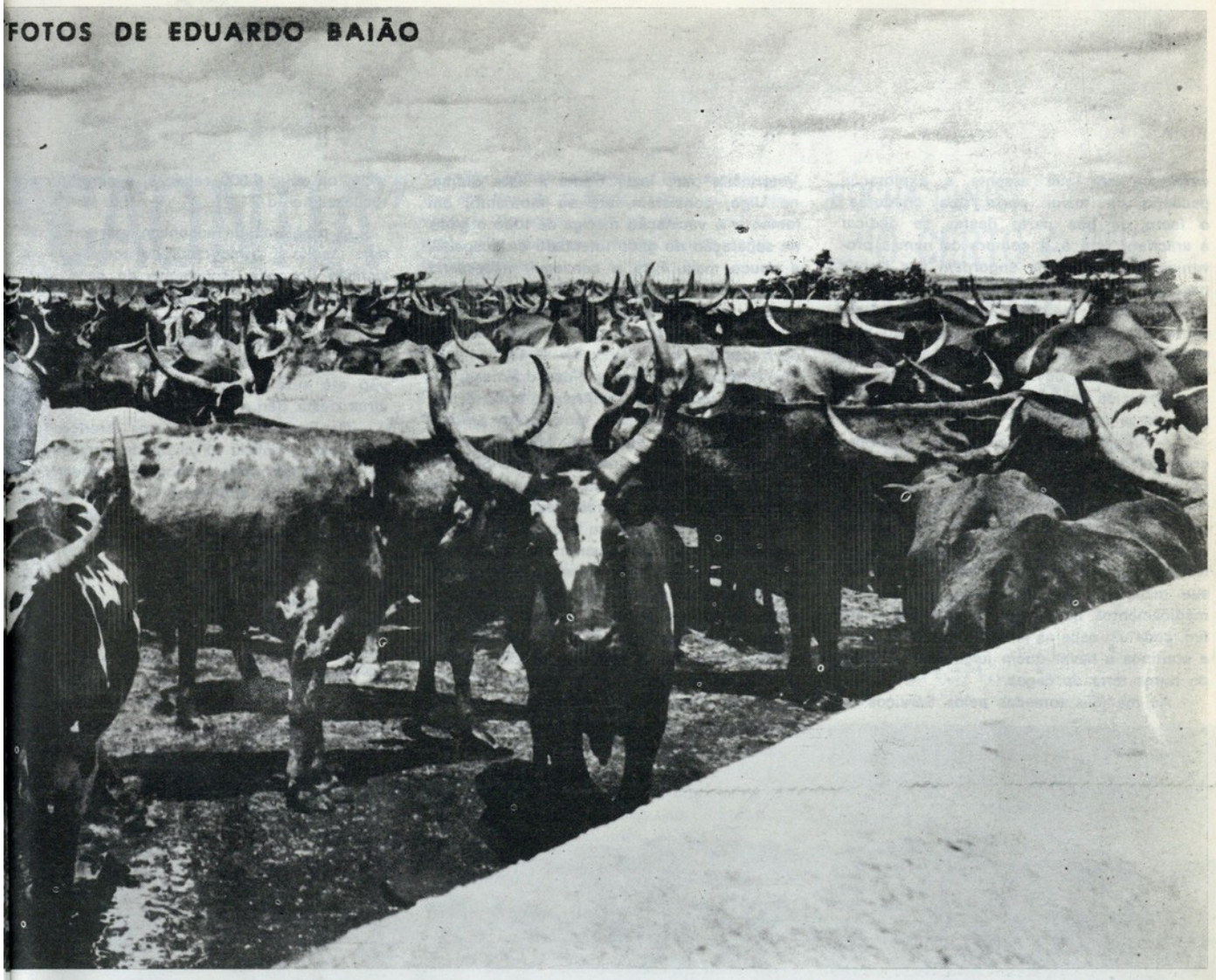
"CAONH

PECUÁRIA

A «caonha»—uma heri pneu monia de origem endémica, dizem os veterinários —, chegou em força ao Norte de Angola, pondo em sérios riscos a existência das explorações pecuárias, algumas já de grande vulto e elevados investimentos. O computo do armentio recenseado no distrito do Uíge ascende a 65 mil cabeças e sobre elas impende ameaça de morte gratuita. A curto prazo.

Sempre houve «caonha» no Sul do Estado, donde abriu caminho para o Centro e para o

FOTOS DE EDUARDO BAIÃO



DE E NÃO DECIDE...

A" MATA DO NORTE

Norte. Como foi possível gado doente forçar as ténues barreiras sanitárias é outra história, aliás uma história triste. Em princípio, não devia sair daquela área gado sem ser vacinado.
estão à vista.

Várias circunstâncias terão contribuido para que se definisse esta situação de crise. Entre elas citem-se as deficientes estruturas dos Serviços de Veterinária — que, no Uíge, se limitam a dois médicos veterinários, um deles militar e a três auxiliares de veterinária; os processos nitidamente

empíricos em que assenta a exploração pecuária da maior parte dos criadores; o facto de boa parte destes se dedicar à «recriar», isto é, à compra de nemas provenientes do Sul que engordam nas férteis pastagens e vendem, depois, com bom lucro.

Aconteceu também, até data muito recente, ser lucrativa a compra de gado proveniente do Sul para abate e consumo nos talhos do Norte, devido à diferença de preços, reduzida agora a mínimos não compensadores pelas novas tabelas.

A tudo isto há a acrescentar um facto comprovado: houve, no Norte, quem ao dar conta da existência de gado infectado, o vendesse em condições aparentemente excelentes a outros criadores da área, propagando assim a epidemia. E ainda hoje há, no Norte, quem garanta não ter «caonha» nas sua manadas, embora compre os mesmos medicamentos que os outros criadores. Enfim, cada um sabe as linhas com que se cose e continua a haver quem julgue estar vivendo numa terra de cegos.

As medidas tomadas pelos Serviços de Veterinária para fazer frente a este drama, no Uíge, consistem, até ao momento, em fomentar a vacinação maciça de todo o gado na separação do gado infectado ou suspeito, e pouco mais. Para o conseguir necessário se tornou o reforço do pessoal local com outros dois elementos destacados do Sul. Mas, trata-se de uma luta inglória e destinada ao fracasso.

A situação exige medidas drásticas, todos os responsáveis o afirmam, só que não foram, até ao momento, postas em prática. Estas consistiriam em por fim rápido aos intermediários que compram gado no Sul e o vendem no Centro ou no Norte; no estabelecimento de uma barreira sanitária eficaz entre o Norte e o Centro e o Sul; na efectivação de períodos de quarentena impostos a todo o gado deslocado, em parqueamentos destinados a esse fim específico; e no abate de todo e qualquer animal doente, ou suspeito de infecção. Esta última medida, agora — segundo a informação de técnico qualificado —, teria como consequência a morte de 10 por cento de todo o gado do Uíge, ou seja, 6.500 cabeças, a acreditar no recenseamento.

O problema da «caonha», portanto, parece insolúvel pelos recursos normais — vacinação do gado, isolamento do gado afectado e tratamento intensivo deste. E que mesmo quando «clinicamente curado», um animal vítima da «caonha», além de perder um pulmão, continua durante períodos que vão até sete meses e mais, a espalhar o virus desta peri-pneumonia.

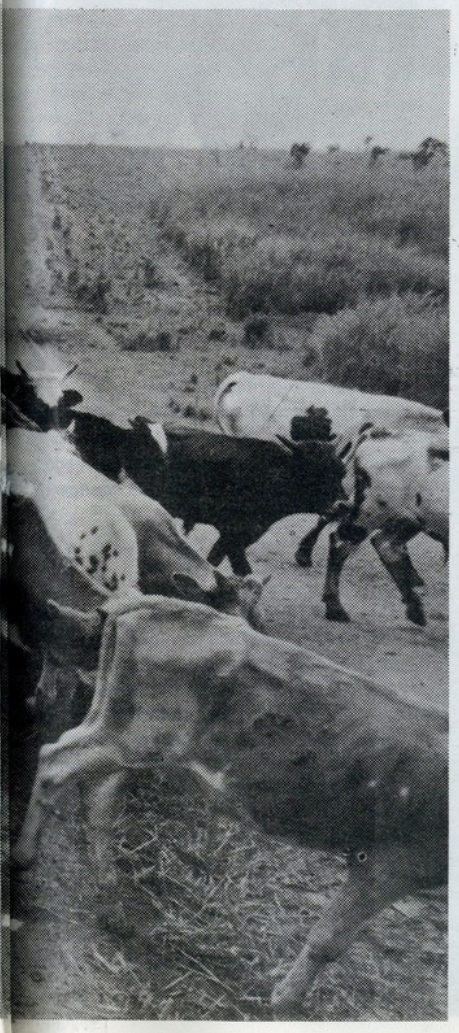
Na Rodésia, em 1925, nos arredores de Bulawaio, a polícia foi chamada para abater, a tiro, de uma feita, cinco mil cabeças de gado. O mesmo aconteceu na África do Sul, quando houve que enfrentar o mesmo problema. O mesmo aconteceu, ainda recentemente, em França.

O QUE DIZEM OS CRIADORES

Rocha Dinis, vice-presidente da Câmara de Carmona, homem do café e também do gado, possui à volta de 1.900 cabeças

"CAONHA" MATA

Bezes esqueléticas aguardam possível recuperação. Mesmo «clinicamente curadas» continuam a propagar a epidemia



«Os primeiros casos — diz — registaram-se em fins de Outubro, princípios de Novembro. De então para cá já me morreram umas cem cabeças e tenho outras cento e tal separadas.

O certo é que tenho gado vacinado e revacinado dentro, ainda, do prazo da vacina anterior e apareceu-me a epidemia em casa... Mesmo depois da revacinação ainda tive cinco ou seis casos de «caonha». Quer saber? Pois o mal disto tudo é a má técnica! A Veterinária não está apetrechada. Ainda há quatro anos propusemos comprar todo o material necessário à instalação, em Carmona, de um laboratório de análises sumárias. Que iam estudar... Continuamos a mandar para Luanda o material de análise.

«Está a ver? A única solução que temos é juntarmo-nos dois ou três e irmos à Rodésia ou à África do Sul contratar um técnico especializado. Também me pergunto porque é que não vão os nossos técnicos estagiar a esses países.

«E depois há mais coisas. Como é que posso fazer parqueamentos se não há arame farpado, mesmo arame liso, à venda no mercado? Os sais minerais, os banhos carracicidas, os medicamentos — às vezes, nem há. Nós olhamos para a Pecuária como uma diversificação. Fala-se muito em diversificação... Está aí o resultado».

(Um médico veterinário já nos dissera do problema das pastagens: «O solo é pobre em sais minerais e os animais sub-nutridos são presa fácil da peripneumonia dos bovinos»).

— Que vai fazer das cabeças separadas?

— Estamos a ver se engordam para as vendermos para abate.

Joaquim Cardoso Alcoforado já tinha gado antes de 1961. A maior parte dele trouxe-o, então, para dentro do arame farpado e serviu para alimentar a Carmona durante aqueles tempos difíceis. Voltou a lançar-se na pecuária em 1965.

— «Bem, nós somos recriadores. Compramos garrotes que vendemos na altura própria e outra parte é para consumo no meu talho. Ainda agora comprei, na Cela, uns 200 garortes que, de certeza, não estavam vacinados. Agora, tenho umas mil ou mil e cem cabeças, morreram umas trinta...»

— Quantas tem separadas?

— Agora? Hoje são dezassete. Mas amanhã? Disseram-me para vacinar o gado, tratei disso e não tinha essa m..... da «caonha» e passei a tê-la. Apareceu sempre no mesmo lote, aquele que comprei na Cela, gado cruzado, que veio logo a seguir à desmama, estava fraco.

— Quanto gasta em medicamentos?

— Em tempo normal à volta de três, quatro contos mensais. O mês pasasdo gastei dez, estão para aí as facturas, quer ver?

No Negage, João Francisco Ferreira havia de se excitar bravamente quando, em

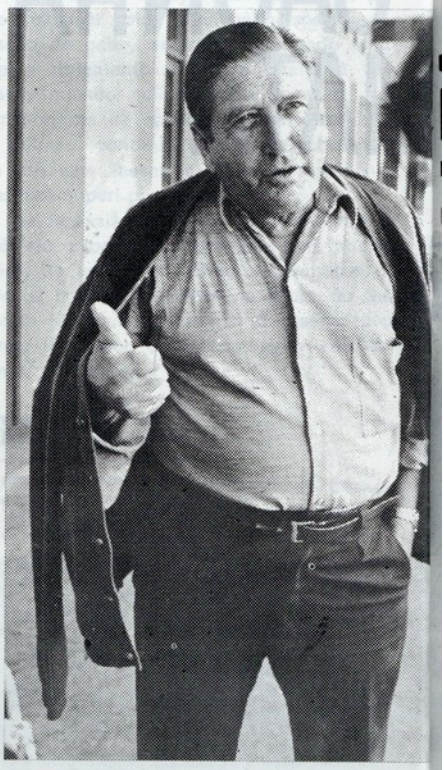
ROCHA DINIS: ..."O CERTO É QUE TENHO GADO VACINADO E REVACINADO DENTRO DO PRAZO DA VACINA ANTERIOR E APARECEU-ME A EPIDEMIA EM CASA..."

JOAQUIM CARDOSO ALCOFORADO:

"DISSERAM-ME PARA VACINAR O GADO. TRATEI DISSO E SE NÃO TINHA "CAONHA" PASSEI A TÊ-LA..."

JOÃO FERREIRA:

"...ELES SABEM QUE NÃO VOU EM CONVERSAS!"



conversa lhe dissemos que «quem tem, essencialmente, a culpa disto são os criadores».

— São os criadores? — gritou, os olhos fuzilando uma cólera antiga. Ora então f..... você mais as suas reportagens. E durante um bom minuto foi impossível fazer voltar a calma aquele velho, tão rijo quanto rico — e é-o muito —, há quase meio século ali fixado.

Impossível dizer-lhe que a culpa é dos criadores do Sul que vendem gado doente. Impossível dizer-lhe que a culpa é dos criadores do Centro e do Norte que compram gado doente, umas vezes sabendo disso, outras levados na sua boa fé. Felizmente que as suas cóleras são como as trovoadas no Uíge — dão forte e passam depressa...

Possui umas 3.500 cabeças, o ano passado morreram-lhe 70, este ano 22 «mas, para nós, o pior já pasosu...». A semana passada apareceram-lhe «mais dois casos, mas os animais já estão a recuperar».

— Sabe o que lhe digo? Bom... E o que se passa com a carne, essa história de darem prémios, de aumentarem os preços? A carne sempre esteve muito bem paga. Antes deste aumento houve quem fechasse os talhos. Pois o meu «no Negage», sempre esteve aberto e sempre deu lucro! Sabe o que lhe digo? Bom... Esta gente já não me chama para tratar destas coisas. Eles sabem que não vou em conversas. E você escusa de estar para aí a querer compor a manta! Disse ou não disse que a culpa era dos criadores?

Carlos Varandas não é bem um criador. Compra gado para engorda e abate, agora tem à volta de 850 cabeças. Quase todas se destinam ao talho que possui. Para a engorda, comprou há oito meses uma fazenda e, até agora, diz, que não teve problemas com a «caonha». Fomos encontrá-lo vigiando a vacinação e banho carracicida, ao lado de um dos dois técnicos veterinários vindos do Sul. Um propagandista da «Bayer» assistia à aplicação dos produtos:

— É provável que alguns produtos nossos venham a aumentar de preço — disse. Por enquanto estamos, ainda, a utilizar os «stoks» que possuíamos antes dessa história do petróleo. Como sabe, a maior parte dos nossos produtos são feitos à base de petróleo e é natural que venham a sofrer um encarecimento na origem. As coisas estão de tal maneira que a «Bayer» já teve que comprar matéria-prima no Japão.

«E ainda bem que vim porque estavam a fazer mal o banho. O produto tem que se dissolvido em água, fazer uma espécie de pasta, e só depois é que se deita para o tanque. Aqui estavam a deitá-lo directamente».

— Qual a diferença?

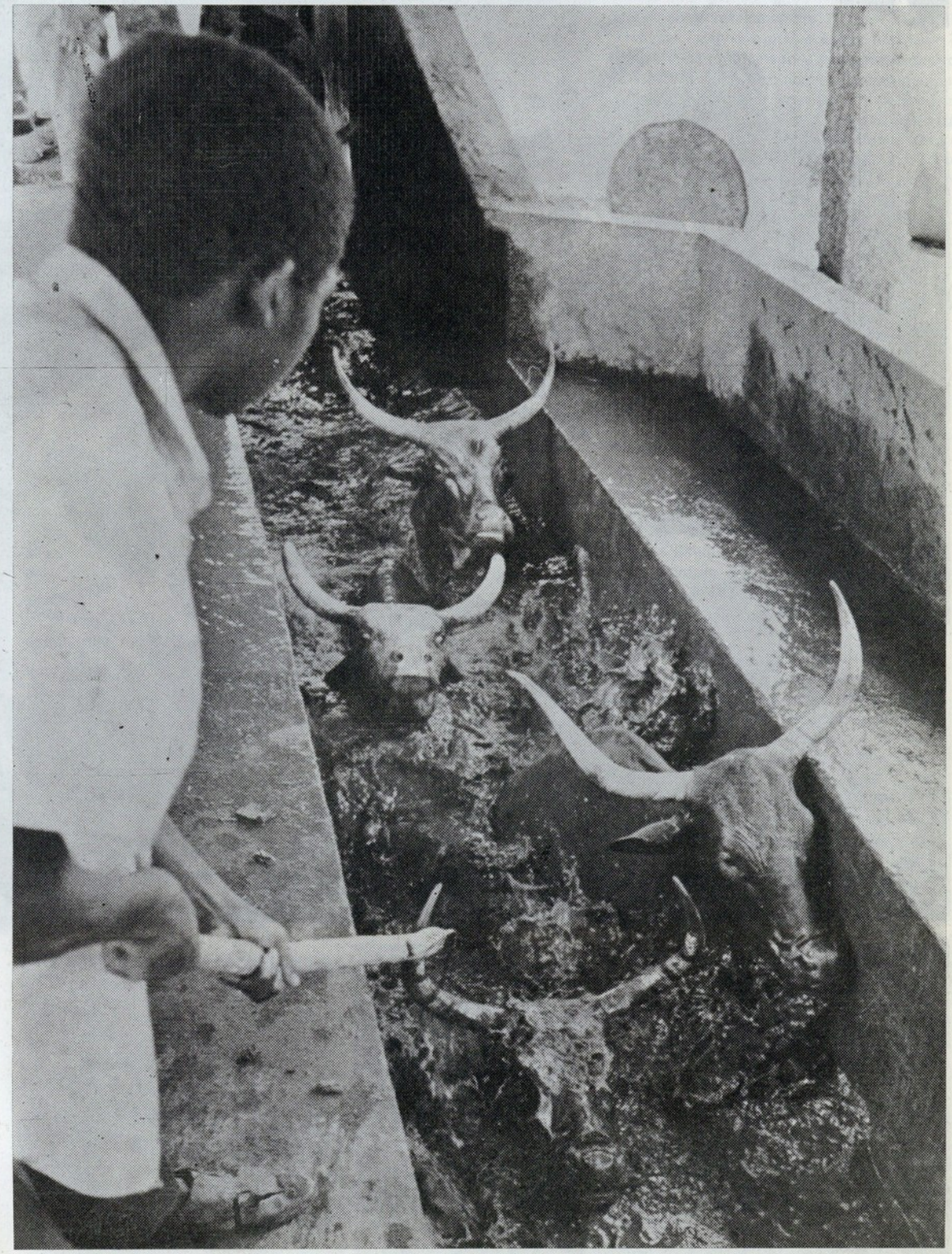
— Bem, se não se fizer a pasta o produto não se dissolve como deve ser, forma granulos, caroços, que vão para o fundo e isso diminui a percentagem da concentração.

GADO DE RAÇA NÃO É IMUNE...

Na maior parte das explorações pecuárias do Norte de Angola verifica-se que têm por base gado gentio ou cruzado; outras possuem, já, um significativo lote de gado de raça, além de gado de «famílias» menos distintas. Poucas são a que trabalham, apenas com animais de sangue puro. Entre elas a mais expressiva será a pecuária do Costa do Bungo. Cem mil cabeças, animais seleccionados, assistência veterinária irrepreensível (e não só com base em «avenças»), grandes áreas de pastos tratados. Uma pecuária-modelo. Apesar disso, a «caonha» apareceu e matou à volta de 100 cabeças. Outras mil estão infectadas.

"CAONHA" MATA

BANHO CARRICIDA: É PRECISO SABER PREPARÁ-LO

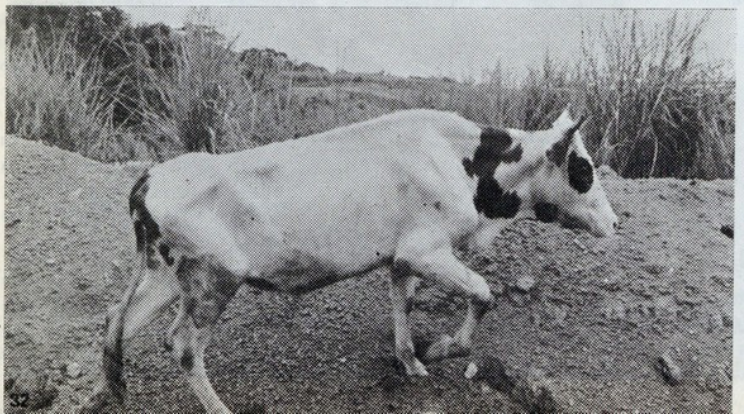


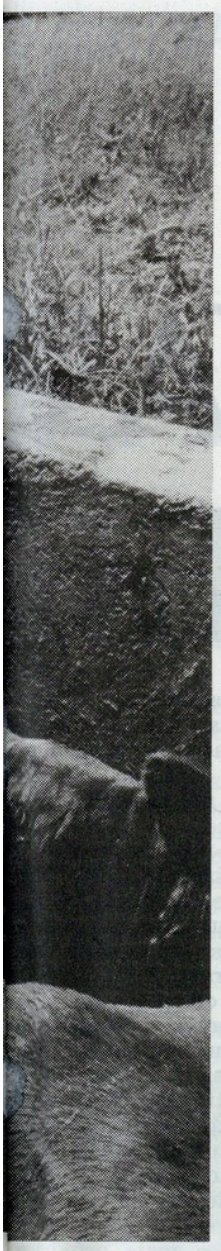
JOAQUIM CARDOSO ALCOFORADO:

"DISSERAM-ME PARA VACINAR O GADO. TRATEI DISSO E SE NÃO TINHA

JOÃO FERREIRA:

"...ELES SABEM QUE NÃO VOU





"CAONHA" MATA

COSTA DO BUNGO: "QUERO É O MEU GADO GADO PURO, HEM!? ELES DIZEM PARA TER CALMA"...

— Eu bem disse ao meu vizinho que me ia trazer problemas. Comprou umas centenas de cabeças por tuta-e-meia e avisei-o, «olhe que está a meter a caonha em casa»; meio-dito, meio-feito. E agora?

«Eu não sou dos que tem dinheiro lá fóra. Meti-o todo na Pecuária. Onde estão os técnicos que não viram ainda que a solução é matar os animais doentes e os suspeitos de doença? Faz-se isso em toda a parte».

— Quanto vale o que lhe morreu e está doente?

— Não tem valor, meu amigo, é gado que não tem valor. Não quero dinheiro. Quero é o meu gado, gado *puro*, hem!? É assim que se faz em toda a parte. Estiveram na Veterinária, até agora, a dizer-me «tenha calma, sr. Costa, tenha calma» e agora dizem-me que ponha as coisas por escrito, que não aceitam reclamações verbais! E os advogados não sabem o que é a «caonha», isto é uma chatice, estou farto de os aturar! Só de uma vez estiveram 11, está a ouvir? 11 lá na fazenda e o que é que decidiram? Tenho o gado vacinado e revacinado dentro dos prazos e ele continua a aparecer doente. Como é que é? Fui buscar um veterinário à Rodésia, um homem que sabe o que está a fazer, mas vai-se embora. Esta noite chega outro, por uma pequena fortuna. E o que já gastei em remédios... Alguns tive-os de trazer da África do Sul pela porta do cavalo.

«Eles dizem para ter calma... Gado de raça, que veio da Rodésia direito ao Negage, de avião ou que já nasceu ali. Sabe que me morreram uma quantidade de vacas na parição? Elas e as crias? Disseram-me «pois é, sr. Costa, deitou-as cedo demais à cobertura, os ossos da bacia...». Veio o técnico da Rodésia e não morreu nem mais uma está a ouvir?, nem mais uma!».

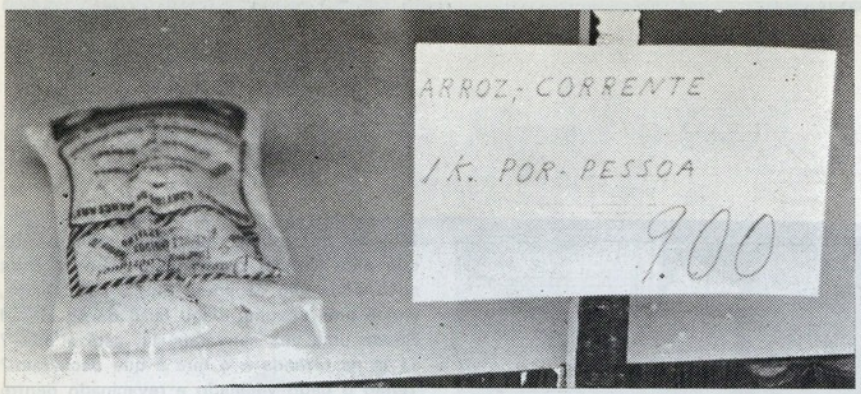
QUE FAZER?

Estas as opiniões dos criadores. Díspares em muitos pontos, concordantes apenas nas culpas assacadas à acção dos Serviços de Veterinária. A quem culpas cabem, isso não se duvide, sobretudo em consequência directa das muito deficientes estruturas técnicas de que dispõem. E mesmo entre os técnicos as opiniões variam. No meio disto, os criadores sobrenadam em dúvidas e em hesitações.

Para João Francisco Ferreira «alguns querem é *sacar algum* ao Estado, mais a contrapartida de não solverem compromissos assumidos, eu é que conheço esta gente». Para outros, a maioria, a suspeita de que a vacina não está em condições. Para outros, poucos, a solução é abater todo o gado doente, vigiar a entrada do que venha, receber do Estado — como acontece na Metrópole — uma cabeça nova por cada cabeça abatida, da mesma raça e valor.

Enquanto se resolve e não resolve, a «caonha» alastra pelo Norte.

A «CAONHA» VIAJA DE CAMIONETA



TEXTO DE ILÍDIO ALVES

NO SECTOR ALIMENTAR

O QUE SE VAI COM OS PREÇ

Tudo começa com o boato. Que, aliás, encerra normalmente algo de válido, mesmo que pouco, com as lendas. E então as pessoas começam a preocupar-se, abarrotar a despensa, as prateleiras e todo o buraquinho disponível das suas casas feitas por medida.

«Vai haver falta de...»

E gera-se o pânico colectivo, a corrida aos estabelecimentos (da especialidade), paralelamente com um bem explorado movimento (empresarial) de racionar as mercadorias, de *cedê-las* só aos «clientes e amigos, aos verdadeiros clientes...»

As grandes lojas, porém, não podem dar-se a esse *luxo*. Correriam o risco de dar-nas-vistas, de suscitar campanhas bem desabonatórias para a facturação dos seus dividendos. Os pequenos comerciantes, esses arriscam-se, chegando mesmo a tentar o «açambarcamento, entre um-pouco-de-boa-vontade e algumas pesadas e desencorajantes multas.

A vida prossegue, evidentemente, com os boatos e as verdadeiras crises, a escassez ou a falta total de produtos. As pessoas continuam a alimentar-se, a viver, tenazes *equilibristas* do orçamento doméstico, às contas com números e letras e bastantes protestos. O trivial...

Isto, a propósito do mercado de géneros alimentícios, mormente os de primeira necessidade, que no dizer da dona-de-casa vai bastante mal.

Como se não bastasse o aumento do custo de vida, ainda por cima faltam o azeite, as batatas, o arroz, o *fiel-amigo* bacalhau que (diz a lenda) «já foi comida de pobres», os óleos e o vinho.

A verdade, porém, será um tanto diferente. Outros interesses ou motivações jogarão com tais carências. Coisas de que a massa consumidora não se apercebe porquanto, para ela, só há duas realidades a considerar:

— Ou há, ou não há! (A situação intermediária significa, por si só, não-haver).

Um dos géneros de maior consumo e que, nos últimos tempos e apesar dos seus preços altos, tem feito sentir problemas no mercado, é o arroz. A produção de Angola, que está considerada como «de boa qualidade», tornou-se insuficiente para o abastecimento do mercado interno, pelo que foi necessário recorrer à importação. Por via das coisas, fê-lo directamente o Instituto dos Cereais de Angola. Cerca de 2 500 toneladas, provenientes dos Estados Unidos, em arroz-agulha da melhor qualidade, a ser vendido ao comerciante a pouco mais de 20$00/Quilo, para este o comercializar a cerca de 23$00. Margem de lucro reduzida, se atendermos a que os preços são livres para o arroz-agulha de Angola.

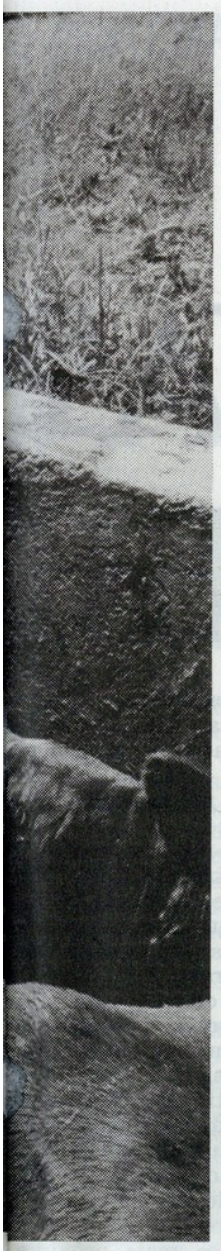
Entretanto, a produção local poderá vir a minorar eventuais crises dentro de dois a três meses, altura em que se terá completado o descas que desta colheita. Até lá, o arroz importado fará face às necessidade do mercado, cujo consumo está ava liado em cerca de mil toneladas men sais.

No entanto, diz-nos um conhecid comerciante de Luanda, José Mar tins, sócio-gerente da MARTAL:

«Uma coisa que nunca mais vi mos, pelo menos em quantidade dignas de *se verem*, é o chamad arroz-corrente. É claro que os indus triais da nossa praça, por este tip estar sujeito a um tabelamento, pre ferem *virar-se* quase totalmente par o descasque de tipo «agulha» q não estando verdadeiramente sujei a margens de lucro, lhes trás maio rentabilidade na comercialização.

«Por outro lado, estou convencid que, embora os preços não venham baixar nos tempos mais próximos pelo menos de forma relevante, An gola poderá fazer face, dentro de uns dois anos, às necessidades internas de arroz. A produção local está a aumentar, pelo menos em potencial e, convém não esquecer, a zona d Cazombo recomeçou o cultivo. É claro que temos de contar com factores diversos, nomeadamente os climatéricos. Mas mesmo assim...

No que respeita às batatas, normalmente verifica-se uma crise anual, entre Abril e Agosto. Nos restantes nove meses do ano, o Planalto de Nova Lisboa assegura o forneci-



"CAONHA" MATA

COSTA DO BUNGO: "QUERO É O MEU GADO GADO PURO, HEM!? ELES DIZEM PARA TER CALMA"...

— Eu bem disse ao meu vizinho que me ia trazer problemas. Comprou umas centenas de cabeças por tuta-e-meia e avisei-o, «olhe que está a meter a caonha em casa»; meio-dito, meio-feito. E agora?

«Eu não sou dos que tem dinheiro lá fóra. Meti-o todo na Pecuária. Onde estão os técnicos que não viram ainda que a solução é matar os animais doentes e os suspeitos de doença? Faz-se isso em toda a parte».

— Quanto vale o que lhe morreu e está doente?

— Não tem valor, meu amigo, é gado que não tem valor. Não quero dinheiro. Quero é o meu gado, gado *puro*, hem!? É assim que se faz em toda a parte. Estiveram na Veterinária, até agora, a dizer-me «tenha calma, sr. Costa, tenha calma» e agora dizem-me que ponha as coisas por escrito, que não aceitam reclamações verbais! E os advogados não sabem o que é a «caonha», isto é uma chatice, estou farto de os aturar! Só de uma vez estiveram 11, está a ouvir? 11 lá na fazenda e o que é que decidiram? Tenho o gado vacinado e revacinado dentro dos prazos e ele continua a aparecer doente. Como é que é? Fui buscar um veterinário à Rodésia, um homem que sabe o que está a fazer, mas vai-se embora. Esta noite chega outro, por uma pequena fortuna. E o que já gastei em remédios... Alguns tive-os de trazer da África do Sul pela porta do cavalo.

«Eles dizem para ter calma... Gado de raça, que veio da Rodésia direito ao Negage, de avião ou que já nasceu ali. Sabe que me morreram uma quantidade de vacas na parição? Elas e as crias? Disseram-me «pois é, sr. Costa, deitou-as cedo demais à cobertura, os ossos da bacia...». Veio o técnico da Rodésia e não morreu nem mais uma está a ouvir?, nem mais uma!».

QUE FAZER?

Estas as opiniões dos criadores. Díspares em muitos pontos, concordantes apenas nas culpas assacadas à acção dos Serviços de Veterinária. A quem culpas cabem, isso não se duvide, sobretudo em consequência directa das muito deficientes estruturas técnicas de que dispõem. E mesmo entre os técnicos as opiniões variam. No meio disto, os criadores sobrenadam em dúvidas e em hesitações.

Para João Francisco Ferreira «alguns querem é *sacar algum* ao Estado, mais a contrapartida de não solverem compromissos assumidos, eu é que conheço esta gente». Para outros, a maioria, a suspeita de que a vacina não está em condições. Para outros, poucos, a solução é abater todo o gado doente, vigiar a entrada do que venha, receber do Estado — como acontece na Metrópole — uma cabeça nova por cada cabeça abatida, da mesma raça e valor.

Enquanto se resolve e não resolve, a «caonha» alastra pelo Norte.

A «CAONHA» VIAJA DE CAMIONETA

PREÇOS

recursos da técnica não parecem estar a resolver eficazmente o problema. Por isso, a cotação subiu aparatosamente nos mercados internacionais...

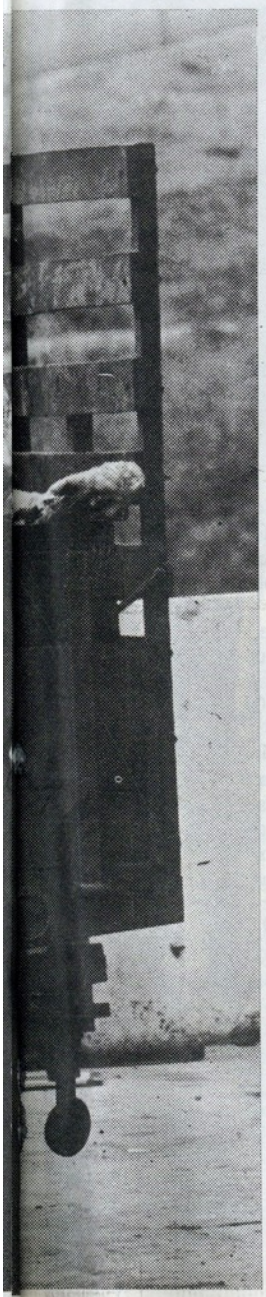
Entretanto, voltemos ao azeite. Tal como diversos comerciantes põem a questão as faltas são resultado dos «plafonds».

«Ora vejamos bem. O azeite é um produto tabelado, que dá uma margem mínima de lucro. Na própria metrópole, está-se a vender a mais de 60$00 o litro. Cada comerciante pede, anualmente, determinada verba para a importação, que é estudada pelos serviços competentes e finalmente deferida com consideráveis cortes. Naturalmente que é preciso uma certa habilidade para dividi-la, consoante as carências do «stock», de forma a que possamos importar, cada tri-

mestre, o que mais falta nos faz nas prateleiras. E, se há produtos que dão larga margem de lucro, que são compensadores, o azeite não é um deles. Até há bem pouco tempo, o retalhista ganhava (ao abrigo de uma Portaria), 4$00 por cada litro, cabendo 2$00 ao armazenista. O que não era nada...

«Se tivermos em conta o preço do azeite na origem e a insignificante margem de lucro proporcionada, não era animador importar grandes quantidades do produto, já que isso iria absorver considerável percentagem do «plafond» concedido. Por isso, era preferível importar vinhos, o próprio bacalhau, géneros lácteos ou mesmo frutas. Toda uma série de produtos que «compensavam»...

«Entretanto, atendendo à *real crise* que se estava a observar, as autoridades competentes fizeram aprovar nova Portaria, aumentando a margem de lucro e, a partir daí o armazenista pasou a ganhar 3$00 em cada lata de litro e o retalhista 6$00. Parecendo que não, é já um incentivo para que os comerciantes se decidam a importar. De qualquer forma, o azeite irá chegar a um preço **na ordem dos 80$00 o litro, venda ao público».**



Os vinhos começam também a rarear, mau grado os apreciadores. Quanto aos importados, é o que se sabe... e os nossos enfermam das mesmas doenças. Por outro lado, os restaurantes e casas afins têem-se preocupado em garantir um «stock» que evite «surpresas»... Situações deste género, conduzem tantas vezes à clandestinidade, como é o caso desta carrinha carregada de carne abatida...

A propósito de vinhos, que ao cabo e para muitos, a cerveja não consegue substituir, luta-se também com grande falta. Quanto aos engarrafados em Angola, que parecem ter conseguido uma aprovação definitiva por parte do consumidor (principalmente os considerados especiais), os boatos alegam que a escassez se deve à falta de vasilhame. Mas até que ponto isso será verdade?! Não haverá, também, problemas com a importação a granel?...

No que diz respeito aos «vinhos de marca», engarrafados na metrópole, às aguardentes e às bebidas espirituosas, a questão assenta decididamente nos «plafonds».

«Maduro branco, por exemplo, parece-me que não há no mercado — alega um comerciante». Além disso, a variedade é pouca. Não há muito por onde escolher e as *marcas* são quase as mesmas de estabelecimento para estabelecimento, de restaurante para restaurante.

Um apreciador garante que «o que se vende da metrópole não fica além do que se engarrafa por cá. E depois, pelo preço, sempre é preferível beber o de Angola. A não ser por questões de «snobismo»...

Só que as variedades importadas apresentam preços muito mais «convidativos» na origem, permitindo substanciais margens de lucro em relação a outras. Além disso, as pessoas já se habituaram... não é?

E sobre a carne? Principalmente no que respeita ao abastecimento de Luanda, estará o problema resolvido?

A resposta pode ser totalmente afirmativa.

Após uma tabela recentemente posta em vigor, surgiu outra mais elevada, permitindo maior manobra ao marchante. Todavia, este continua a queixar-se.

«Não há lucro, propriamente dito. As despesas de um talho são enormes, em comparação com as de outros estabelecimentos. Esta é a verdade, que aliás pode ser perfeitamente demonstrada em qualquer peritagem. Basta dar uma vista de olhos pelos livros...

«Os preços praticados, mesmo com a nova tabela em vigor, não justificam de forma nenhuma que tenhamos a porta aberta. Isso está bem para os talhos de «carne especial» — as «boutiques», como lhes chamam.

«O que nos anima a prosseguir, é a *compreensão* do cliente. De contrário, o negócio tornava-se impraticável».

Também é certo que o cliente não tem outra solução do que *compreender*. Ou então, teria que prescindir do seu «bife»...

Mais uma vez, José Martins, homem ligado à MIDAL e co-proprietário de diversos talhos, intervem:

— Como desde o início da crise temos vindo a teimar, o problema reside essencialmente nos esquemas de tabelamento. Talvez não fosse de desprezar a solução de há tempos ventilada: «Ou se tabela tudo, desde o produtor até ao talho, ou se liberaliza todo o sistema... e talvez os preços desçam por aí abaixo inesperadamente!»

«De facto — e não é só a minha opinião — enquanto o *boi vivo* não for tabelado não há hipótese de se tabelar criteriosamente a carne para venda ao público. Porque veja-se: o negociante, chamemos-lhe grossista para facilitar, estabelece os seus contactos, compra algumas manadas e, ou vende-as para abate, ou abate-as ele mesmo. No meio destas operações, existe todo um processo de perder dinheiro que merece cuidadoso reparo. Temos as *quebras*, resultantes de naturais perdas de peso ou de mortes (muitas vezes nem sequer por doença, mas ocorridas durante o transporte, quando, por cansaço, um boi cai e é pisado, no curto espaço do estrado das camionetas, pelos outros). Depois, no matadouro, temos as rejeições feitas pelo Veterinário, que considera este ou aquele exemplar impróprio para consumo. Há quem aponte os lucros obtidos pelos que abatem na venda da pele e dos cornos que, no entanto, não é tão significativo como pretendem alguns.

«A seguir, a carne vai para os talhos. Aí, limpa-se, o que quer dizer aproveita-se pouco mais de metade do total de quilos comprados. Sim, porque há ossos que não dão nem para vender...

«Note-se que há talhos a pagar cerca de 12 contos de contribuições por mês, o que dá uma média de quase 140 contos anuais. A despesa mensal, por seu lado, anda entre os 30 e os 60 contos, distribuídas pelos ordenados dos talhantes (oito a dez contos, por vezes mais), serventes, renda de casa, água e luz...

«E depois as pessoas admiram-se muito deles recorrerem a certos expedientes. Como é que eles se aguentavam, perdendo dinheiro? E mesmo assim, tem havido quem feche a porta, ou passe a loja...

«É claro, quando uma empresa possui dois alvarás, um de talho normal e outra para venda de *carne es-*

PREÇOS

pecial, a dada altura pode muito bem embalar a normal por especial... E não há fiscalização que chegue para garantir ao consumidor que a carne é mesmo *extra*... Para isso era preciso haver um fiscal de serviço permanente. Ou não?!

Em continuação, José Martins garantiu que, seguindo à risca a nova tabela imposta o marchante acabaria por ter um prejuízo de 1$00 a 1$50 por cada quilo de carne vendida ao consumidor. Foi mais longe, fazendo contas para demonstrar a sua afirmação.

Há ainda quem opine que não existe tabelamento para o *gado vivo* simplesmente para «defender» ou estimular o produtor. Todavia, o produtor estaria em óptima posição de se «defender», dando maior assistência ao seu gado, obtendo assim mais *primeiras* e mais *extras*.

Dentro desta linha, não havendo tabelamento, pensa-se que os produtores procurariam apresentar melhor gado de corte no sentido de obterem mais lucros, ao mesmo tempo que a concorrência faria descer os preços de forma bastante significativa, da origem ao gancho do talho, já que o interesse estaria em vender mais e melhor, factor directamente proporcional à melhor rentabilidade do negócio.

A título de curiosidade, podemos comparar estes valores :

— Há um ano, vendia-se a carne, abatida, a 18$50 aos talhos. Por seu lado e respeitando a tabela, os marchantes comercializavam-na a 36$00 (primeiras) e 20$00 (segundas).

«Actualmente, no Umbe e no Roçadas, onde os preços parecem ser mais convidativos, o negociante paga o gado vivo no mínimo a 25$00 o quilo. Vende-o por 30$00 ao talho, uma vez abatido. Por seu lado, o marchante passou a vender, respectivamente, a 52$00 e a 26$00, respeitando a tabela. Não sendo peritos em contas, está bem de ver que o panorama não melhorou, antes pelo contrário, apesar de à-primeira-vista as diferenças parecerem mais expressivas».

muito limpa e cintilante

NOVO TEEPOL. Detergente liquido
concentrado e perfumado
de alto poder desengordurante.
NOVO TEEPOL, resolve todos os problemas
de limpeza no seu lar.
A louca fica cintilante!
A cozinha e casa de banho ficam a brilhar!
Por onde passa o NOVO TEEPOL
tudo fica limpo e perfumado!
NOVO TEEPOL é pratico! É economico!

Teepol, um mundo de limpeza em sua casa

PENTA SH6

JOGO DE CAMA Civ

A NOVA COR DA NOITE

Com lençois CALFAT fará a noite dos seus sonhos e terá a felicidade em sua casa.
CALFAT é a única fábrica do Brasil que produz TERGAL especial para lençois.
Vantagem única. Secam rapidamente e não precisam de ferro.
Acorde num maravilhoso jardim florido dormindo com lençois estampados.
Realize o seu sonho escolhendo entre três maravilhosos padrões o seu jogo de cama.
São apresentados nas duas versões de casal e solteiro.
Um exclusivo de A NOVA YORK
Cx. P. 170 — NOVA LISBOA

Dis

O sonho real

EXCLUSIVO PR PRESSE

Walt Disney devia 15.000 dólares a 43 credores e a sua empresa, «Laugh-O-Grams», encontrava-se a uns dias de falência. Abandonado pelos empregados, Walt passara a ter como companhia dez ratinhos, que há tempos «frequentavam» os restos de comida e a confusão de um escritório sem perspectivas. Para protegê-los contra eventuais ratícidas, de um cesto de arame fez uma gaiola e colocou-os lá dentro, com direito a cama e comida. Um ratinho mais simpático teve a honra de passear sobre a prancheta, roer os lápis, receber sorrisos de aprovação e ser «baptizado» com o nome de Mortimer.

Walt fora expulso da pensão, dormia nas poltronas do escritório e tomava banho uma vez por semana num balneário público.

Possuidor de incrível energia, partiu para Hollywood. Optimista incorrigível, dispunha-se fabricar e vender sonhos. Antes da partida, porém, levou a gaiola para o quintal, abriu-a e nove ratinhos saíram correndo, menos Mortimer. O «pai» adoptivo chutou a gaiola e, [illegible]tado o ratinho também desapareceu.

Ficaria, porém, no coração e na cabeça de Walt. Desta cena ocorrida em 1923, nasceria o Mickey, cinco anos mais tarde.

disney

o sonho real

1908 — TALENTO DESCOBERTO

Embora Mickey tenha sido o pó de pirlimpimpim do império Disney, não se pode esquecer quem o ajudou rumo aos reinos encantados da fantasia : a tia Margaret e os bichinhos da fazenda Crane, o amigo Walt Pfeiffer, a mamã Lilian, o vendedor Kay Kamen e, com carinho especial, o tio Roy.

Walt nasceu em Chicago, no Illinois, a 5 de Dezembro de 1901, filho de Elias e Flora.

Cinco anos depois, a família mudou-se para a fazenda Crane, em Marceline, no Missouri, a 150 quilómetros de Kansas City. Os irmãos, bem mais velhos, tinham outros interesses. Isolado, Walt procurou a companhia dos animais; e elegeu Charley, o cavalo, Skinny, o leitão, e Pete, o cachorro, personagens da sua primeira história de felicidade.

Um dia roubou alcatrão ao velho Elias e pôs-se a pintar uma cena — Skinny correndo para o lago. O pai descobriu e deu-lhe uma surra, dessas que criança alguma esquece e tão pouco perdoa. A sorte de Walt e das plateias do mundo inteiro foi uma visita da tia Margaret. Ela viu um quadro, pintado a carvão, às escondidas, descobrindo nele um imenso talento. Recompensou-o com papel de desenho e caixas de lápis. Então, os dias na fazenda Crane passaram a ser contados em linguagem pictórica.

1910 — PRIMEIROS CONTACTOS COM O PÚBLICO

Doente, Elias leiloou a fazenda.

Foi um drama cheio de lágrimas para Walt; ficava horas abraçado ao pescoço de Charley. Era-lhe difícil compreender a separação.

A família mudou-se para Kansas City e Elias pôs-se a vender jornais e revistas. Walt e Roy ajudavam-no, mas nada recebiam.

Walt começou a libertar-se do ambiente familiar. Tornou-se grande amigo de Walt Pfeiffer, seu vizinho, e, juntos, começaram a frequentar os teatros de Kansas. Aos poucos, a dupla foi saindo das plateias para os palcos, obtendo êxito com as suas piadas.

Foi nessa época que Walt recebeu o seu primeiro prémio : 25 centavos de dólar. Seguiram-se-lhe 950 honrarias, inclusivé 32 Oscares.

Elias voltou com a família para Chicago e Walt foi estudar.

Como o ensinavam a fazer muita coisa e ele só se interessava pelo desenho, trocou o liceu pela Academia de Belas-Artes. Em 1917, Walt tentou alistar-se no Exército. Rejeitado por ter só dezasseis anos, ingressou na Cruz Vermelha e passou um ano em França, conduzindo uma ambulância, toda coberta com desenhos seus.

Depois da guerra, Walt voltou a Kansas City. Conheceu o desenhista Ub Iwerks e tornaram-se sócios, fazendo anúncios por conta própria. Mas, como isto não dava nem para comer, passaram a trabalhar para uma produtora de anúncios cinematográficos. Ajudado por Ub, fez uma série de desenhos, aplicados a produtos comerciais, e chamou-lhes Risogramas. Um exibidor gostou, porém achou caro. Ao que Walt garantiu que poderia produzi-los por 30 centavos de dólar cada centímetro. Depois, contando a história a Ub, este lembrou que o custo era de 30 centavos e perguntou-lhe pelo lucro. «Bem», ponderou Walt, «isso dará para custear outras experiências», revelando o que seria a sua ignorância permanente no respeitante a assuntos comerciais.

Com 20 anos, Walt fundou a «Laugh-O-Grams». Fez uma versão cinematográfica de sete minutos do «Chapeuzinho Vermelho» e, com ela, conseguiu distribuidores em Nova York, a 4.000 dólares por filme; o pagamento porém, só seria efectuado ao fim de seis meses e se o filme apresentasse óptimas bilheteiras. Assim, Walt não pode aguentar. Estava a produzir outras versões, como «Alice no País das Maravilhas», «O Gato de Botas» e «A Gata Borralheira» quando a «Laugh-O-Grams» faliu. Conseguiu terminar uma bobine de «Alice» e enviou-a para a distribuidora Winkler Corporation.

1923 — HOLLYWOOD : 40 DÓLARES NO BOLSO

Ao fim de três meses de desemprego, tendo apenas um casaco xadrez e umas calças, roídas em vários pontos pelos ratinhos de Kansas, Winkler mandou-lhe um recado queria doze filmes e pagaria 1500 dólares cada, contra entrega.

Juntou-se a Roy, recém-curado de uma tuberculose e com 250 dólares no bolso; pediram emprestados mais 500 e abriram uma empresa. Não demoraram as primeiras zangas com Charles Mintz, da Winkler. Este queria respeito pelos prazos — preocupação que Walt jamais teve em vida. Sempre foi um maníaco da perfeição;

uma cena tinha que ser refeita até considerá-la boa.

Em certa ocasião, promoveu três reuniões só para decidir se Bambi, num «close» de cinco segundos, piscaria o olho uma vez ou duas vezes.

Não era à toa que perdia dinheiro. Fez cinquenta filmes do tipo «Alice» e 34 deram prejuízo. Não havia quem segurasse as dívidas sempre crescentes.

Porém, Walt mantinha o seu optimismo.

Quando o primeiro filme apareceu num cinema de Hollywood, correu pelo corredor, saudando a plateia. «Fui eu que o fiz. Esse filme é meu».

Era difícil dizer «não» ao entusiasmo omnipresente deste homem. A dactilógrafa Lilian Bounds, por exemplo, que o diga : um dia, Roy descobriu que ela, sabendo das dificuldades dos irmãos, não descontava os cheques dos seus salários. A sua colaboração tornou-se tão habitual que, por vezes, Walt perguntava-lhe: «Roy quer saber se você pode segurar novamente o seu cheque...

Essa solidariedade faz Lilian entrar para a família; a 13 de Julho de 1925, passou a ser a senhora Walt Disney. Dessa união duradoura, nasceriam Diane, que viria a casar-se com Ron Miller, antigo astro do futebol americano, e Sharon, com William Lund, directo de uma firma internacional de advogados ; e oito netos: Christopher, Joanna, Tamara, Jennifer, Walter, Ronald e Patrick (de Diane e Ron) e Victoria (de Sharon e William).

NASCE MICKEY MOUSE

Interessado apenas no brilhantismo das suas criações Walt estava a arruinar a empresa. Nessa altura, a função de Roy era conseguir cada vez mais crédito e dinheiro, para que o irmão continuasse à procura da perfeição.

Como nem sempre os financiadores apostam em sonhos, a situação foi piorando. Até a Winkler, que adiantava os pagamentos, cortou a ajuda.

Walt já tinha criado o personagem Oswaldo, o alegre coelho, e produzido uma série com ele quando o dinheiro acabou, de vez.

Enquanto Roy ia procurá-lo por um lado, Walt dispôs-se a fazer o mesmo por outro : pegou em Lilian e foi para Nova York.

Ao encontrar Charles Mintz, ao invés de propor negócios concretos e frios, disse-lhe «quero fazer de Oswaldo um personagem mais humano». «Nada disso, ideias novas custam dinheiro e eu quero comprar barato», respondeu-lhe Mintz. «Se é assim, vou levar Oswaldo a outro distribuidor», ameaçou Walt. Mintz acabou com a discussão: «Não vai porque Oswaldo pertence-me».

Charles Mintz tinha registado Oswaldo em seu nome.

Em lugar de se sentir liquidado, Walt voltou ao hotel e disse a Lilian, desafiando o mundo : «Enquanto eu viver, jamais trabalharei para quem quer que seja».

A 16 de Março de 1928, no combóio que voltava para Los Angeles, lembrou-se de Mortimer. Rabiscou por várias horas e mostrou o resultado a Lilian, que disse: «Mortimer não soa bem para um rato. Que tal Mickey?»

E Mickey Mouse ficou. Anos depois, Walt contaria esta história: «Quando o combóio chegou a Illinois tinha-o vestido : calção pequeno, sapatos grandes e um par de luvas. Em Kansas, encontrei Minie, a noiva. E, no Arizona, a sua moral : Mickey seria sagaz e honesto, severo e justo, sedutor e leal».

Enquanto Roy fazia malabarismos para conseguir dinheiro e afastar os credores, Walt produzia os primeiros filmes de Mickey : «Plane Crazy», «Gallopin» «Gaucho» e «Steamboat Willie». Roy ficou desesperado ao perceber que era difícil colocá-los; e, mais ainda, ao ouvir a solução do irmão. Um ano antes, a Warner Brothers inaugurara o cinema falado, ao lançar o «Cantor de Jazz», com Al Jalson. Ainda que fazer o mesmo com um desenho implicasse um risco imenso, pelo alto custo da produção, Walt decidiu sonorizar «Steamboat Willie — aventuras de Mickey num barco do Mississipi». Era tudo ou nada!

Walt era a própria voz de Mickey e iria fazê-la até 1946, quando, ocupado demais, cedeu o lugar a Jim MacDonald.

Disney

o sonho real

Em 29 de Outubro de 1928, «Steamboat Willie» aparecia na tela do cinema «Old Colony», de Nova York. Grande êxito. Estava a terminar a «fase negra» dos irmãos Disney. Walt passou dois dias no «Colony», sem comer e sem dormir, deliciado por ver o público aplaudir a sua obra.

Logo após Mickey e Minie, Walt criou Horácio e Clarabela. E, nessa década dos anos 30, iria criar alguns dos seus personagens mais famosos.

Pluto apareceu no final de 1930 e estreou-se no «The Chain Gang». Hoje, como ontem, é um cachorro desajeitado, sem o «charme» de um poodle ou a dignidade de um galgo. Todavia, por amor a Mickey e pelos esforços para agradar, situa-se entre os campeões mundiais de bilheteira.

Também em 1933, surgiu o primeiro bandido para Mickey enfrentar: João Perneta. Com o tempo, perderia a perna de pau e passaria a ser João Bafo de Onça.

Apesar de tanta produção, a «Walt Disney Productions» era um saco sem fundo : embora Roy fizesse de tudo, não havia dinheiro que chegasse aos sonhos de Walt.

Foi então, em Junho de 1932, que Kay Kamen, um vendedor de chapéus, entrou em cena com esta proposta : Mickey seria usado como garoto-propaganda. Walt e Roy aceitaram e, num ano, o rato «vendia» 10.000 artigos em quase todos os sectores do mercado, salvando muitas empresas, inclusivé a WDP, que passou a encher-se com a renda dos direitos autorais.

Em 1933, surgiu o Pateta — tipo amalucado, com métodos próprios e hilariantes para qualquer habilidade. Nasceu como Dippy Dawg, tornou-se Goofy (pateta, em inglês) e estreou em «Mickey's Revue», tapando um buraco.

Herdou muita coisa do «pai» Walt: por pior que seja a situação, Pateta segue em frente; nada consegue derrotar o seu optimismo.

O Pato Donald nasceu quando Walt ouvia um funcionário, Clarence Nash, imitar aves e outros bichos, em 1934. Num dado momento, disse Walt : «Olha, é um pato dando uma bronca». Em seguida, fez um pato arrogante e atrevido, com blusa e boné de marinheiro. Mas Donald acabaria por se fazer a si próprio... Foi incluido numa ponta insignificante em «The Wise Little Hen» e, ao ser completada a fita, descobriu-se que se tinha tornado a vedeta do espectáculo. Para Donald, a razão do êxito é simples : «Tenho um palpite de que o público gosta de mim, mas gosta ainda mais ao ver-me apanhar na cabeça».

Há quem diga que Donald sempre foi uma mistura das pessoas que desagradaram a Walt...

A FASE DOS MILHÕES

Com as sinfonias desparatadas, abertas com «Os Três Porquinhos», em 1931, Walt já estava a produzir a cores. E, com «Flowers and Trees», já tinha ganho o primeiro Oscar. Então, vivia insistindo com Roy que o futuro da WDP estaria garantido se se lançassem no desenho de longa-metragem. Até que Roy concordou.

Um dia, Walt chamou os seus animadores, subiu ao palco e, durante quatro horas, representou todos os personagens da obra dos irmãos Grimm, «Branca de Neve e os Sete Anões». A ideia tinha sido lançada, mas custaria muito.

Roy e Walt procuraram A. P. Gianini, que, com eles, viera do nada para ocupar o cargo de presidente do Banco da América. Calcularam que o custo seria de 300.000 dólares, e essa importância foi concedida. Contudo, não tomaram em consideração a mania de perfeição de Walt. Por isso, o filme foi refeito cinco vezes e todo o trabalho dos primeiros seis meses foi para o lixo...

Hollywood inteira falava na «loucura» Disney. O custo já ultrapassara um milhão de dólares quando Roy e Walt voltaram ao Banco da América para falar com Joe Rosemberg, o vice-presidente. Anos mais tarde, Walt diria: «Vendi-lhe 250.000 dólares de fé».

Em 21 de Dezembro de 1937, «Branca de Neve e os Sete Anões» era lançado no «Carthay», de Los Angeles. Custou 2 milhões de dólares mas rendeu 27 milhões.

A «fábrica de sonhos» não parava de produzir. Até 1940, iriam aparecer outras longas-metragens; como «Pinocchio», de Carlos Collodi, e «Bam-

bi», de Félix Salten. E outros personagens: como Huguinho, Luisinho e Zezinho — sobrinhos de Donald —, Mancha negra, Margarida e Vovó Donalda.

O estúdio de Burbank, perto de Los Angeles, ocupando uma área de 20 hectares, no vale de San Fernando, ficou pronto em 1940. Por essa altura, Walt tinha mil desenhistas trabalhando nas suas criações. Com a guerra, esse complexo passou a fazer filmes de treino e propoganda para as forças armadas e humorísticos de curta-metragem para manter elevado o moral das tropas aliadas.

Depois da guerra, Burbank voltou em força; além das novas ideias de Walt, a WDP precisava recuperar enormes prejuízos. Foi quando surgiu «Música, Maestro», combinando cenas ao vivo com desenhos animados. Esse processo iria ser usado noutros filmes, como «Mary Poppins», talvez a produção mais lucrativa da Walt Disney Productions.

Para desespero do Pato Donald, em 1947, surgiu o seu rival Gastão. E, logo a seguir aquele que completaria o trio mais famoso de Disney, ao lado de Mickey e Donald: Tio Patinhas.

Aos sábados, Walt passeava com Diane e Sharon. Enquanto elas se divertiam no carrossel, Walt, sentado num banco e comendo amendoins, imaginava um mundo que pudesse divertir filhos e pais.

Não se conteve e resolveu construir a Disneylândia, num pomar de laranjeiras com 100 hectares, ao sul de Los Angeles. Roy, inquieto com o risco dessa nova aventura, observou: «Isso vai-nos curtar 5 milhões de dólares».

«Já fali quatro vezes e mais uma não fará mal», respondeu-lhe Walt, confiante. No dia da inauguração, em 17 de Julho de 1955, já haviam sido gastos 17 milhões de dólares...

A Disneylândia passou a render somas fabulosas e o estúdio de Burbank não cessava de produzir. Além disso, os seus personagens estavam em quadrinhos, livros e produtos diversos, no mundo inteiro. Entretanto, a fortuna pessoal de Walt atingia 20 milhões de dólares.

Lilian pedia-lhe que parasse de trabalhar. Ao que Walt respondia: «Morreria se não pudesse continuar à conquista de novos mundos». Além de criar outros personagens (como o Peninha e o Super-Pateta), teve uma derradeira apoteose: construir na Flórida um Protótipo Experimental de Comunidade do Futuro, a Disneyworld.

Mas Walt não veria este seu último sonho: a 7 de Novembro de 1966, foi-lhe tirado o pulmão esquerdo. Tinha um tumor maligno; talvez por causa do cigarro — fumava quatro maços por dia. E a 15 de Dezembro, o seu coração parou de bater, deixando o seu cérebro de criar.

Mas Walt formara mais de 2000 desenhistas, criativos e entusiastas como ele. Além disso, ficou a estrutura magnífica da Walt Disney Productions, que, do insignificante capital de 750 dólares (1923), se transformou numa das maiores empresas do mundo (1973), com um lucro, em 1972, de 40 milhões de dólares. Parou a história do fabricante, mas continua a da «fábrica de sonhos».

SHOP CENTER CLAN

Aquilo tem todo o aspecto de ser obra clandestina. Apesar do arrojo das fundações, do aparato das colunas, cheira a esperteza saloia que tresanda! Nem tanto pelo facto de não haver aquela habitual placa indicando o arquitecto e engenheiro responsável pela obra, ou sequer o empreiteiro executante; sequer pela actividade febricitante que este último vai imprimindo aos trabalhos, dia e noite, erguendo as estruturas abarracadas desses três rés-do-chão que, a curto prazo, darão lugar a ser lojas de «qualquer coisa» em zona — vejam lá! — que, nunca manifestou tendência de vir a tornar-se *comercial*.

Informações colhidas no local rua do Quicombo, dadas aliás por pessoas tidas em boa conta, dizem que a «ideia» brotou de repente, e sem aviso prévio. Os inquilinos ainda tentam protestar com o velho e indignado «assim não pode ser!»

E garantem: «Tanto mais que um porteiro afirmou que nem sequer existe projecto...»

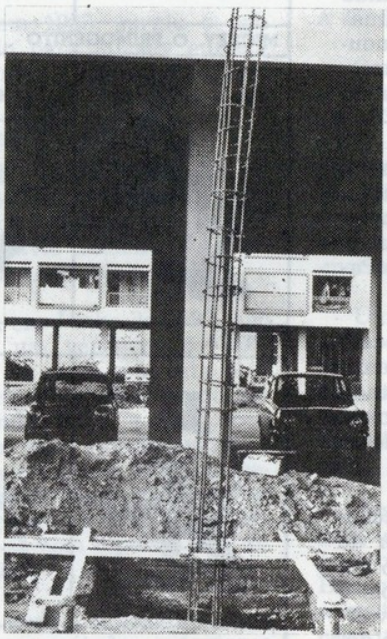
Vejam lá se não é má vontade. Está um senhorio empenhadíssimo em oferecer aos seus estimados inquilinos um «shop center» todo catita e logo aparecem uns «amigos da onça», como nós, a recalcitrar. Se calhar os moradores daqueles prédios da rua do Quicombo não podem ter o seu centro comercial, não querem lá ver! Claro, claro, que a Paiva Couceiro e a António Enes estão perto e cheiinha de lojas. Mas isso que tem? E quando chove o que é perto não se torna longe? E então, que têm vocês que seja clandestino? A rua é vossa?

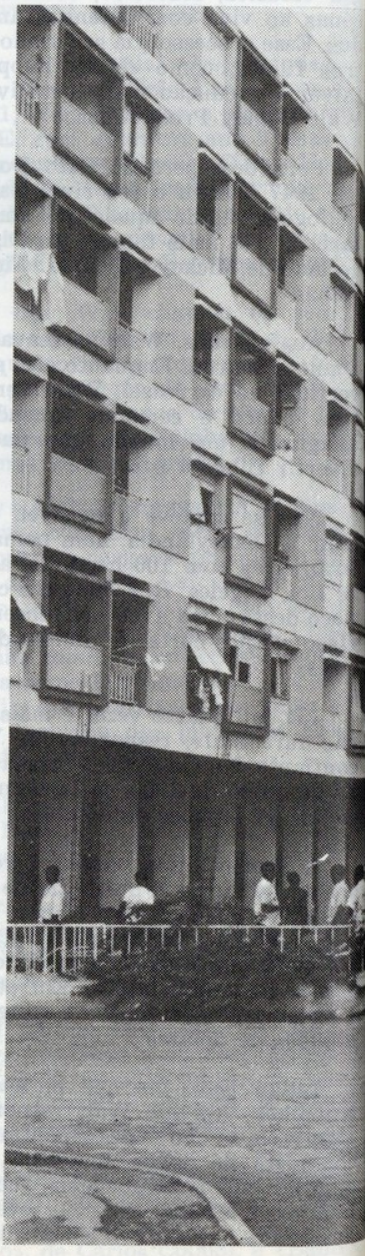
Uns quantos moradores ainda se lembram de outro género de promessas. Do romântico aproveitamento previsto para aqueles espaços: parques infantis, com escorregas e baloiços. Um niquinho serviria para estacionamento dos veículos dos papás. Isso eram ideias antigas. Já lá vai. Os meninos que vão para o parque da Ilha ou para o diabo que os carregue!

Aquilo agora é para barracas, disfarçadas de obra fina. Depois tanto faz que sirva para armazéns como estabelecimentos de frescos ou de venda de fita de nastro. Desde que renda. E se for clandestino paga-se a multa e, pronto, não se fala mais nisso.

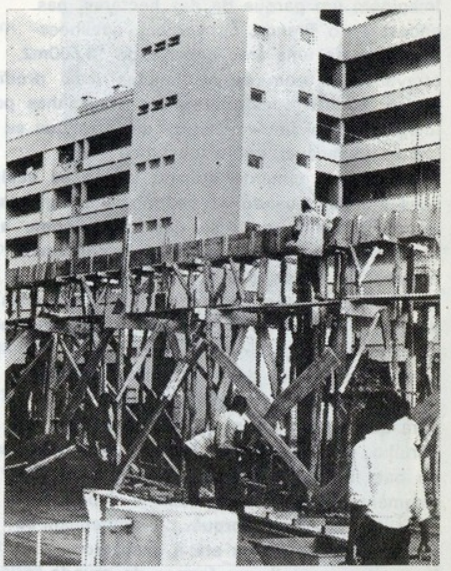
Acontece que, nos últimos tempos, não tem sido assim. A construção clandestina tem sofrido alguns amargos de boca. Amargos que bem podiam levar os transgressores a meditar o seu pedaço antes de correr riscos. Se, como parece, a obra for de transgressão — aqui a estamos a denunciar.

Se não for — sabe-se lá! —, por algum motivo os edifícios são produto de investimentos da Caixa de Aposentações dos Funcionários da Câmara Municipal de Luanda, será caso para perguntar quem e como aprovou aqueles três mimos.





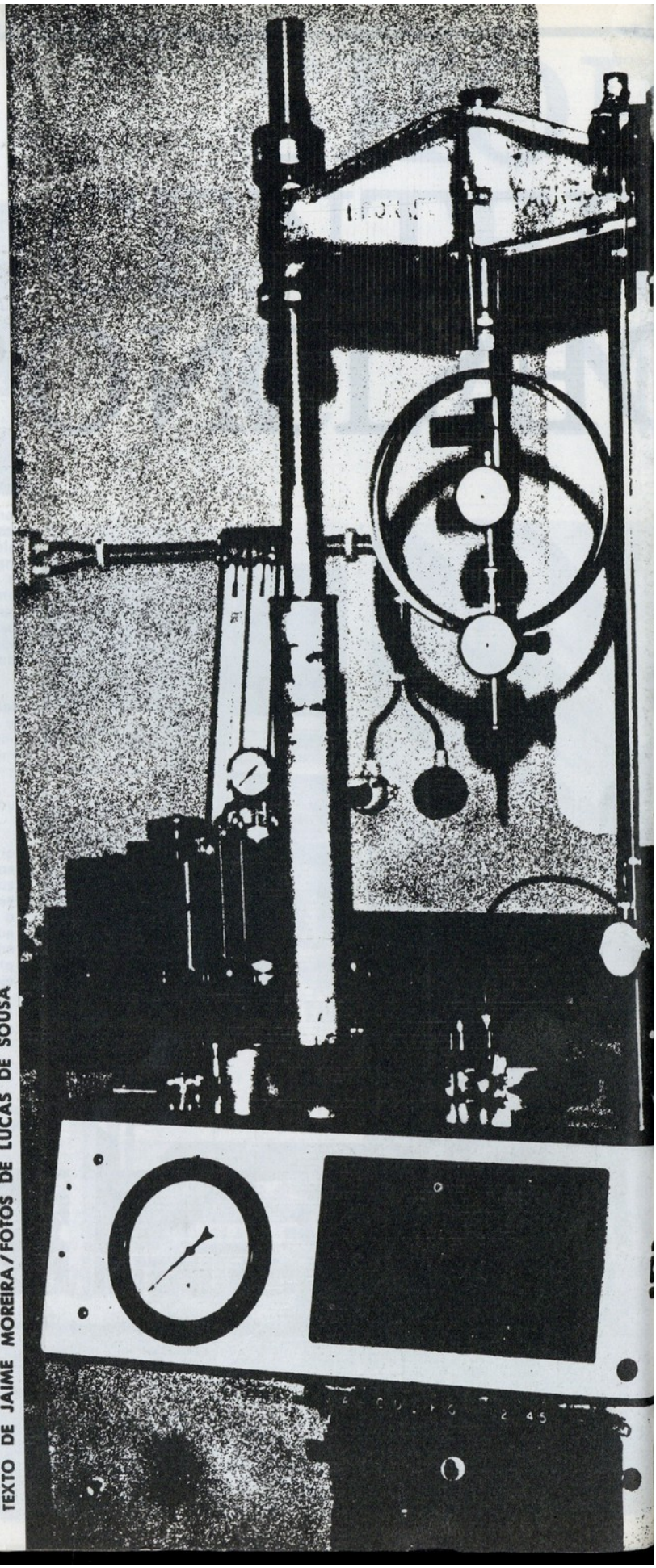
DESTINO?

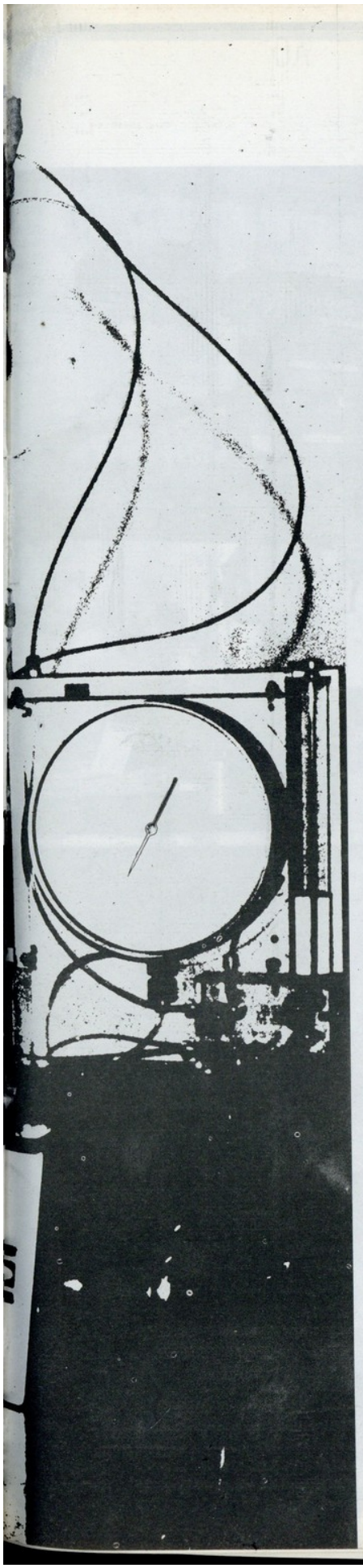


Para meninos traquinas, aquilo talvez fosse o Paraíso. Imaginem um parque de dez hectares, nas encostas do Prenda, com vários pavilhões dispondo de uma área coberta de 15.500m2, atravancados com as maquinetas mais prodigiosas que o espírito «destrutivo» das criancinhas possa imaginar: aqui um «monstro» de ferro que se abate, implacável, sobre um bloco compacto de cimento armado e que só acalma as suas «fúrias» quando as pedrinhas, a argamassa, os ferrinhos, enfim, tudo se desintegra, como aqueles «pópós» muito lindos que os pais costumam oferecer, vaidosos, aos filhinhos para se transformarem num monte de sucata algumas horas depois... Além, dois «braços» poderosos esticam uma barra de aço, como se fora «chewing»: basta uma «pequena» tensão de quarenta ou cinquenta toneladas para que a barra ceda, quebrando-se com um barulho ensurdecedor... Numa vasta sala, sujeitos de bata branca amolecem pacientemente fragmentos de terras diversas. e depois, — vá lá um leigo compreender porquê... — empenham-se todos em enxaguá-los até à exaustão. Nem com as melhores formas do mundo, a miudagem conseguiria fazer «bolinhos de areia» ou de barro, tão perfeitos. Nem tão duros, diga-se ainda, capazes de, enganosamente, substituirem ao tacto a madeira mais dura.

L.E.A. agitar antes de usar

TEXTO DE JAIME MOREIRA/FOTOS DE LUCAS DE SOUSA



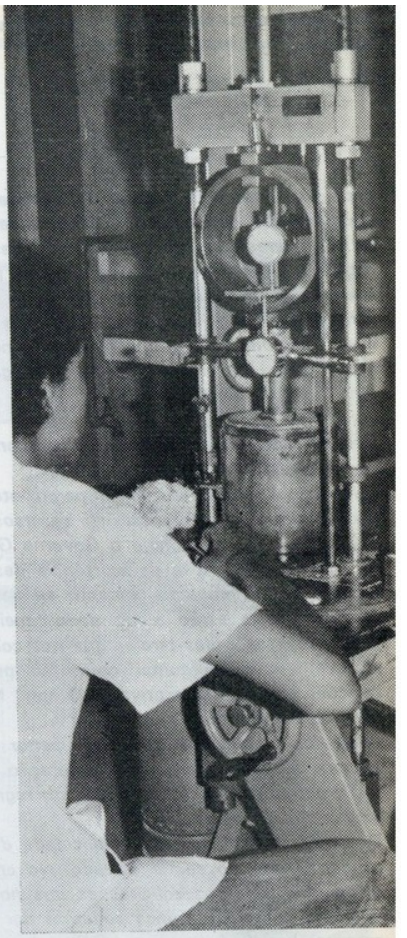


MÚLTIPLAS FACETAS

Pois tudo isto e muito mais coisas que deixam o visitante boquiaberto — como a ciência é complicada, para investigar causas e efeitos — é o Laboratório de Engenharia de Angola.
Não há dúvida que num território em vias de desenvolvimento acelerado, como o nosso, torna-se premente a existência de organismos especificamente virados para as técnicas experimentais, susceptíveis de acompanhar a progressiva importância e complexidade das obras de engenharia em curso, projectadas ou em estudo, fiscalizando e controlando ainda os numerosos materiais nelas empregados.
Primitivamente adstrito à Direcção dos Serviços de Obras Públicas e Transportes e dotado de autonomia administrativa desde Outubro de 1961, o Laboratório tem cumprido eficazmente essa missão, projectando-se a sua actividade em múltiplas facetas, uma vez que lhe compete, entre outras coisas, «empreender investigações e estudos por sua iniciativa ou solicitados por entidades públicas e privadas; manter e orientar laboratórios locais especializados, junto de obras em curso, a cargo de serviços técnicos do Estado, quando a dimensão dos trabalhos o justifique e os responsáveis solicitem a montagem e o funcionamento; acordar ou contratar a realização por outras entidades públicas ou particulares, nacionais ou estrangeiras, de investigações, estudos e ensaios interessando os programas de acção do LEA; facultar a realização de investigações, por parte de especialistas, e de estágios de aperfeiçoamento dentro dos domínios da sua actividade; manter intercâmbio com meios científicos e técnicos afins, em especial mediante visitas de estudo, participação em congressos e troca de documentação».
Existem três laboratórios de engenharia civil no Espaço Português: em Lisboa, em Lourenço Marques e em Luanda. Todos dotados de autonomia administrativa, financeira e técnica, trabalham no entanto em coordenação. Explica o eng.º Novais Ferreira, director do LEA:
— *Para coordenar as actividades destes laboratórios, foi criado um Conselho Superior, que reúne anualmente, em regime rotativo, nas cidades onde estão instalados. Tomam parte no Conselho, como membros permanentes, os directores dos três laboratórios e como membros não-permanentes, entidades convidadas, entre elas professores universitários do território onde se realiza a reunião e o director-geral de Obras Públicas e Comunicações do Ministério do Ultramar.*

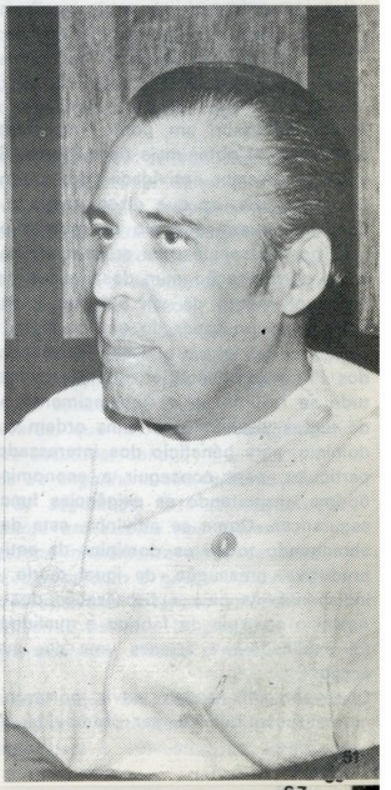
UM PROBLEMA: A ESCASSES DE TÉCNICOS

Dado o desenvolvimento invulgar verificado no sector angolano da construção civil, bem como a multiplicidade de obras de vulto, tais como barragens, pontes, rodovias, crescem sobremaneira as dificuldades do LEA, que luta com falta de meios humanos para prosseguir, convenientemente, as suas tarefas de investigação, apoio, controle e fiscalização dos variados projectos que, constantemente, lhe são submetidos.
Ainda o director do LEA:
— *Não há dúvida que a nossa principal dificuldade, neste momento, é a falta de pessoal superior. Um organismo que a si próprio se impõe as finalidades apontadas anteriormente, só*



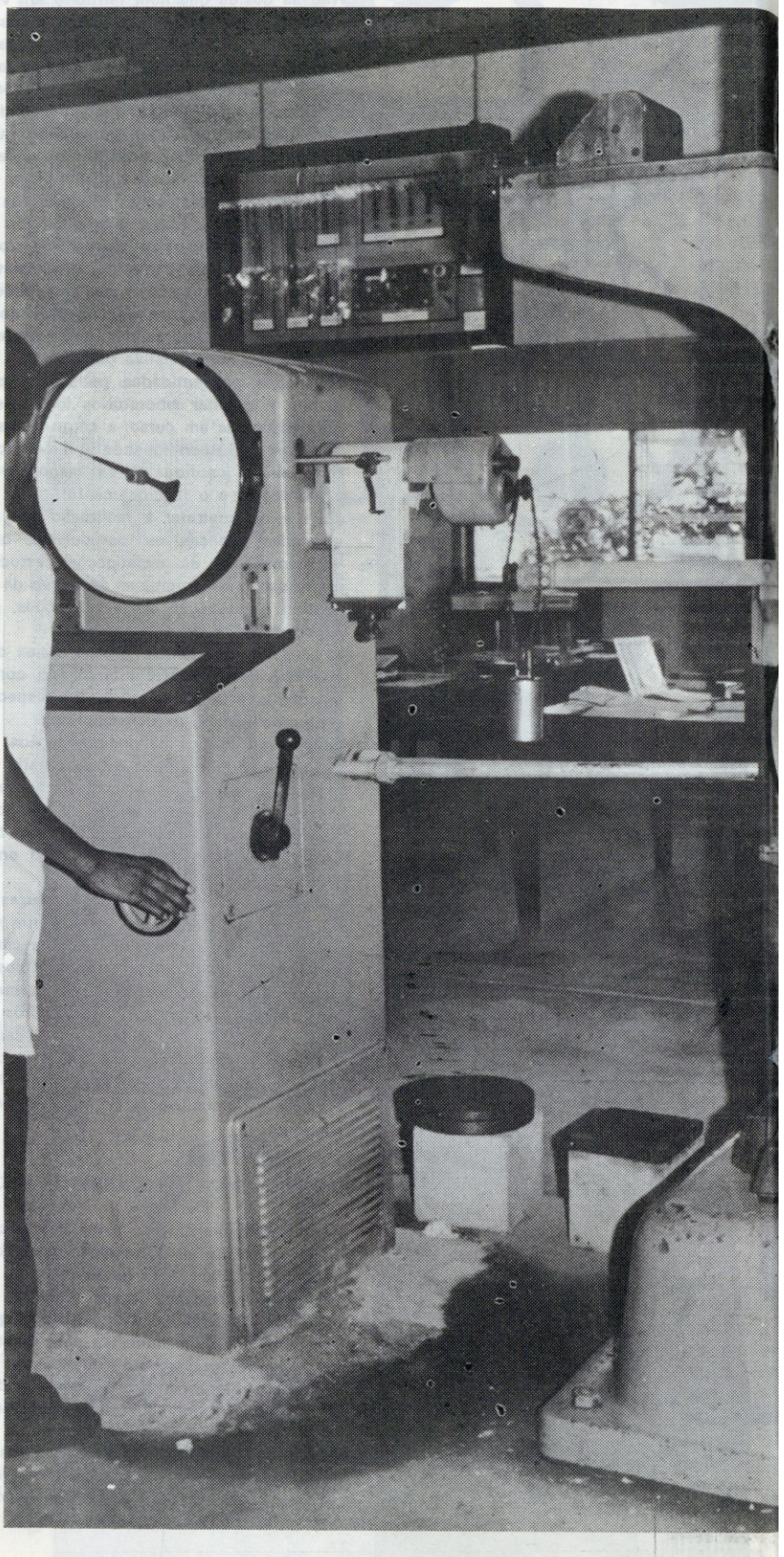
ENG. NOVAIS FERREIRA:

"A NOSSA PRINCIPAL DIFICULDADE É A FALTA DE TÉCNICOS"



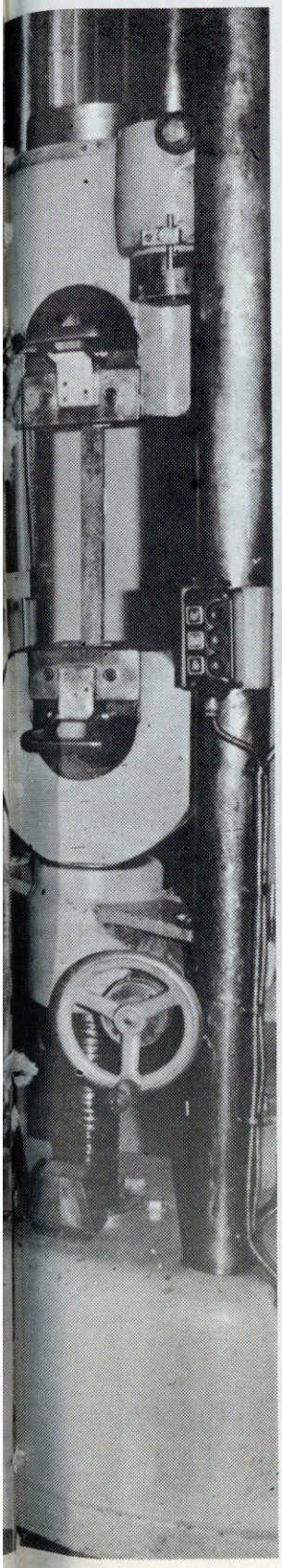
L.E.A.

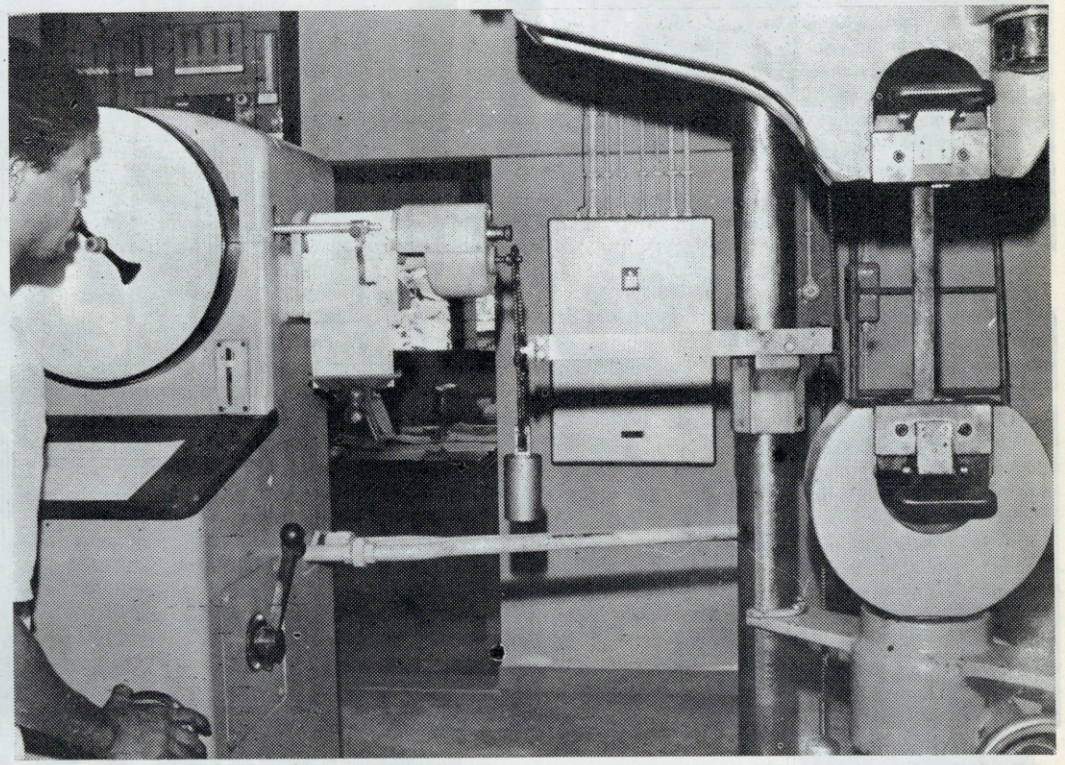
pode funcionar com pessoal de elevada qualidade e com vocação para este tipo de actividades.
Se os lugares forem preenchidos apenas para se dizer que os quadros estão completos, não se realizará trabalho útil e os objetcivos do LEA não serão, certamente, atingidos. Nada mais enganador e até prejudicial do que considerar o número e não a qualidade, em organismos de investigação.
A falta de técnicos é, aliás, geral em Angola. Felizmente que a presença da Universidade de Luanda tem vindo a contribuir para atenuar esta dificuldade.
Outro problema que se nos deparou, até há bem pouco tempo, foi a escassês de recursos financeiros. Porém, reconhecendo hoje o Governo Geral a necessidade imperiosa da existência deste Laboratório, o problema encontra-se bastante atenuado, pois estão a ser dados meios razoáveis para a realização das tarefas que nos competem.
Aproveito para perguntar como se processam as relações com o sector privado. O eng.º Novais Ferreira responde:
— Devido à falta de pesosal superior o LEA está sempre ocupado, até quase à saturação dos recursos, com o sector público, em regra muito exigente e absorvente.
Deste modo não fazemos publicidade dos nossos serviços junto do sector privado. No entanto acolhemos todas as solicitações que nos são dirigidas, sempre que lhes podemos dar uma resposta satisfatória, correcta e em tempo.
Apesar desta atitude há porém um domínio da actividade privada, de grande interesse, e para o qual temos já mobilizados recursos importantes: é o da normalização e controle de qualidade dos materiais de construção. Montámos já as estruturas para estes estudos e arrancaremos em força em 1975.



NORMALIZAÇÃO: UM ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO

Aborda-se assim um ponto importante, acerca do qual procurei obter mais pormenores. Sem dúvida entre as diversas actividades dos laboratórios de engenharia, as que dizem respeito àquele controle situam-se como as mais importantes. Não será por acaso até, que se tem afirmado ser a normalização «um dos índices de desenvolvimento de um país ou território». Parece, pois, oportuno saber do que se trata.
Segundo define a Comissão Permanente do Estudo dos Princípios Científicos de Normalização, tudo se resume ao «estabelecimento e aplicação de regras visando obter uma ordem num dado domínio, para benefício dos interessados e, em particular, para conseguir a economia de conjunto óptima, respeitando as exigências funcionais e de segurança». Como se adivinha, esta definição, abrangendo todos os domínios da actividade produtiva, pressupõe, de igual modo, instruções indispensáveis para a fiscalização dos produtos. Assim o controle de fabrico e qualidade — como me foi explicado — é apenas uma das suas formas de acção.
Que vantagens podem advir, portanto, dessa normalização que vai ser promovida, dentro em





breve, pelo LEA ? Diz-me o dr. Barata Tavares, especialista daquele organismo :

— *Além das economias obtidas na redução dos custos de produção por unidade conseguida e no tempo dessa produção, não podemos esquecer a qualidade do produto fabricado, o que para o consumidor se traduz em segurança, bem-estar e também em menos gastos ou em gastos inúteis. Temos, enfim, o aumento de quantidade de produção e o aperfeiçoamento dos homens e dos processos de trabalho.*

— No caso concreto de Angola qual é a situação actual ?

— *O Governo-Geral já promulgou decretos relativos à regulamentação da normalização no respeitante à indústria da construção civil, em 12 de Outubro e 7 de Dezembro de 1971.*

Por outro lado foi proposta superiormente a criação da Comissão Técnica de Normalização de Angola, por acção conjunta da Direcção dos Serviços de Indústria e do LEA, tendo sido redigido um projecto de Diploma Legislativo sobre o assunto.

É também necessário decidir tecnicamente das vantagens ou inconvenientes da extensão a Angola das Normas Portuguesas, à medida que vão sendo aprovadas. As diferenças climáticas e de desenvolvimento técnico-económico e industrial podem aconselhar diferenças de pormenor, nomeadamente em limites de grandezas em ambientes ou obras já previstas nalgumas normas. Por vezes é necessário elaborar normas que ainda não vigoram na Metrópole e que as condições próprias do Estado, ou os condicionalismos do seu comércio externo impõem com urgência.

UM AXIOMA

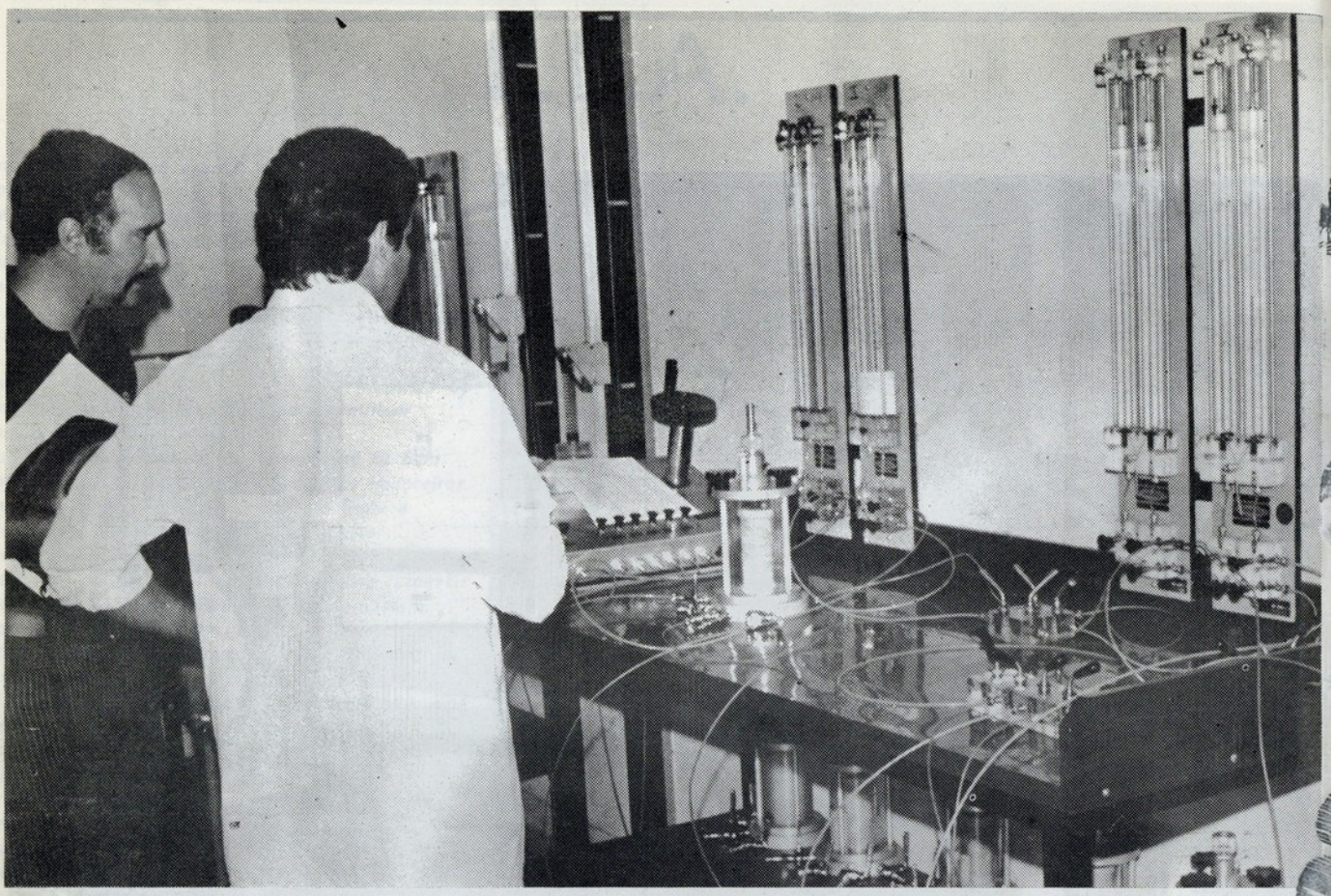
Dentro deste espírito pode dizer-se que uma das preocupações imediatas é a da normalização dos produtos plásticos, em virtude da sua crescente utilização, sobretudo nas tubagens de esgotos e nas canalizaçoes de água, ter criado problemas sérios e mesmo algumas situações que se podem considerar graves.

Segundo me foi revelado têm-se verificado rupturas nessas canalizações de material plástico, umas vezes devido a envelhecimento prematuro, outras devido à fraca resistência à ruptura, que acarretam prejuízos de vulto. E existem mesmo exemplos em que a segurança dos próprios edifícios terá corrido alguns riscos, dado que tais canalizações se inseriam dentro das suas estruturas. Por isso o LEA foi encarregado de estudar e propor normas de qualidade para tubagem plástica a utilizar na construção civil.

O dr. Barata Tavares, que me elucidou longamente sobre todos estes assuntos, conclui :

— *Os laboratórios de engenharia são factores de produtividade e de segurança. Esta afirmação, que constitui actualmente um axioma nos países desenvolvidos, carece infelizmente ainda de ser demonstrada em regiões com a nossa, apesar dessa atitude poder vir a acarretar prejuízos materiais enormes, empobrecendo assim a Nação. Não obstante, a batalha continua, mesmo a nível internacional.*

Seria exaustivo fazer aqui um resumo, breve que fosse, do que tem sido a actividade do LEA, há longos anos virado para a «investigação territorial



DR. BARATA TAVARES

orientada». De Cambambe ao Gove, passando pela Quiminha, pelas mais diversas estradas, pontes, edifícios públicos, obras portuárias, enfim, lá onde a sua assistência se torna necessária, sempre o Laboratório tem estado presente, cumprindo amplamente a missão para que foi criado.

Como organismo «vivo» que é, procura dotar-se cada vez mais de meios técnicos e humanos que lhe permitam continuar como escora fundamental da engenharia civil angolana. Não admira, portanto, que os projectos sejam numerosos e que amplas perspectivas se se lhe deparem para o futuro imediato. Diz: o eng.º Novais Ferreira:

O Laboratório será aquilo que os particulares quiserem e o Governo Geral determinar, pois o nosso trabalho tem de enquadrar-se necessariamente na política de desenvolvimento definida pelo Governo.

Com os recursos — especialmente os humanos — são limitados, importa não obstante adoptar uma política de selecção em face das condições locais e das possibilidades de actuação. Prevê-se um incremento de obras e, por isso, a assistência a obras terá de ser igualmente incrementada.

Será essa sem dúvida a actividade que sofrerá maior desenvolvimento no próximo ano.

Por outro lado, haverá que realizar esforços para obter meios para equilibrar uma tendência de assimetria em relação a esta assistência técnica especializada. No seu conjunto, pois, teremos que actuar energicamente no sentido de uma ampliação de assistência técnica e tentativa de impedir atrofiamentos, antes obter incremento, dos restantes tipos de acções.

UM BANCO
EM EVOLUÇÃO
PARA UM
CRESCIMENTO
IMPARÁVEL
PENTA Angola T29
Estamos em Angola consigo e evoluímos.
Crescemos para que você cresça.
Seja qual for a sua actividade conte connosco.
Onde quer que esteja é nosso o seu problema
do presente e do futuro.
Somos evolução. Somos o Banco para você.
BANCO
TOTTA STANDARD
DE ANGOLA

Cuca
A COPO
VIDEIRINHA
BAR

POR ONDE ANDAM OS TÁXIS ÀS HORAS DE PONTA?

PARA quem habitualmente se serve de táxis como meio de transporte, relativamente cómodo e relativamente rápido, tem notado uma gradual dificuldade em deslocar-se. Cada vez parece mais difícil conseguir um táxi livre. Para além das chamadas horas de ponta tal dificuldade permanece. Pareceria, portanto, fácil admitir que com o aumento da população, com os agravamentos vários que têm alterado o custo de vida, o preço das «corridas» se tornou, de certo modo, acessível e que, logicamente, com uma maior procura os táxis se revelam já poucos para as necessidades.

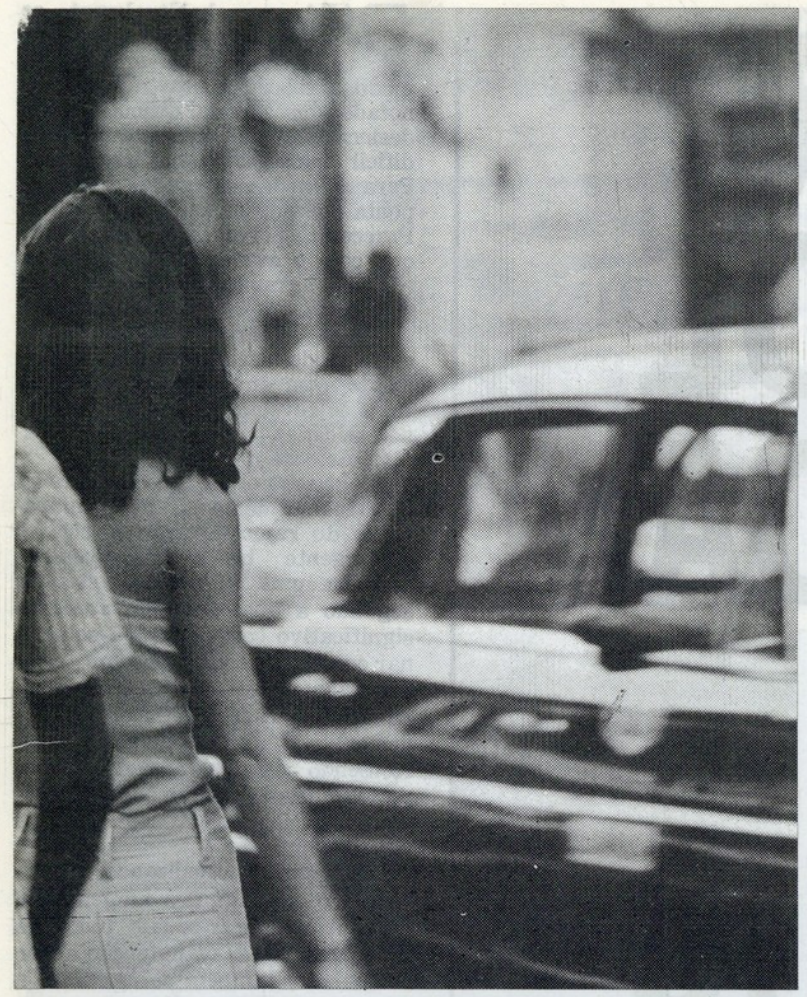
Sabe-se, porém, que da mesma opinião não se mostram os industriais do ramo. Quanto a eles, o contingente basta. Acrescentam também uma interessante teoria, segundo a qual com um aumento significativo conseguir-se-á solucionar o problema. Alegam—com alguma razão, vamos lá! — que tudo aumentou: os carros, os acessórios, o combustível, as reparações, o seguro. Sendo assim, as actuais tarifas, por demasiado antiquadas, se revelam insuficientes.

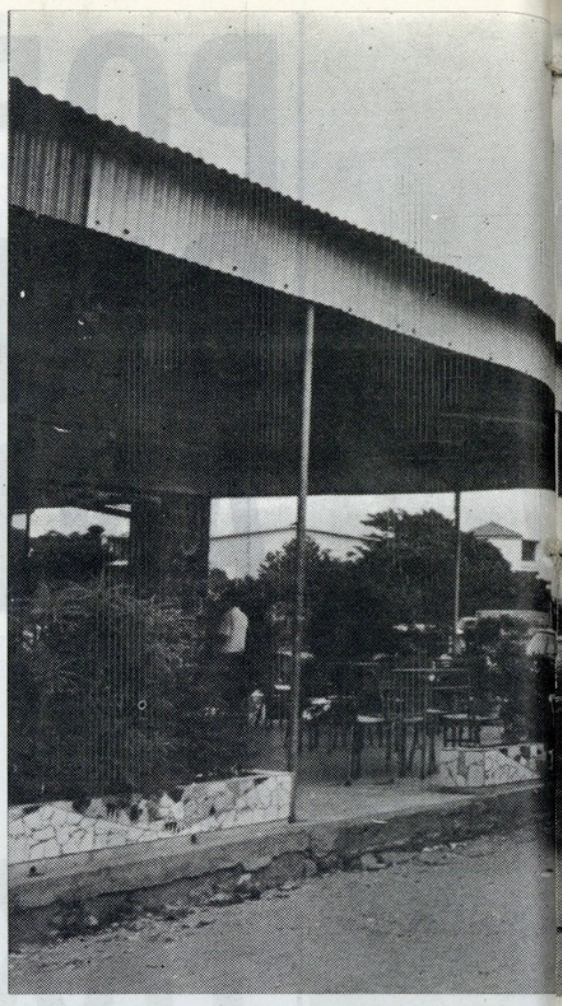
Quer dizer, actualizando os preços — o que significa aumentá-los — contrabalançar-se-iam todos os agravamentos de manutenção e, por outro lado, também se limitaria o número de utentes.

Na verdade, todavia, os táxis faltam, especialmente nas horas de ponta, menos por excesso de trabalho do que se julga. É frequente, de manhã, antes das oito, ver-se passar táxi, após táxi, com os contadores tapados. Os motoristas fogem ao tráfego intenso e, efectivamente, enfadonho. Depois, ao fim da tarde, acontece o mesmo: os motoristas desaparecem com os veículos para locais discretos, entretendo-se em conciliábulos mais ou menos bem dispostos e refrescantes.

Também para esta «fuga» os motoristas de táxi têm comovente explicação: precisam de poupar os carros!

Com efeito, alegam, o tráfego nas horas de ponta é de tal forma intenso e indisciplinado que se torna arriscado circular e, nessas condições, é preferível estar parado um pedaço do que sofrer algum percalço que force o carro a passar uns dias na oficina. Além de que não é compensador trabalhar com o trânsito todo ensarilhado, corridas demoradas e desgastantes.

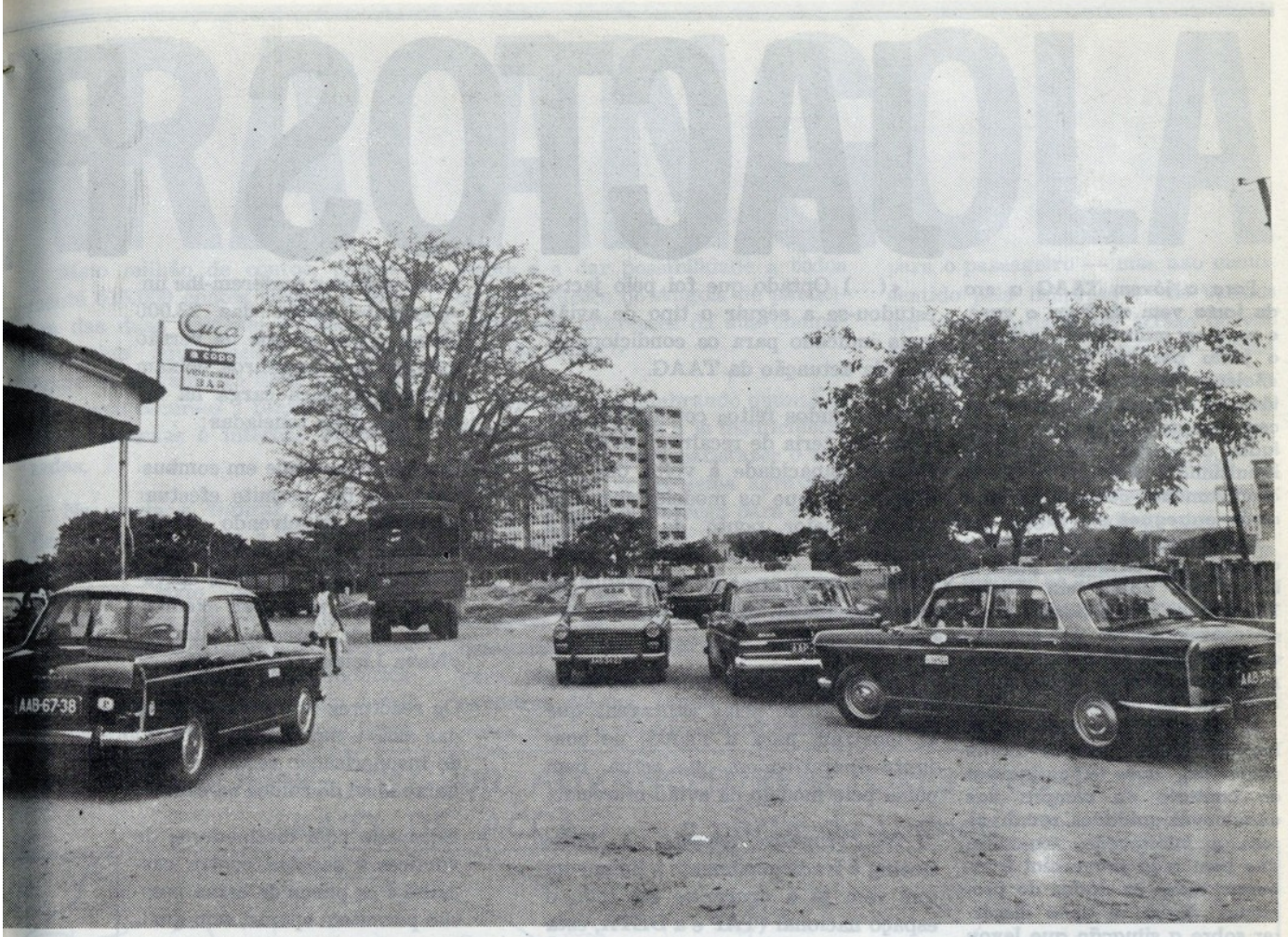




Para quem habitualmente se serve de táxis como meio de transporte fá-lo porque precisa de se deslocar. Em geral precisa de transporte, relativamente cómodo e relativamente rápido, de manhã, para ir para o emprego, durante o resto do dia, por mór das voltas que é preciso dar, à tarde para voltar a casa, misturando-se nesta altura com as senhoras que andaram às compras. Justamente quando mais precisa não há táxis. Os poucos que passam, passam quase sempre ocupados.

Que pensaria uma pessoa, afogueada com embrulhos, ou simplesmente com pressa, a irritar-se mi-

POR ONDE ANDAM OS TÁ



nuto a minuto, com o tempo a passar e nada de conseguir transporte, que pensaria ela se soubesse que naquele mesmo instante, placidamente à porta de uma cervejaria simpática estivesse uma dúzia, pelo menos, de táxis, arrumados, à espera que parasse a onda?

Pensaria, decerto, o pior possível. Diria, com razão, que, no fim de contas, os táxis são poucos. Realmente, se não fossem poucos eles teriam que trabalhar, teriam que procurar clientes onde os houvesse, a todas as horas. Mas como são, claramente, poucos podem dar-se ao luxo de trabalhar quando querem e, mesmo assim, obter suficiente rendimento.

Quantas vezes uma pessoa não desesperou no aeroporto, às mais diversas horas do dia ou da noite, olhando a praça de táxis vazia?

Não fosse, com efeito, compensador o negócio seria possível o luxo de se trabalhar quando se quer e às horas que bem se entende? Certamente que não.

Estive no bar, cuja esplanada se vira discretamente para um terreiro, nas imediações do Hospital Militar e do Liceu Feminino. Às quatro e meia da tarde chegou o primeiro táxi. Até às cinco e meia chegaram mais nove. «Hoje nem por isso são muitos», disseram-me. Nesse intermédio nenhum dos que foi chegando abalou. Chegavam, paravam e ficavam.

Por lá ficaram quando saí. De lá até à Redacção avistei muita gente fazendo gestos desesperados a táxis cheios, quando não acontecia duas ou mais pessoas disputarem um táxi livre, discutindo o direito de primazia.

KIS ÀS HORAS DE PONTA?

JACTOS P

Para a jóvem TAAG a era do jacto vem aí. Para o caso, e para ser mais rápido, começa o jacto por ser fretado. Um «Boieng 737», rápido, confortável e capaz de transportar cem passageiros e duas toneladas de carga. Um «Boieng» igualzinho a dois que a TAAG efectivamente comprou e que serão entregues em 1975.

Entretanto irá a Companhia criando as estruturas para o importante passo em frente. Tripulações irão a Seatlle para se especializarem em Boieng, a manutenção aprenderá novos processos, toda a Companhia terá que se mexer...

A anunciar isto tudo o Dr. Lopes Palma, poucas horas decorridas após a assinatura de contrato de compra das duas novas unidades, reuniu-se com a Informação, expondo-lhe com a já proverbial franqueza, todos os dados do problema. Assim, e após discorrer sobre a situação que levou à necessidade da importante decisão, afirmou:

«(...) Optado que foi pelo jacto estudou-se a seguir o tipo de avião mais indicado para os condicionalismos da actuação da TAAG.

Os estudos feitos concluiram que a escolha teria de recair em avião do tipo de capacidade à volta dos 100 lugares, já que os modelos menores exigem maior ponto de equilíbrio «break-even point», além de que viriam a mostrar-se ultrapassados na sua capacidade logo no segundo ano de exploração.

A selecção final recaiu na linha Boeing, não só pelas vantagens que se mostram para a TAAG, no conjunto operativo em que actua, bem como pelo modelo de avião oferecido.

No primeiro aspecto, a linha Boeing é tradicionalmente a linha com que vem já a operar-se em todo o espaço nacional (TAP e a DETA, esta em Moçambique) com todas as vantagens de possíveis acordos recíprocos de apoio técnico e com as economias de escala daí emergentes, onde se junta a proximidade de outro operador em África, a SAA — South African Airways.

Quanto ao modelo, trata-se do 737-200 Advanced, último tipo de fabrico dos bireactores Boeing, cujas vantagens, na sua performance, podem em síntese apontar-se:

— Fuselagem de secção igual à dos Boeing 707, permitindo 6 lugares lado a lado e consequente harmonia de rentabilidade e conforto;

— Capacidade de 115 lugares;

— Equipado com reactores especiais JT8D-17, assegura um largo raio de acção (2.000 milhas náuticas) que permite a sua utilização para além de serviços puramente internos, como por exemplo, Lourenço Marques e Cape Town;

— Tais reactores conferem-lhe um «payload» acima das 23.000 libras, o que mesmo na versão máxima de passageiros, deixam capacidade para carga na ordem das duas toneladas;

— Grande capacidade em combustível que lhe permite efectuar percursos envolvendo vários sectores sem reabastecimento, com todas as vantagens operativas, como seja, por exemplo e na rede interna, Luanda/Nova Lisboa/Luso e volta;

— Os reactores colocados debaixo das asas e um sistema especial de insonorização resultam num baixo nível de ruídos na cabine;

— Equipado com dissipadores de vórtices e sapatas contra cascalho e os pneus de baixa pressão permitem operar, sem qualquer risco, em pistas menos limpas.

Reunidas que foram as vantagens da linha Boeing e do modelo escolhido, bem como discutidas as condições de venda, acaba a TAAG de encomendar à Boeing dois aviões 737-200 Advanced, cujos prazos de entrega terão lugar em Julho e Dezembro de 1975.

A encomenda de um terceiro Boeing, mas este com possibilidade de opção para outro modelo, está prevista para final de 1976, já que as previsões do aumento de tráfego assim o exigem.

O prazo de entrega mínimo para este tipo de avião é de 18 meses, o que atirava a recepção do primeiro só para Novembro, pelo que devemos à Boeing — na pessoa do seu Delegado Mr. Bob Edwards que temos o prazer de ter entre nós — uma palavra de agradecimento pela compreensão que pôs na premente necessidade com que se mostra para a TAAG a entrega da primeira unidade.

ARA ANGOLA

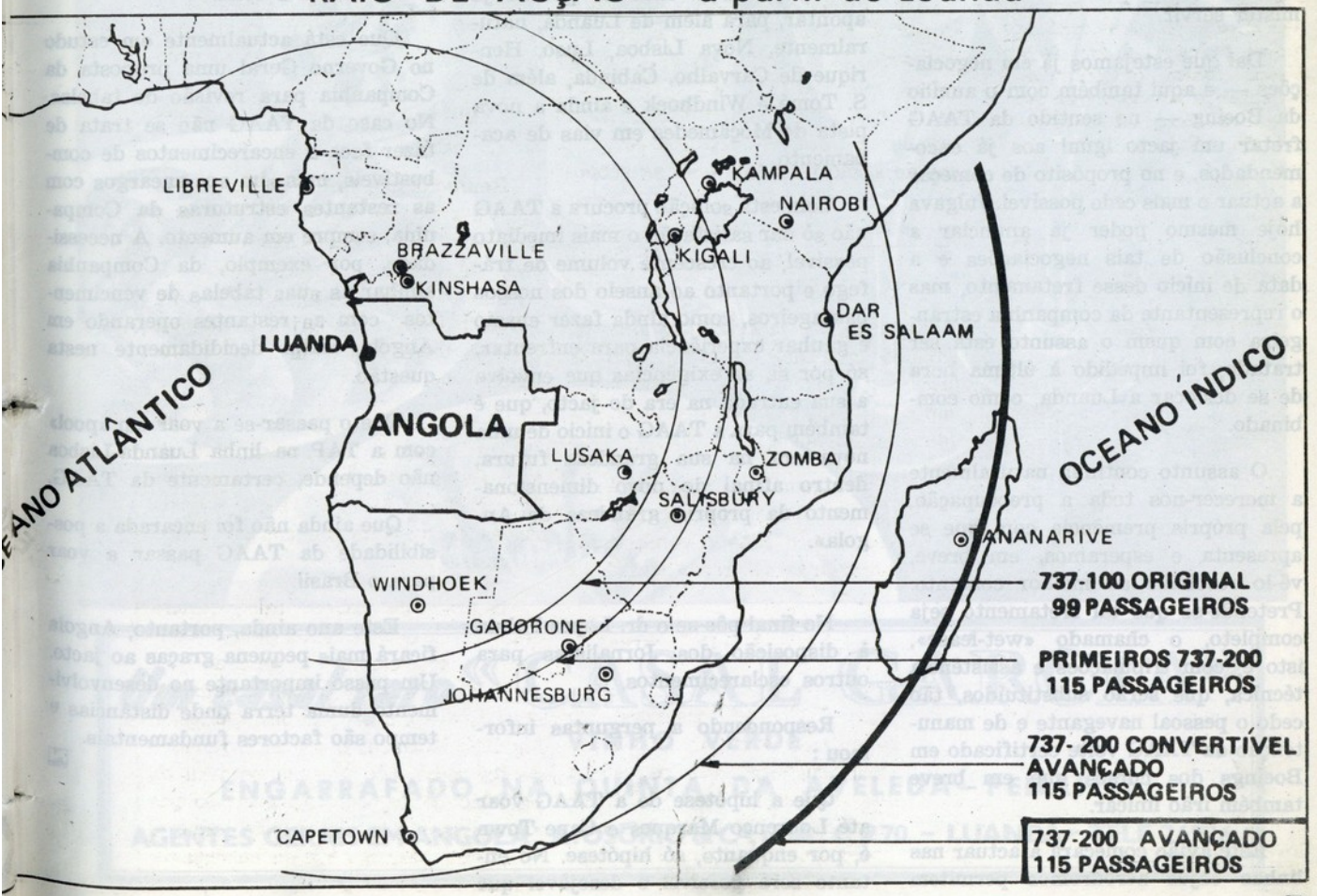
Meio milhão de contos, precisamente 515.000 contos, orçará a compra das duas unidades citadas e do respectivo equipamento de apoio. Prazo de pagamento diferido em 10 anos, com recursos a fontes financiadoras externas e internas especializadas.

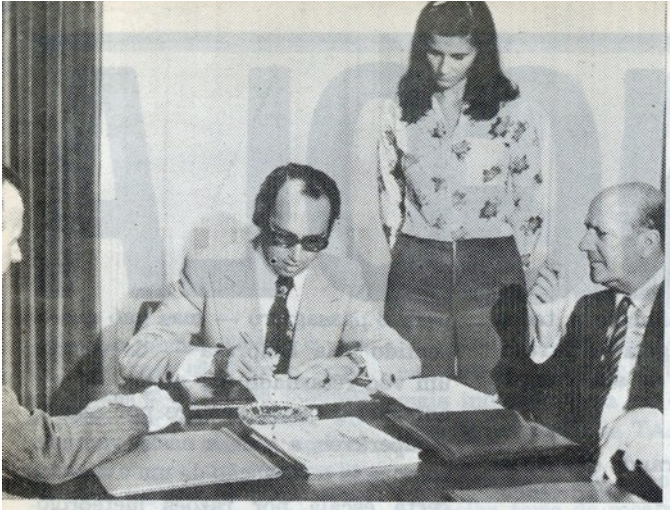
Na parte a figurar como auto financiamento, conta a TAAG com o capital próprio que vai aumentar, ainda em Maio, de 120.000 para 250.000 contos, sendo propósito do seu Conselho de Administração oferecer à subscrição pública parte significativa dessas novas acções, num desejo de alargar o número dos seus accionistas e a dar possibilidade a todos os portugueses de Angola de participarem nos interesses da sua companhia de aviação.

Entretanto e lembrando quanto se disse de início sobre a já insuficiência da actual frota para satisfazer o tráfego presente, o problema agrava-se perante a data de entrega para o primeiro avião — Julho de 1975.

Já hoje as listas de espera se alongam e os vôos tiveram que ser escalonados com intervalos mínimos para permitir o maior número de carreiras diárias. Daqui resulta, por vezes, o arreliador inconveniente para o passageiro — mas não menos sentido pela Empresa — de vermos um vôo retardado por atraso do vôo anterior e quase sempre por causas insuperáveis a toda a nossa vontade, como seja a retenção de um avião em certa escala por razões meteorológicas. Tais atrasos poderiam ser, em parte afastados, reduzindo alguns vôos, mas que iria afinal agravar o problema, pois consideramos ser preferível manter as actuais frequências, embora com os inconvenientes de eventuais atrasos. É um esclarecimento que se dá e um apelo que se deixa à boa compreensão dos nossos passageiros.

BOEING 737-200 ADVANCED/REACTORES JT8D-17
RAIO DE ACÇÃO — a partir de Luanda





ASSINATURA DO CONTRATO

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

JACTOS PARA ANGOLA

Não pode, contudo, a Administração da TAAG alhear-se de aspecto tão importante, sob pena de transtornos aos seus passageiros que é mister servir.

Daí que estejamos já em negociações — e aqui também com o auxílio da Boeing — no sentido da TAAG fretar um jacto igual aos já encomendados, e no propósito de começar a actuar o mais cedo possível. Julgava hoje mesmo poder já anunciar a conclusão de tais negociações e a data de início desse fretamento, mas o representante da companhia estrangeira com quem o assunto está ser tratado, foi impedido à última hora de se deslocar a Luanda, como combinado.

O assunto continua naturalmente a merecer-nos toda a preocupação, pela própria premência com que se apresenta e esperamos, em breve, vê-lo resolvido ao melhor contento. Pretende-se que tal fretamento seja completo, o chamado «wet-lease», isto é, com tripulações e assistência técnica, que serão substituídos, tão cedo o pessoal navegante e de manutenção da TAAG volte certificado em Boeings dos cursos que em breve também irão iinicar.

Este avião começará a actuar nas linhas cujos aeródromos permitem desde já a operação com jactos, estando neste momento uma equipa boeing especializada em fazer o teste dessas pistas e onde se podem já apontar, para além de Luanda, naturalmente, Nova Lisboa, Luso, Henrique de Carvalho, Cabinda, além de S. Tomé e Windhoek e ainda a nova pista de Moçâmedes em vias de acabamento.

Com esta solução procura a TAAG não só dar satisfação o mais imediato possível, ao crescente volume de tráfego e portanto ao anseio dos nossos passageiros, como ainda fazer ensaio e ganhar experiência para enfrentar, só por si, as exigências que envolve a sua entrada na era do jacto, que é também para a TAAG o início de uma nova era na sua grandeza futura, dentro afinal do novo dimensionamento da própria grandeza de Angola».

.....

No final pôs-se o dr. Lopes Palma à disposição dos Jornalistas para outros esclarecimentos.

Respondendo a perguntas informou :

Que a hipótese de a TAAG voar até Lourenço Marques e Cape Town é, por enquanto, só hipótese. No entanto será possível e desejável que isso aconteça. Em ambos os casos deverá isso depender de negociações com a TAP e, no caso de Cape Town, também com a SAA.

Que está actualmente em estudo no Governo Geral uma proposta da Companhia para revisão de tabelas. No caso da TAAG não se trata de fazer face a encarecimentos de combustíveis, mas sim aos encargos com as restantes estruturas da Companhia, sempre em aumento. A necessidade, por exemplo, da Companhia alinhar as suas tabelas de vencimentos com as restantes operando em Angola, influi decididamente nesta questão.

Que o passar-se a voar em «pool» com a TAP na linha Luanda-Lisboa não depende, certamente da TAAG.

Que ainda não foi encarada a possibilidade da TAAG passar a voar para o Brasil.

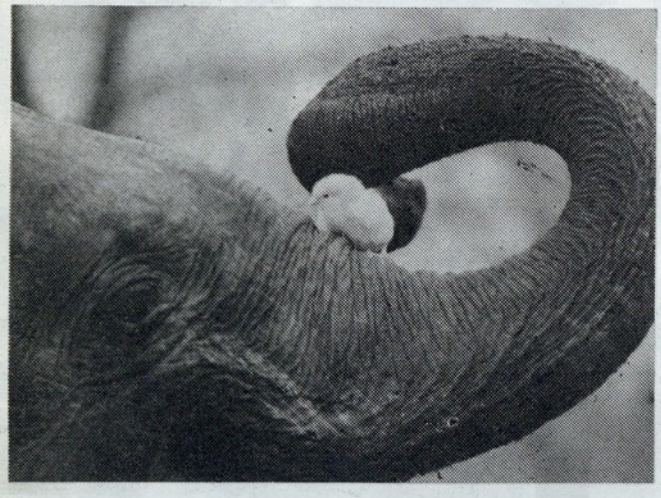
Este ano ainda, portanto, Angola ficará mais pequena graças ao jacto. Um passo importante no desenvolvimento duma terra onde distâncias e tempo são factores fundamentais.

Um casal raro **«CASAL GARCIA»**

VINHO VERDE

ENGARRAFADO NA QUINTA DA AVELEDA — PENAFIEL

AGENTES GERAIS EM ANGOLA: A. OSÓRIO & Cª, LDA. C.P. 70. - LUANDA - TELF. 26926

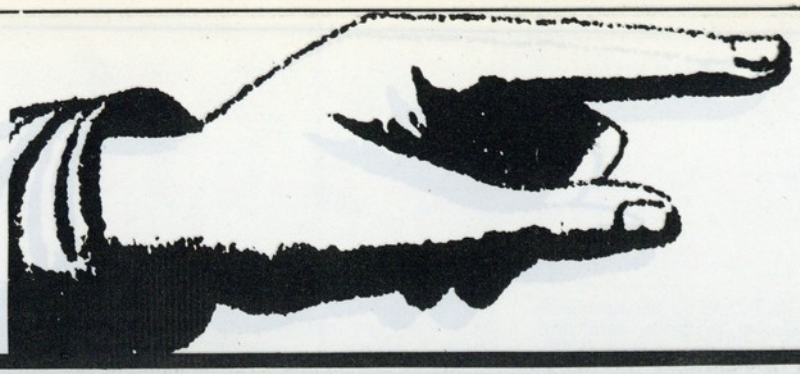


FORÇA E TERNURA

Força e ternura são duas coisas que, podem até, ligar-se muito bem. Pelo menos não se contradizem, necessariamente. Emily, esta montanha de força sabe como doseá-las para tratar a fofa bolinha de penas e tão carinhosa como a mamã galinha. Quando chove, o pintainho corre a abrigar-se sob a pata imensa da elefanta com a mesma confiança despreocupada com que se esconderia sob as asas maternas.

De qualquer maneira, como toda a gente sabe, os elefantes são herbívoros.

ISTO TORNOU-SE NOTÍCIA



VOLTA AO MUNDO

Falava-se de hotéis, de estâncias, de transportadoras e coisas assim ligadas ao turismo. Foi quando se fez referência a um hotel na península de Izu, no Japão, que tem como motivo saliente uma banheira toda em ouro de lei, o objecto de ouro mais pesado do mundo, segundo se crê. Uma banhoca ali custa dois dólares por minuto.

«Ah?, sim» disse Franco Bastos, possivelmente deitando conta aos dólares que lhe restavam.

Na sexta-feira telefonou-nos para a Redacção e entre rizadas foi-nos dizendo: «Vou tomar banho a Izu. Queres alguma coisa para lá?».

Era verdade. Levou com ele esse grupo todo que se vê na foto para testemunhar. Vão pelo Rio de Janeiro, saltam para Los Angeles, depois para S. Francisco, a seguir para Honolulu e, daí, finalmente, para o Japão. Depois do banho, regressam por Hong-Kong, Macau, Johanesburgo, Lourenço Marques, chegando a Luanda a 15 de Maio. Uma passeata!

Em Agosto, presumivelmente, repete-se a volta ao mundo, talvez com legais acréscimos ao hemisfério norte. Dessa vez também iremos, nem que seja para contar como é esse negócio dum banho a dois dólares por minuto.

FORMAÇÃO AUTOMOBILÍSTICA

O industrial moçambicano, Fernando Natividade, reuniu-se com órgãos de informação local a fim de dar conhecimento do projecto de um centro de formação automobilística para Angola. Este projecto, sem fins lucrativos, trará — a ser posto em prática — indubitáveis benefícios para Angola, cujo número de mortes na estrada é aterrador.

Prevenção Rodoviária é aliás uma medida já adoptada em vários países da europa, onde os condutores de viaturas aprendem a fazer face às circunstâncias imprevistas, e a dominar o mais completamente possível a máquina. Durante o curso o condutor depara com todo o género de dificuldades imprevistas como sejam manchas de óleo que aparecem bruscamente na estrada, obstáculos que surgem sem se esperar, e a saber reagir perante essas circunstâncias.

MAIS TELEFONES

Satisfação para alguns milhares de luandenses que, a partir desta semana, dispõem de um posto telefónico. Com a entrada em funcionamento das novas centrais, foi assim possível solucionar parcialmente um problema com que Luanda se debatia há alguns anos: o da deficiência de comunicações urbanas.

De salientar a forma correcta como os CTT informaram a população àcerca das consequências deste importante melhoramento citadino. Com efeito os numerosos anúncios e comunicados inseridos durante alguns dias na Imprensa diária luandense foram auxiliares preciosos para completo esclarecimento das alterações e ampliações sofridas pela rede telefónica da capital angolana.

ESTÁ AÍ O LIVRO DE BOBELA MOTTA

Bobela Motta, amargo cronista deste Reino, salta do espaço encaixilhado dos jornais para os escaparates das livrarias com um livro, «Letras Descontadas», primeiro da «Colecção Angola», agora lançada pela nova Editorial Vértice.

Falar do livro é falar do autor e do seu modo de ver a vida por um dos poucos prismas que vale, ainda, a pena: o humor frio e verrinoso, a ironia crua por despida de artifícios e, de onde em onde, um ligeiro toque de esperança nos dias que hão-de vir.

«Letras Descontadas» por Bobela Motta, a um tempo em que se vive a crédito do Devir doutras coisas; um La Fontaine a contar fábulas sem fundo moral, e por isso mais verdadeiras. Um livro para ter.

NO MARÍTIMO É ASSIM

Neste tempo de ideias exóticas, não parece mesmo nada estranho que esta menina tenha escolhido uma gibóia bastante desenvolvida para animal de estimação. As vantagens sobre os cães, os gatos, os cágados, os passarinhos e outros animais domésticos em geral são bastante evidentes. Pondo-se de parte aquela velha má vontade contra as cobras e os répteis em geral — herança daquele mal-entendido no Eden —, vê-se que uma gibóia é o animal de estimação ideal. Não faz barulho, que chateie os vizinhos. Vive perfeitamente num apartamento e não é necessário «levá-la a passear» para as pequenas e grandes necessidades. No cacimbo, serve de agasalho e no tempo quente de companhia. Serve ainda, para espantar importunos. Enfim...

A esta menina a gibóia serve para ganhar uns trocos, em exibições públicas como esta, no «Marítimo» da Ilha, onde todos os sábados, à noite, há festinhas giras e completamente despreconceituosas.

ISTO TORNOU-SE NOTÍCIA

MUTAMBA
EDIFÍCIO MUTAMBA

O NOVO PONTO DE ENCONTRO

Surgiu num dos melhores pontos da cidade, o estabelecimento que faltava a Luanda. Engloba um snack-bar acolhedor, um «pub» com ambiente subtil (é tão propício a conversas de amor como a discussões de negócios), uma pastelaria especialmente dedicada a senhoras, um restaurante self-service e uma esplanada maravilhosa.

Pouco adianta estar a falar de como se come bem na MUTAMBA, (tem fabrico próprio de pastelaria), de como se toma lá um dos melhores cafés da cidade (tem um lote especial próprio), de como o ambiente, os ambientes, pois cada secção tem características especiais, é tão agradável. A única solução é ir-se lá, igual a ficar-se cliente. E a MUTAMBA, ali em plena baixa, só tem as portas fechadas por causa do ar condicionado. De resto, um ligeiro toque, e você está a saborear uma porção de coisas boas ao mesmo tempo: ambiente acolhedor, fresquíssimo, refeições de fazer crescer água na boca, doces de fazer um adulto sentir-se criança de novo.

A expansão do B.C.A. foi especialmente salientada no discurso proferido pelo prof. Gonçalves de Proença, vice-presidente daquela instituição de crédito, no decorrer da última assembleia geral, reunida para apreciação e contas respeitantes ao exercício do ano findo.

Começando por render homenagem a Cupertino de Miranda, fundador e impulsionador do grupo bancário constituido pelo Banco Comercial de Angola e Banco Português do Atlântico, o prof. Gonçalves de Proença entrou, depois, a analisar o exercício de 1973 disse:

«(...) Se desejasse sintetizar em poucas palavras o exercício de 1973, pelo que respeita ao nosso Banco, eu diria que ele se caracterizou, fundamentalmente, pela consolidação da sua estrutura e alargamento em ordem a uma progressiva nacionalização e internacionalização das actividades. Com efeito, foram marcos fundamentais da existência do B.C.A. em 1973 o prosseguimento da cobertura do espaço português e o esforço das suas posições e perspectivas internacionais. Esse o significado da abertura das novas agências e dependências nos Estados Portugueses de Angola e Moçambique, intensificando e apertando assim, cada vez mais, a malha da sua presença nos maiores territórios portugueses de África, e a extensão da actividade do B.C.A. a S. Tomé e Príncipe e a Macau, ocorrida, respectivamente, em Agosto e já no início do corrente ano.

Pode dizer-se, deste modo, que praticamente está coberto pelo Banco Comercial de Angola todo o território ultramarino português, uma vez que as parcelas ainda não abrangidas estão já também sob a sua influência e em breve poderão igualmente por ele ser alcançadas. E com a cobertura do espaço ultramarino, natural é que se comece a pensar activamente na globalização da cobertura nacional (...)»

Continuando, o prof. Gonçalves de Proença, abordou aspectos relacionados com Comércio Externo, considerando-o factor primordial na política do futuro, e para o qual o B.C.A. denota ampla aptidão, dizendo:

«(...) Basta levantar um pouco o véu das grandes preocupações internacionais na hora que passa para imediatamente nos apercebermos do afã com que por toda a parte se buscam ligações, se reatam antigas amizades ou se procuram apagar discórdias recentes, com sacrifício embora de posições ideológicas, de modo a assegurar canais seguros de complementaridade internacional, indispensáveis ao ritmo de manutenção da economia contemporânea. O espectro das refinarias paradas por falta de ramas, das indústrias silenciosas por carência de matérias primas, da redução do trabalho por quebra nos índices de emprego, estão ainda bem patentes aos nossos olhos, nesta pequena amostra que a crise do Médio-Oriente há pouco nos proporcionou, pondo a nu, por forma descarada e brutal, a interdependência do complexo económico internacional, onde cada uma das parcelas só poderá sobreviver desde que mantenha com as demais as ligações necessárias à sustentação das respectivas posições. O feudalismo das precárias economias autosuficientes morreu. O futuro pertence cada vez mais à grandes comunidades que no âmbito da sua dimensão alberguem os elementos indispensáveis à so-

PROF. GONÇALVES DE PROENÇA

"ASSEGURAR ÀS INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS CAPACIDADE CONSTANTE, DE ACTUAÇÃO, NO PRESENTE E NO FUTURO TENDO EM CONTA, DE MODO ESPECIAL AS CARACTERÍSTICAS, A DIMENSÃO E A EVOLUÇÃO DAS ESTRUTURAS ECONÓMICAS ULTRAMARINAS" — Preconizou o Prof. Gonçalves de Proença na Assembleia Geral do Banco Comercial de Angola

brevivência colectiva, desde as matérias primas à tecnologia, ou logrem estabelecer, no plano internacional, os acordos de cooperação que assegurem a médio e longo prazo o alimento indispensável ao seu progresso económico (...)»

Reportando-se aos resultados obtidos, que considerou consequência do dinamismo e forma de actuação do B.C.A., o prof. Gonçalves de Proença salientou:

«(...) De salientar, a propósito, a política seguida quanto a depósitos e crédito concedido. Os primeiros aumentaram cerca de 20%, o que pode considerar-se muito satisfatório, tendo em consideração os valores globais já recolhidos e que orçam, no momento presente, pelos 10 000 000 de contos. De reter, outrossim, as condições em que decorreu no ano transacto a concorrência bancária e em que o nosso Banco procurou sempre manter uma linha de estrita correcção, embora nem sempre a mais vantajosa e lucrativa.

Quanto à política creditícia o seu aumento em relação ao ano transacto foi da ordem dos 30%, (23 465 143 contos em 1972 e 30 459 017 em 1973) satisfazendo a procura que, sobretudo a partir de meados do ano, recaiu sobre as instituições bancárias, como consequência da expansão das actividades económicas, restrições às importações e melhoria dos mercados mundiais de matérias primas.

Para só referir este último aspecto, basta acentuar que o mercado internacional dos produtos primários da agricultura exportados pelo Ultramar Português sofreu durante o ano de 1973 uma das mais espectaculares altas de cotações de sempre. O valor do índice construído pelo «Financial Times» passou, com efeitò, de 100,81, na primeira semana do ano, para 210,26, na última, tendo atingido na 49.ª semana 216,07.

Como é sabido, as razões desta extraordinária evolução não assentam apenas em conjunturas favoráveis de procura e oferta no contexto dos respectivos mercados. De facto a crise monetária e o ajustamento do valor do dólar influenciaram fortemente esta evolução na primeira metade do ano; a crise do petróleo teve, por sua vez, decisiva influência nos últimos meses de 1973.

Para além, todavia, da satisfação que os resultados alcançados nos pode proporcionar, não podemos perder a oportunidade da ponderação que a sua análise nos impõe. Por razões conjunturais, relacionadas com a contracção anterior, as instituições bancárias puderam dispor de liquidez bastante no exercício transacto, correspondendo assim às solicitações de crédito e financiamento que lhes foram apresentadas. Mais importante, porém, do que essa capacidade de resposta, conjuntural, é assegurar às instituições bancárias capacidade constante de actuação, no presente e no futuro, tendo em conta, de modo especial, as características, a dimensão e a evolução das estruturas económicas ultramarinas.

Sob o primeiro aspecto importa referir a fragilidade com que o crescimento acelerado quase sempre afecta as estruturas — são as crises de crescimento com todas as suas debilidades. Um único remédio se impõe então: controlar esse crescimento reforçando o alimento indispensável à consolidação dos novos tecidos biológicos ou sociais. Se assim se proceder o crescimento de hoje será força de amanhã, caso contrário poderá ser fraqueza ou debilidade acrescida. Ora em economia o controle e o esforço das crises de crescimento têm dois nomes: planeamento e financiamento. Mal irá o crescimento económico que não fôr planificado e não irá longe aquele que não puder contar com meios de investimento adequados ao seu desenvolvimento. Daí a atenção que ao B.C.A. têm de merecer tais aspectos, inserido como se encontra no contexto económico-financeiro de territórios em plena crise de crescimento.

Simplesmente, tal atenção seria mais fácil se às exigências da evolução acelerada da economia não se viesse juntar no nosso caso um aspecto que completamente domina o contexto geral da problemática em causa, isto é, a sua dimensão. Não estamos, propriamente, perante uma experiência económica de contornos delimitados e extensão fácil de abarcar, quer na sua quantidade, quer na sua complexidade. É toda uma economia de grandes proporções que entrou em ebulição com proporcionais exigências de gestão e sustentação. Numa palavra: Não basta saber administrar, é necessário ter capacidade e fôlego para o fazer. O que só está, naturalmente, ao alcance das grandes instituições, entre as quais, felizmente, o B.C.A. começa a poder incluir-se. Com a dimensão que já possui? Evidentemente que não, mas seguramente com aquela que a partir da actual está ao seu alcance.

Por último, complicando ainda mais a situação, já de si pouco simples, apresenta a problemática ultramarina portuguesa uma outra característica de tonalidade sem dúvida aliciante mas também, talvez por isso mesmo, perturbadora. Não se trata de uma economia unitária, de desenvolvimento contínuo, espacial e qualitativo. Espalhada por mais de um território com ritmos de crescimento desiguais, a economia ultramarina portuguesa constitui, sob certos aspectos, um «puzzle» de cuja forma e riqueza só nos poderemos aperceber quando correctamente conseguirmos reunir todas as suas parcelas. Mais uma exigência esta, a desafiar a imaginação do planificador, mas também mais uma tonalidade a enriquecer o quadro que poderá resultar da planificação global. E novamente vêm a tona da água a superioridade que só a grande instituição possui, aquela que abarque na sua estrutura todas as partes ou a todas possa chegar com os seus serviços e recursos (...)»

Seguidamente, o vice-presidente do B.C.A. referiu-se pormenorizadamente à evolução da empresa ao longo dos seus 17 anos de existência, com especial incidência nos últimos quatro anos, no decorrer dos quais «passou de banco regional a banco de extensão quase nacional», tendo canalizado, apenas nestes dois últimos anos, quase 54 milhões de contos para as economias de Angola, Moçambique e S. Tomé. Mas, apesar disso, será necessário continuar a evoluir, melhorando serviços, aperfeiçoando-os e adaptando-os às novas tarefas exigidas pelo desenvolvimento da economia dos territórios que serve, tendo, a este respeito, sublinhado:

«(...) Como é lógico, porém, tão ingente tarefa não depende apenas de nós, nem de nenhuma instituição em particular, mas sim da combinação harmoniosa dos esforços de todos e em especial daqueles que, no sector público, tem a responsabilidade maior da planificação e gestão global. Pense-se só, nas exigências que a necessária diversificação da economia das várias parcelas do território ultramarino impõe, superando a fragilidade da limitação actual, muitas vezes circunscrita a meia dúzia de produtos com todas as contingências e riscos que tal envolve. Pense-se na natural hesitação e até desorientação de uma economia trepidante onde a dificuldade maior está na escolha dos caminhos, que importa desbravar e tornar claros às opções, para o que, muitas vezes, o sector público terá de tomar a dianteira e arrancar como chefe de fila. Pense-se nas exigências enganadoras dos grandes empreendimentos, susceptíveis de seduzir os mais ousados, nem sempre os mais dotados de meios e capacidade, impondo bastas vezes o incentivo da participação do Estado, no estudo dos projectos ou na formação do capital necessário à aventura.

Pense-se no desânimo e até indisciplina que por vezes ataca o mercado dos capitais, levando-o às loucuras da especulação ou à renúncia cómoda da imobilização, mas que importa orientar para melhores destinos, no seu e no interesse da colectividade, apontando caminhos, favorecendo iniciativas, facilitando aplicação ou criando incentivos, ainda que, para tanto, haja algumas vezes de renunciar à perspectiva da fiscalidade a curto prazo em proveito de mais largos e seguros horizontes fiscais a médio e longo prazo.

Pense-se no significado desencorajante que pode ter a burocracia complicativa, a centralização desnecessária e a demora injustificada, fazendo desaguar em desgosto e impaciência caudais de energia e de boa-vontade.

Pense-se, por último, na importância e significado que para a estabilidade e segurança das superestruturas económicas têm as infraestruturas colectivas e sociais, desde as comunicações, ao ensino, à saúde, à segurança social, à fiscalidade, etc., para bem facilmente se concluir que a tarefa do futuro só pode ser vencida desde que as instituições privadas recebam das instituições públicas o apoio e incentivo de que necessitam para o natural desenvolvimento das suas potencialidades.

Aspecto este em que nem sempre a actividade bancária comercial tem sido encarada e acarinhada como merecem e justificam os serviços prestados à comunidade, desde o rigor com que são apreciados os seus resultados, convertendo-a numa das actividades económicas de menor rentabilidade unitária, até ao tratamento desfavorável de alguns dos aspectos necessários à sua consolidação e expansão, designadamente em matéria de provisões. O que se nos afigura injusto pois às instituições de crédito se deve, em grande parte, o dinamismo revelado pelas estruturas económicas ultramarinas nos útlimos anos, com destaque para o B.C.A., dada a sua dimensão nos territórios onde actua e onde começa a aparecer ligado a algumas das mais importantes iniciativas económicas dos vários sectores produtivos (v. g. turismo, comunicações, indústrias extractivas, celulose, agricultura, pesca e pecuária)».

ESTUDE

RÁDIO
TELEVISÃO E
TRANSISTORES

A VIDA MODERNA EXIGE
HOMENS PREPARADOS

Em sua casa, por correspondência, recebe lições, ferramentas, aparelhos de laboratório e material para praticar.

Em pouco tempo e econòmicamente será um verdadeiro técnico.

Peça o folheto grátis à

EURORÁDIO

Av. Manuel da Maia, 32
Lisboa 1 Telef. 43563

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ N

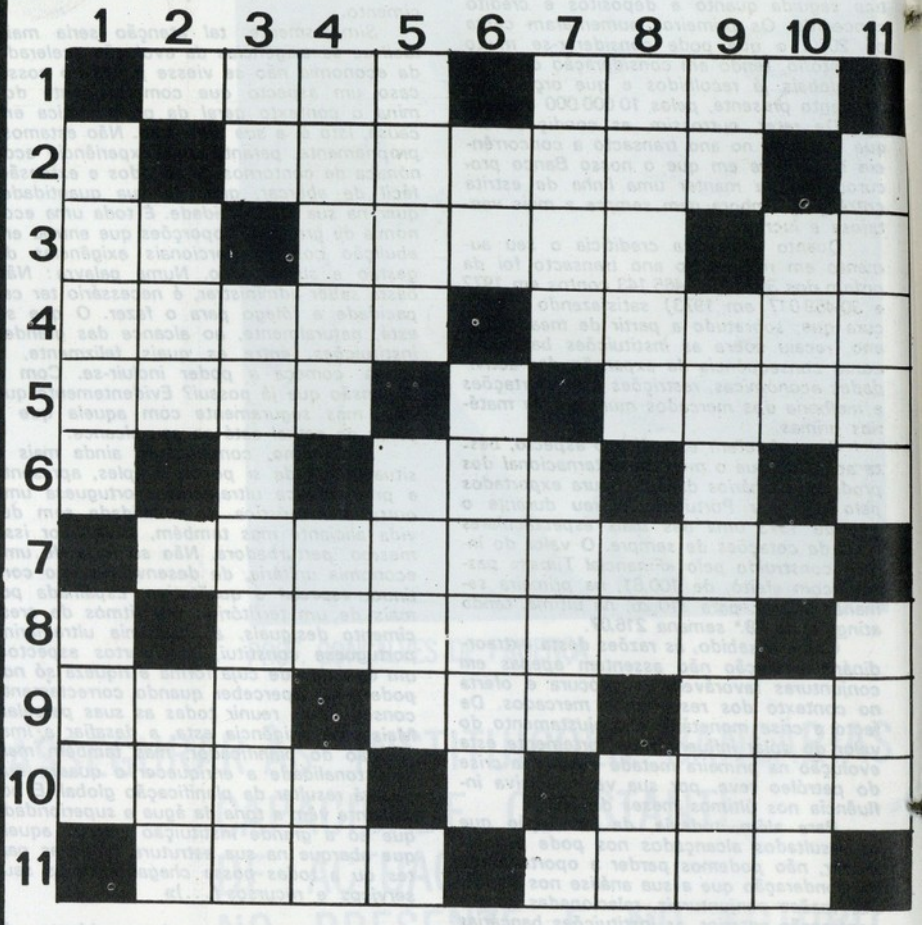
MUDARAM OS TELEFONES DO

CONTACTE-NOS PELOS N.os

35243/7

PASSATEMPOS

palavras cruzadas



HORIZONTAIS: 1 — Expressão burlesca, para designar qualidade excelente; Sopés. 2 — Deuses domésticos (romanos). 3 — Letra grega; Mau hálito; Aqui. 4 — Escritor francês, autor de «le Portugal em 1860 et le conte de Tomar (1816 - 1885); ripansar. 5 — Trago; Implorar. 6 — Mediana. 7 — Grande aranha venenosa. 8 — Suplício. 9 — Colocar; Ruido; Oxido de calcio. 10 — Vinho usado como excipiente; Poetisa grega do princ. do Séc. VI a C que se precipitou no mar do rochedo Lâncade. 11 — Azedume no estômago; Pão de milho.

VERTICAIS: Cabo para carregar as testas do papa-figos; Deusa da abundância (romana). 2 — Rei lendário de Troia; Antiga medida de três palmos. 3 — Pelo próprio (abrev.); Grande ave palmip., também conhecida por Alcatráz. 4 — Frágil; Letra grega; Medida iliner, chinesa. 5 — Ágata fina; Março (francês). 6 — Pref. de aproximação; Conselheiro. 7 — Rio de Portugal (Faro); Peixe escombr.. 8 — Anagrama de ebrio; Cidade da Caldeira, pátria de Abraão; Senhor (abrev.) 9 — Artigo (pl.); Delonga. 10 — Erva mate; Cuidado. 11 — Pampano, Pequena Argola.

Quem roubou o Big-Ben?

Londres acordou certo dia sem o tradicional relógio Big Ben. O detective Berlock deduziu imediatamente que alguém o havia roubado.

Foram presos quatro suspeitos.

Berlock apurou que um deles — não foi possível saber qual — dizia sempre a verdade, enquanto os outros mentiam sempre.

Interrogados, responderam:

A — B roubou a peça.
B — D é gatuno.
C — Não fanei nada.
D — B mentiu quando disse que fui eu.

Foi o bastante para o ladrão ser preso.

E você? Sabe quem foi?

SOLUÇÕES

HORIZONTAIS: 1 — Iriar; Maria. 2 — Boieiro. 3 — Avo; Sra.; Ira. 4 — Na; Co; Ma; Ao. 5 — Zoo; Sai. 6 — Cara; Amar. 7 — Aio; Aro. 8 — Sul; Bar; Uva. 9 — Ti; Si; Ai; Ag. 10 — Saturno. 11 — Melodiara.

VERTICAIS: 1 — Iman; Cesto. 2 — Vaza; Ui. 3 — Ibo; Oral; Se. 4 — Ao; Coai; Sal. 5 — Riso; Obito. 6 — Er; Ud. 7 — Miam; Arari. 8 — Ar; Asar; Ina. 9 — Roi; Amor. Or. 10 — Raia; Va. 11 — Adão; Reage.

QUEM ROUBOU O BIG BEN?

D disse a verdade — C é o ladrão.

filatelia

SECÇÃO COORDENADA POR COCA-E-COLA

EMISSÃO EUROPA — 1974

Como anteriormente noticiámos, a CEPT deliberou que o desenho único a adoptar para a emissão EUROPA, fosse substituído por um tema anual a tratar de maneira livre por cada Administração Postal, membro daquele organismo. Para este ano o tema escolhido foi «Escultura».

Os CTT utilizaram, nesta emissão, a magnífica obra de Soares dos Reis: «O Desterrado».

A série será posta a circular no próximo dia 29 na Metrópole e ilhas adjacentes. O plano de emissão é o seguinte:

1$00	tiragem	de 9.000.000
4$00	»	de 2.000.000
6$00	»	de 1.000.000

Os selos, cujo desenho é da autoria dos Serviços Artísticos dos CTT, têm as dimensões de 34,5mm x 23,9mm, compreendendo a serrilha, com o denteado 13,5.

Os trabalhos de impressão foram executados em off-set pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda.

Como habitualmente haverá carimbos de 1.º Dia de circulação que funcionarão nas estações postais de Lisboa, Porto, Coimbra e Funchal.

AEROFILATELIA

ITÁLIA — A Companhia Alitália inaugurou a linha Roma-Moscovo-Tóquio, pela rota transiberiana, em Douglas DC-8-62. Foram editados dois sobrescritos pela companhia: à partida de Roma, com carimbo corrente do aeroporto; à partida de Tóquio, com dois carimbos: um corrente e outro ilustrado, em vermelho.

SINGAPURA — Para o vôo Singapura-Europa e regresso, em B-747 a Companhia Singapura Airlines, utilizou uma «griffe» especial, ilustrada com um avião.

NOVOS CARIMBOS PARA ANGOLA

Para comemorar o 6.º Congresso da Sociedade Anatómica da África Austral, os CTT efectuaram dois carimbos, de desenho uniforme, que funcionaram no passado dia 6 (Abertura) e dia 12 (Encerramento).

Abaixo publicamos os citados carimbos.

APROVEITE ESTA OPORTUNIDADE:

ADQUIRA SELOS PARA AS S/ TROCAS

Lote composto por selos novos da Metrópole e todo o Ultramar, incluindo Índia, no total de 180 exemplares diferentes c/ o preço de catálogo de 926$50 e preço líquido — 400$00.

— Idem, o mesmo lote a dobrar, 360 selos, c/ o valor de catálogo de 1 853$00 e preço líquido — 750$00.

— Idem, o mesmo lote a triplicar, 540 selos, c/ o valor de catálogo de 2 779$50 e preço líquido — 1 000$00.

— Mande 20$00 para garantia de portes —

CENTRO FILATÉLICO DE ANGOLA, LDA.

Largo da República, 26 — C. P. 2688 — Luanda - Angola

TRANSPORTES AÉREOS DE ANGOLA

DELEGAÇÃO DE VENDAS

AV. LUIS DE CAMÕES, 115-117

NOVO HORÁRIO

DESDE 1 DE MARÇO DE 1974

• VENDA DE PASSAGENS { DOMÉSTICAS / INTERNACIONAIS

SEGUNDA a SEXTA • 8 H às 12 H — 14 H às 18 H

SÁBADO • 8 H às 12 H,30

• RESERVAS E INFORMAÇÕES

SEGUNDA a SEXTA • 8 H às 18 H

SÁBADO • 8 H às 12 H,30

• Telefones

DIRECTOS:	PPC:
32996	32990
32997	32992
32998	32993
	32995
	36510

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

27 — Sábado: **Esperança, Maculusso, Matoso, União, Combatentes, S. João.** 28 — Domingo: **Popular, Colonial, Boavista, Victória, Sta. Maria, Órquídea.** 29 — Segunda: **Serra, Higiene, S. Paulo, Vila Alice, Sto. Condestável, Cazenga.** 30 — Terça: **Tropical, Saúde, Janeiro, Alvalade, Académica, Pátria.**

LOCALIZAÇÃO DAS FARMÁCIAS

ACADÉMICA - R. F. Newton, 108
AFRICANA - R. Serpa Pinto, 21
ALVALADE - R. Nort. Matos, 22
ANGOLA - Alam. D. João II, 284
BOAVISTA - R. Ant. Enes, 278
BRASIL - Av. Brasil, n.º 99
CASA BRANCA - R. A. Enes, 400
CAZENGA - Bairro da Cazenga, 8
CENTRAL - R. Salv. Correia, 8
COLONIAL - Av. G. Carmona, 44
COMBATENTES-Av. Combat, 260
CONFIANÇA - R. D. João II, 10
DANTAS - R. Salv. Correia, 1
ESPERANÇA - R. S. Correia, 48
GALÉNICA - (Cinema N'GOLA)
GARCIA-R. 12-SL, n.º 82-B: Sal.
HIGIENE - Av. Sá Bandeira, 208
IDEAL - R. Franc. Newton, 240
INGOMBOTAS - R. B. Rodrig., 38
JANEIRO - Av. Paulo Dias, 131
LOPES - B. Am. Tomaz Rua 15
LUANDA - R. Almeida Garret, 35
MACULUSSO-Av. G. Carmona, 72
MAIANGA - R. Guilh. Capelo, 38
MATOSO - Av. Paulo Dias n.º 39
MOURA - Rua do Alentejo, 145
NACIONAL - R. S. Correia, 184
ORQUIDEA - B. S. Rodrigues, 38
PATRIA - Estrada de Catete, 325
POPULAR - R. Salv. Correia, 85
PORTUGAL - R. N.S. Muxima, 43
PRENDA - R. D. João, III, 150
RESTAURADORES-Av. Rest., 33
S. CONDEST.-R.Cerâm.-B. Cuca
S. JOÃO - Bairro Popular, N.º 2
S. PAULO - R. B. de Melo, 99
SAÚDE - Rua Conde Ficalho, 55
SANITAS - R. Per. Forjaz, 227
ST. MARIA - Estrd. Conduta, 29
SERRA - R. Pereira Forjaz, 64
TROPICAL - R. N. Ferreira, 16
ULTRAMAR - R. P. Couceiro, 436
UNIÃO - R. António Barroso, 100
UNIVERSAL-R. P. Couceiro, 97
VILA ALICE-R. Eug. Castro, 134
VITÓRIA - Rua da Samba, 90

NASCIMENTO DA LUA

DIA		
27 — Sábado	às	10.51
28 — Domingo	»	11.46
29 — Segunda	»	12.37
30 — Terça	»	13.26
1 — Quarta	»	14.12
2 — Quinta	»	14.57
3 — Sexta	»	15.42

MUSEUS

Museu de Angola
Rua de N. S. da Muxima

Museu da Mulemba
Estrada do Cacuaco

★

BIBLIOTECAS

Biblioteca Nacional de Angola
Av. General Norton de Matos

Biblioteca da Câmara Municipal
Largo da Câmara

MARÉS

DIA	PREI.	BAIX.
27 —	01.11 e 07.21	13.11 e 19.40
28 —	02.07 e 08.20	14.15 e 20.42
29 —	03.10 e 09.28	15.33 e 21.56
30 —	04.19 e 10.40	16.59 e 23.10
1 —	05.25 e	11.47 e 18.12
2 —	00.16 e 06.24	12.45 e 19.10
3 —	01.13 e 07.17	13.35 e 19.59

TAAG

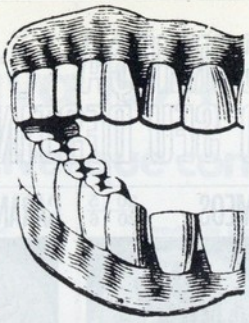
TRANSPORTES AÉREOS DE ANGOLA
S. A. R. L.
AV. LUIS DE CAMÕES, 117/123—LUANDA
TEL. 27735/36/63

Partidas de Luanda para:

AMBRIZ — Seg. Qui. (08.15) e Qua. (08.00)

AMBRIZETE—Seg. Qui. (08.15): Qua. Sex. e Dom. (08.00)

INFORMATIVO SEMANAL



(BENGUELA — Seg. Ter. Qua. Qui. e Sáb. (16.30); Ter. Qua. Qui. e Sex. (13.30); Sex. (06.15) e Dom. (06.30)

CABINDA — Seg. e Qui. (07.00); Seg. Ter. Qua. Qui. Sex. e Sab. (16.00); Qua. Sex. e Dom. (08.00); Ter. e Sab. (07.30)

CARMONA—Seg. Ter. Qua. Qui. e Dom. (13.15); Sex. (09.00); Sab. (15.15); Seg. e Qui. (08.30)

DAMBA — Seg. e Qui. (08.30).

H. DE CARVALHO — Ter. Qua. Qui. Sab. e Dom. (07.15)

JAMBA — Seg. e Qui. (06.00) e Sab. (06.15)

LOBITO—Seg. Qui. (10.00); Ter. Dom. (08.30); Sex. (16.30); Sab. (14.30); Seg. Ter. Qui. e Sáb. 06.30), e Qua. (06.15)

LUSO—Ter. e Dom. (06.00); Qua. Sex. e Sáb. (07.00); Seg. (06.15)

MALANJE — Ter. Qui. Sáb. e Dom. (07.15)

MAQUELA—Seg. e Qui. (08.30); Qua. e Sex. (07.45)

MOÇAMEDES — Todos os dias (06.30); Ter. Qua. Qui. e Sex. (13.30); Seg. e Sáb. (14.00)

NOVA LISBOA — Seg. Ter. Qui. e Dom. (06.00); Qua. Sex. e Sáb. (06.15); Qua. Sex. e Sáb. (07.00); Qua. e Sex. (11.30); Seg. Qua. e Sáb. (06.45)

NOVO REDONDO — Seg. Qua. Qui. e Sáb. (14.15)

P. AMBOIM — Seg. Qua. Qui. e Sáb. (14.15)

PORTUGALIA — Ter. Qua. Qui. Sáb. e Dom. (07.15)

P. D'EÇA — Seg. e Qui. (06.00)

SÁ DA BANDEIRA — Todos os dias (06.30)

S. SALVADOR — Qua. e Sex. (07.45); Seg. Ter. Qui. e Sáb. (08.15)

SAZAIRE — Qua. Sex. e Dom. (08.00); Ter. e Sáb. (07.30); Seg. Qui. (08.15)

SILVA PORTO — Seg. (06.15); Qua. Sex. e Sáb. (07.00)

SERPA PINTO — Seg. Qua. e Sáb. (06.45)

S. TOMÉ — Ter. e Sex. (12.15)

TOTO — Qua. e Sex. (07.45)

WINDHOEK—Ter. e Qui. (08.00)

CTA

CONSÓRCIO TÉCNICO DE AERONÁUTICA
AEROPORTO CRAVEIRO LOPES
TEL. 24140/23715

A maior frota comercial de Angola oferece:

DE LUANDA para:

MUXALUANDO - GENERAL FREIRE - ZALA - LUANDA — Segundas, Terças, Quintas e Sábados (10.00; 12.10).

MARGARIDO - MARIA FERNANDA - MUXALUANDO - LUANDA — Quartas e Sábados (10.00; 11.55).

TOMBOCO - NÓQUI - LUANDA — Terças, Quintas e Sábados, (8.30; 12.00).

CAZUA - PANGO - QUIBAXE - BULA - SALAZAR — Segundas, Quartas e Sábados (9.00; 12.50).

DE SALAZAR para:

BULA - QUIBAXE - PANGO - CAZUA - LUANDA — Segundas; Quartas e Sábados (9.00; 12.50).

DE MALANGE para:

LUQUEMBO - QUITAPA - QUIRIMA - SAUTAR - LUANDO - MALANGE — Segundas e Sextas (8.30; 14.45).

MALANGE - FORTE REPÚBLICA - MANGANDO - MALANGE — Quintas (9.00; 12.30).

DE HENRIQUE DE CARVALHO para:

LUBALO - LUREMO - NOVA CHAVES - CASSAI - H. DE CARVALHO — Terças e Quintas (8.15; 12.00).

CAFUNFO - NOVA CHAVES - CASSAI - CACOLO - ALTO CHICAPA - H. CARVALHO — Sábado (8.00; 13.40).

CAMAXILO - CUILO - CAUNGULA - H. CARVALHO — Domingos (8.15; 14.25).

AERANGOL

LINHAS AÉREAS DO LESTE
TELEF. 25884 — TELEX 3127
LUANDA

Terças (07.00) — LUSO - T SOUSA - CAZOMBO - T. SOUSA - LUSO (11.50). — Sextas (09.30) — LUSO - T. SOUSA CAZOMBO - T. SOUSA - LUSO (15.50). — Segundas e Quintas (07.00) — LUSO - G. COUTINHO - CANGAMBA - G. COUTINHO - LUSO (11.25).

(Esta carreira aterra a pedido, em Lucusse, Fuzos, Luvuei e Lutembo).

NOTA — No Bié as carreiras aéreas só se efectuam caso haja passageiros.

Lusitanos

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO
Alameda D. João II, 265
C. P. 6072-C — Tel. 81691 — LUANDA

HORÁRIO MUSSULO

DIAS ÚTEIS
(sábados inclusivé)

Partidas dos Autocarros
(Alameda D. João II):
às 8.30, 10.00, 12.00 e 14.30 horas.

Partidas da Samba dos barcos:
às 9.10, 10.40, 12.40, 15.10 e 16.40 horas.

Partidas do Mussulo:
às 10.00, 12.00, 14.30, 16.00 e 18 horas.

DOMINGOS

Partidas dos Autocarros
às 7.30, 8.30, 9.30, 10.30, 11.30, 14.30, 15.30 e 16.30 horas.

Partidas da Samba dos barcos:
das 8.00 às 17.30, de 30 em 30 minutos com interrupção, para almoço das tripulações das 12.30 às 15.00 horas.

PREÇO (Ida e Volta):
1.ª CLASSE - 30$00
2.ª CLASSE - 20$00

(Incluindo Autocarro e Barco)

CRIANÇAS — Até 10 anos pagam 50 por cento.

SENHOR AGRICULTOR

O êxito de um empreendimento está directamente ligado à capacidade de realização do empresário e dos conhecimentos que dispõe.

A leitura de revistas especializadas considera-se uma das melhores formas de actualização num meio em plena evolução.

Tenha bem presente, que o que ignora não o ajuda.

Consulte a GAZETA AGRÍCOLA DE ANGOLA.

GAZETA AGRÍCOLA DE ANGOLA
Caixa Postal, 5073
Luanda - Angola

CONHEÇA O SEU DESTINO

CARNEIRO 21 - 3 / 20 - 4

VIDA — Avizinha-se um período particularmente feliz em matéria profissional. Não descure as suas obrigações.

CORAÇÃO — Um ambiente familiar absolutamente calmo só poderá beneficiá-lo. Faça por conseguí-lo.

SAÚDE — Cansaço, mais psíquico do que físico. Procure reagir a ele praticando exercícios pela manhã.

VIDA — Mau período no que respeita a movimentos de dinheiro, principalmente quando avultados.

CORAÇÃO — Abstenha-se de criar situações tendentes a segundas intenções.

SAÚDE — Procure repousar tanto quanto possível. Só ganhará com isso.

TOURO 21 - 4 / 19 - 5

VIDA — Não é na lotaria que conseguirá a independência financeira que necessita.

CORAÇÃO — Excessiva altivez ou cinismo cruel podem causar-lhe dissabores.

SAÚDE — Há muito que você necessita consultar um dentista. Por que espera para o fazer ?

VIDA — Deverá usar de prudência na gestão de bens materiais.

CORAÇÃO — Esteja preparado para todas as surpresas possíveis no capítulo amor.

SAÚDE — Não cometa abusos. Procure antes deitar-se e levantar-se cedo e praticar uma alimentação mais de acordo com os seus males.

GÊMEOS 20 - 5 / 20 - 6

VIDA — Procure concentrar-se na sua actividade regular e não procure soluções caídas do céu.

CORAÇÃO — Oportunidade para travar novas relações de amizade de onde muito se poderá esperar.

SAÚDE — Não abuse das suas até agora boas condições físicas. Procure um modo de vida regular.

VIDA — Procure não contrair dívidas que mais tarde não poderá satisfazer.

CORAÇÃO — Cuidado com os excessos em parecer bem e sobretudo com o clima desfavorável de sua casa.

SAÚDE — O seu sistema nervoso deveria merecer-lhe mais atenção e cuidados.

CARANGUEJO 21 - 6 / 21 - 7

VIDA — A facilidade com que se expressa poderá ser-lhe vantajosa neste período, caracterizado por excelente oportunidade profissional.

CORAÇÃO — Não se deixe embalar em demasia por sonhos de amor. Poderá decepcionar-se.

SAÚDE — Deve evitar a todo o custo essa tendência para a obesidade. Alimente-se apenas do indispensável.

VIDA — Nem tudo correrá como deseja, especialmente nos primeiros dias da semana.

CORAÇÃO — Não vão registar-se alterações na sua vida sentimental.

SAÚDE — Não abuse, de maneira nenhuma, de sedativos. Preocupe-se antes numa vida mais regrada.

LEÃO 22 - 7 / 22 - 8

VIDA — Deverá usar de sangue frio em relação a um assunto a que dedica particular importância.

CORAÇÃO — Influência benéfica de pessoa do signo Virgem. Uma surpresa dar-lhe-á grande alegria.

SAÚDE — Nada a recear no estado geral, embora não deva descurar uma alimentação mais racional.

VIDA — Preparé-se para enfrentar uma adversidade. Reaja com toda a calma e sentido de responsabilidade.

CORAÇÃO — Não confie demasiado no seu poder de sedução. As aparências iludem.

SAÚDE — Procure certificar-se se a sua tensão se encontra normal e talvez encontre aí a razão do seu mal

VIRGEM 23 - 8 / 22 - 9

VIDA — Não é nos possíveis golpes de sorte que encontrará a solução para problemas financeiros.

CORAÇÃO — Não confie demasiado na sua importância, que isso poderá trazer-lhe amargos de boca.

SAÚDE — Ligeiras perturbações sem importância incomodá-lo-ão neste período.

VIDA — Oportunidade para mostrar as suas reais qualidades pessoais e profissionais.

CORAÇÃO — Faça o possível por ajudar quem lhe quer bem. Isso poderá trazer-lhe decisivamente uma óptima harmonia no lar.

SAÚDE — Um grande cansaço perfeitamente compreensível, dado a vida agitada que leva.

BALANÇA 23 - 9 / 22 - 10

ESCORPIÃO 23 - 10 / 21 - 11

SAGITÁRIO 22 - 11 / 21 - 12

CAPRICÓRNIO 22 - 12 / 20 - 1

AQUÁRIO 21 - 1 / 19 - 2

PEIXES 20 - 2 / 20 - 3

Viva 1974

um dinamismo invencível que contagia quem guia!

Para todos, portanto, para quem conta a vivacidade que vence.

Por exemplo, o chefe de uma família que o aprecia por isso: as suas vitórias pela vivacidade! O VIVA é contagiante. Harmoniza equilibradamente a economia, o espaço e o conforto.

É robusto e vigoroso na firmeza com que se agarra ao piso.

A potência é maior por menor custo: -cilindrada de 1,300 ou 1,800 cc

O VIVA 1974 tem assentos reclináveis, travões de disco às rodas da frente. Toda a parte inferior, onde a carroceria encontra o chassis, é totalmente hermética.

Duas velocidades para os limpa parabrisas. Funcionamento eléctrico dos lava parabrisas. Para a sua liberdade de escolha, outras opções constam de uma lista completa, ao seu dispor no concessionário Vauxhall, onde as informações necessárias libertarão mais ainda a sua liberdade de escolha.

Viva 1974

a liberdade da escolha sem o risco do arrependimento

Concessionários:
Casa Americana Comercial s. a. r. l.

adapt. cinevoz

FOGO no CUNENE

FOTOS DE ANTÓNIO CRUZ

Do pónto de vista de quem avalia o grau de importância de um incêndio pelo volume das chamas, ver o Cunene envolto em altas labaredas bastou para encher de pânico os trabalhadores nocturnos do Porto de Luanda. Os pequenos tractores que removem a carga do cais para os armazéns debandavam nas mais variadas direcções, qual bando de pardais afugentados por qualquer disparo.

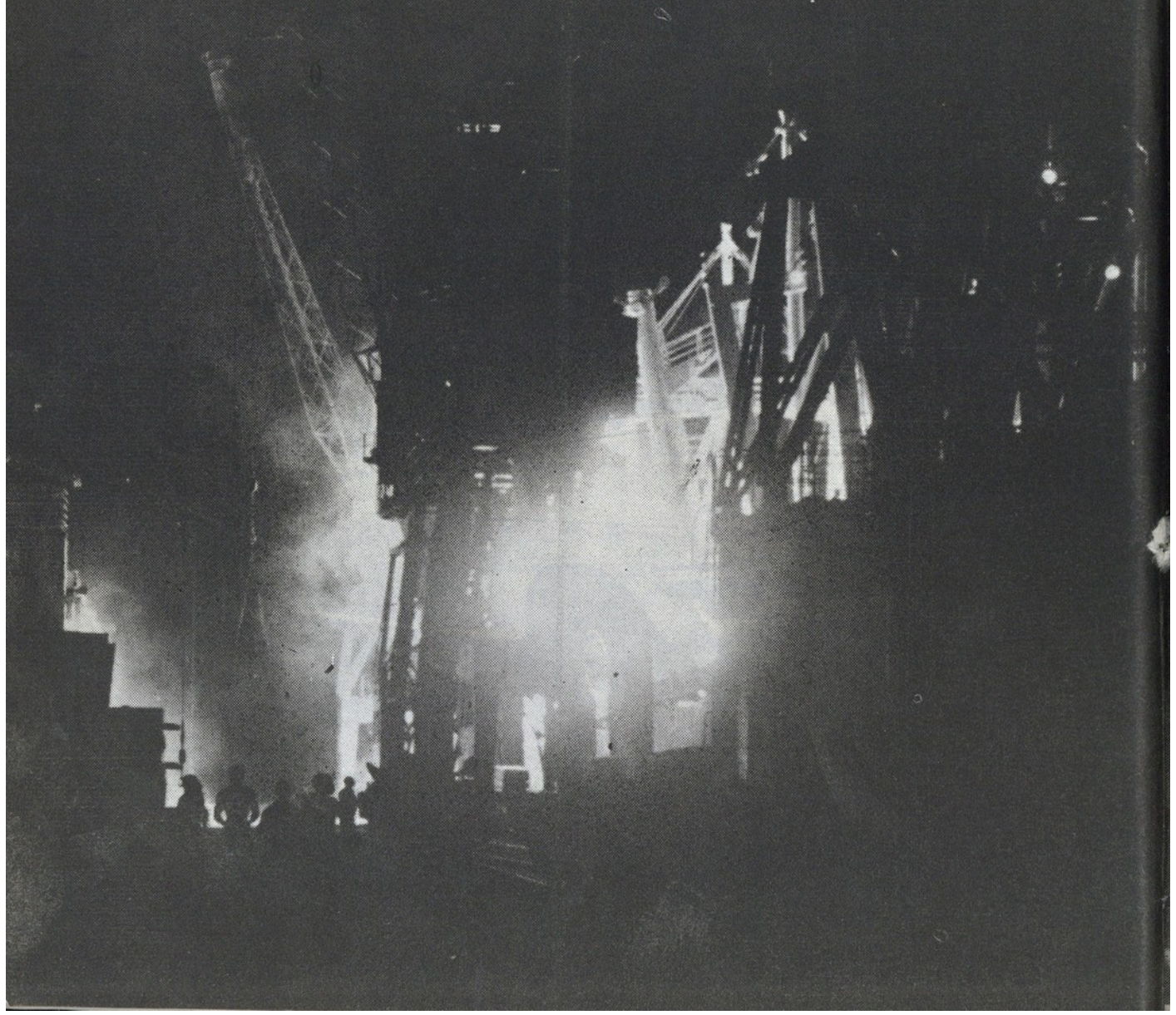
Pelo cabo da proa do barco desciam lépidos os estivadores; três deles, porém, preferiram atirar-se ao mar. Dois foram retirados da água. Do terceiro nada se sabia. No cais ardia também um dos fardos com detergentes retirados do barco.

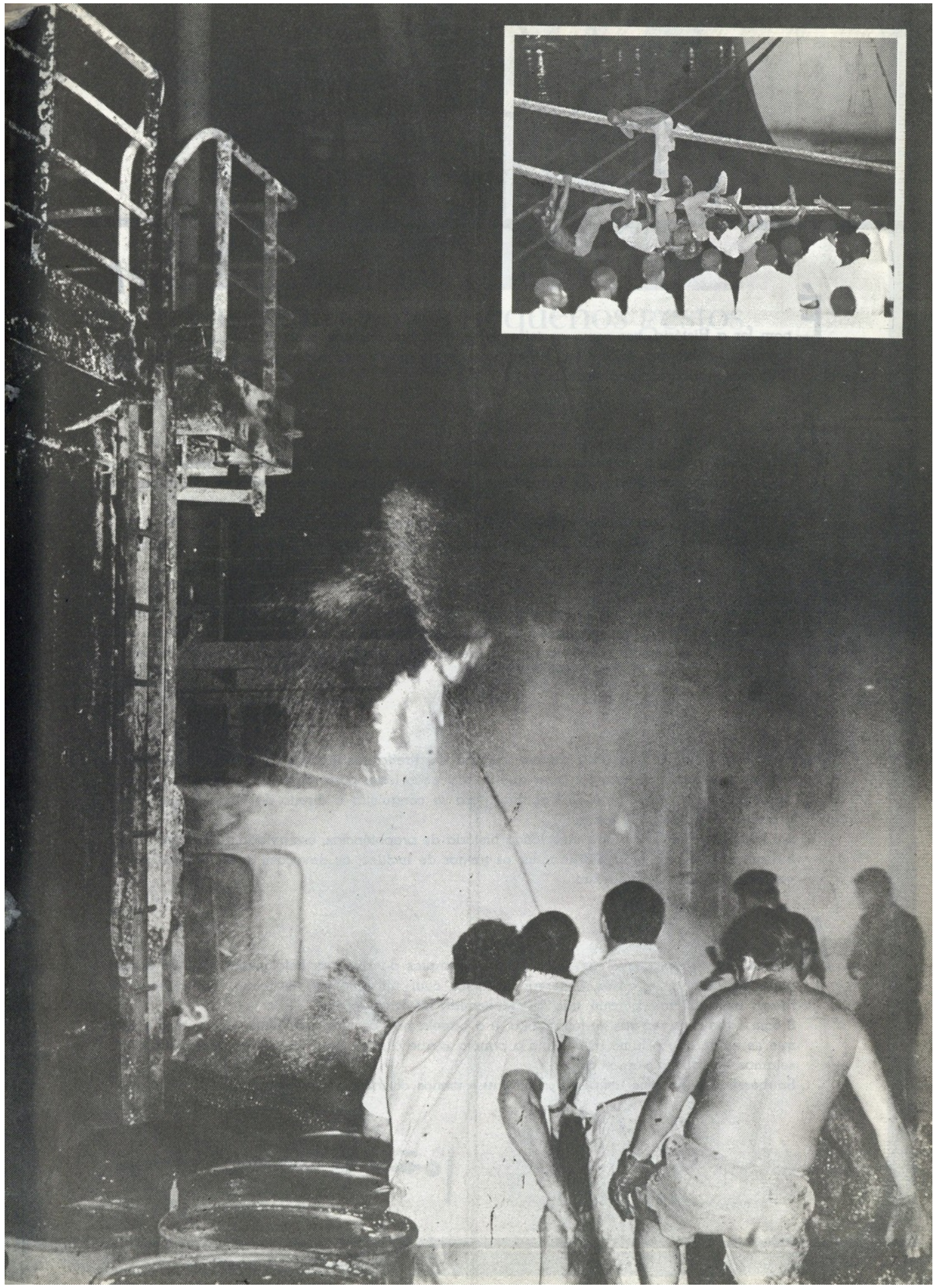
Aos poucos, porém, a serenidade retomou os espíritos e logo que se aperceberam do sinistro os barcos atracados começaram a apitar. Dois veículos de cais começaram a limpar a zona de acostagem do Cunene, abrindo espaço para os bombeiros que não tardariam.

No interior do barco a tripulação, essa, não entrou em pânico e corajosamente enfrentou o incêndio, que parece ter deflagrado do porão quatro, fechado desde as cinco da tarde.

Depois, quando os bombeiros chegaram e atacaram as chamas logo o incêndio diminuiu de proporções e em menos de um quarto de hora não se avistava nenhuma labareda.

A explosão que provocou o incêndio registou cerca das onze e um quarto da noite e antes da meia noite já a curiosidade popular recolhia a casa. O Cunene deverá largar do Porto de Luanda na data prevista.





A CHUVA E O BOM TEMPO

A SOPA

É bom ler a História, ver como as teias se enredam, as crises se anunciam, os homens se comprometem e exaltam. É bom ler a História e depois parar um pouco para reflectir identificar situações, procurar paralelismos...

Atrapalhada que foi o nascimento das Nações! Os crimes que se cometeram em nome dos maiores ideais, os sacrifícios totais dados às causas mais pueris, as inconcebíveis cobardias nos momentos vitais...
Não é preciso recuar muitos anos, nem ter trabalho excessivo a escolher países. Por toda a parte foi a mesma loucura, a mesma intolerância, quase sempre o mesmo banho de sangue...

O que se não fez e disse, há pouco mais dum século, nuns Estados Unidos em formação, quando da guerra da Secessão, ou quando do extermínio dos índios. O que se não fez e disse para «pacificar» a Austrália, para construir a Alemanha — mais perto ainda — para chegar às guerars de 14 e de 39...

O sangue que não correu para dar um mínimo de direito aos homens de cor, aos operários, às mulheres. A luta que não foi para que a educação fosse possível, para se reduzir a semana de cinquenta e duas horas de trabalho, para se conquistar o direito de voto, para se impôr o direito à Justiça para todos.
Ao longo dos séculos é toda uma longa história de prepotências, escravidão, injustiças, sangue e desespero. E pelo meio, fulgurantes, os rasgos de lucidez, as devoções generosas, os parcos exemplos de calma e reflexão...

ALGUMA coisa temos que aprender com os exemplos da História. Pelo menos alguma capacidade de, perante as crises, observar os factos com um mínimo de recuo, um mínimo de frieza, um mínimo — porque não? — de sentido histórico.
É com água a ferver que se faz a sopa, e a panela não aquece sem lume, claro. Mas é bom que se cuide que o lume só queime a panela e que a sopa fique bem feita, mesmo que não sejamos nós que a vamos comer.
Soubessem os homens temperar a História e menos cozinhas teriam ardido...

João Fernandes

Acreditamos nos pequenos gestos, que fazem a naturalidade de bem-viver.

Pequenos gestos carregados de importantes e ternas intenções. Perfumados de beleza e espontâneos, eles partilham os momentos agradáveis de prazer.
O natural prazer de usar Santa Clara. A colónia ... tão naturalmente agradável.
O sabonete, o dentífrico, a espuma e o creme de barbear, a loção para depois de barbear, o leite de limpeza, os «shampoos», o desodorizante e o anti-transpirante.
Sem produtos sintéticos, eles procuram seguir a natureza ...
donde nasce uma alegre confiança ... donde nasce a beleza!

SANTA
CLARA
essencialmente natural

PLANIGRAF

CERVEJA PRETA
Cuca
COMPANHIA UNIÃO DE CERVEJAS
1973
MEDAILLE DOR
DE LA
QUALITE
BIERE
COMPANHIA UNIÃO DE CERVEJAS
ANGOLA CUCA SARL
LUANDA (ANGOLA)
CUCA PRETA
BRUXELLES
VOCÊ VOTOU
DE VONTADE!
Acompanhando a evolução do seu gosto
a Cuca produziu a cerveja Cuca Preta da Medalha.
Consagrando-a, Você juntou o seu voto pessoal
ao do juri de Bruxelas.
Um voto evoluído.
Hoje, por si e para si, o prémio internacional
é o símbolo da qualidade em matéria de cervejas!
Cuca PRETA
a força da vida

GOLPE MILITAR EM LISBOA

a nossa posição

A encerrar a edição normal do NOTÍCIA escrevi, na minha habitual secção, palavras de que me não arrependo agora. Elas estão aí, na última página, e poderão os leitores julgá-las.

Acontece, porém, não saber na altura em que as escrevi que vinte horas depois tomaria conhecimento de importantes acontecimentos em Lisboa. Comentava eu então uma crise que adivinhava, e só não soube adivinhar que poucas horas depois ela se materializaria.

Sem renegar — bem pelo contrário — o que foi escrito antes — cabe-me agora a responsabilidade de escrever durante. E por uma vez é bem fácil essa tarefa. Porque outra coisa não tenho a fazer do que repetir o que, ao longo destes últimos oito anos, tenho vindo a afirmar no NOTÍCIA. Não há cuidados especiais a ter, interesses a ponderar, hesitações ante o que os factos nos reservam. Para nós, no NOTÍCIA, tudo continua duma cristalina limpidez...

À hora que escrevo pouco se sabe ainda. Registou-se um golpe militar... e pouco mais. Pouco é uma chusma de telegramas, informações vagas e contraditórias, boatos de toda a ordem. Tudo junto nada de concreto. Mas uma coisa para já, inapelavelmente, é certa: em Angola temos que aguardar com serenidade, ouvir com inteligência e agir com decisão. A mesma serenidade e a mesma inteligência que alguns sempre negam quando se levanta a mais pequena núvem, pensando que as atitudes patrioteiras, as denúncias ridículas, os socos no peito, os tornarão mais notados. Sempre recusámos o sistema e continuaremos a recusá-lo, aconteça o que acontecer.

Vamos, portanto, enfrentar os factos como gente adulta. Recusar exaltações que raramente são boas conselheiras. Aguardar com serenidade e ouvir com inteligência. Todos sabemos o que queremos: uma Angola forte, progressiva, multirracial. Uma terra que saiba aproveitar as suas potencialidades, saiba encontrar os caminhos duma justiça social, saiba corresponder aos anseios legítimos de todos os que aqui nasceram e de todos os que queiram vir ajudar a tornar mais próspera a sua terra fértil. Queremos paz, trabalho e progresso. E queremos merecê-lo pela verticalidade do nosso comportamento.

É na verdade um programa singelo o nosso. Mas de simples que é pode ser entendido por todos os que labutam em Angola até porque corresponde, afinal, às mais legítimas ambições do homem comum em todas as latitudes.

Sabendo o que queremos, estamos abertos a todo o diálogo, atentos a todos os comandos. Quem quiser o que nós queremos, está connosco e merece a nossa confiança. Quem não entender as nossas aspirações não esperará, também, que desistamos delas.

Aguardemos pois com calma e serenidade. O que não significa transigência ou demissão.

Se o que todos ganharíamos em fazer amanhã tiver que ser feito hoje, pois que o seja feito com fé, firmeza e todo o sacrifício que exigir. Se nos for antes dado o tempo de arrumar a casa pois ainda melhor. Todos teríamos a ganhar por ver tornar sólidos laços familiares que os séculos asseguram e os homens só destruiriam por loucura.

Estou seguro que saberemos todos em Angola dar um alto exemplo de calma e confiança. Os momentos difíceis agora vividos servirão, pelo menos, para mostrar a todos os portugueses que é chegado o tempo de saber preparar o seu futuro e que a recusa do diálogo, do pensamento, da ampla reflexão nunca foi forma de enfrentar os problemas dum país.

Ao longo destes últimos oito anos tem sido sempre esta a posição de NOTÍCIA. Por isso pensamos ter ganho o direito para pedir a todos os Homens de Angola a calma que o momento exige.

O futuro de Angola continua nas nossas mãos. Se assim o entendermos, nada nos fará medo. E podemos esperar com calma que nos garantam promessas a que fizémos juz. Oiçamos o que têm para nos dizer e talvez tenhamos a grata surpresa (ou não tanto...) de verificar que coincide com o que desejamos.

Ninguém esquecerá, estamos certos, que somos muitos em Angola e todos decididos. Ninguém esquecerá, estamos certos — sincera e justificadamente certos — que se não podem tomar decisões sobre Angola sem o apoio dos que aqui labutam.

Fortes e serenos, aguardamos. Prontos a colaborar com quem colabore connosco. Prontos a fazer verdadeiro o slogan de que Angola é imparável.

João Fernandes

Luanda 25 de Abril

os factos

Luanda, 25 de Abril, quinta-feira :

★ Às 10 horas da manhã começam a circular os primeiros rumores de um levantamento militar em Lisboa. O ritmo da cidade, no entanto, não se perturba minimamente. Não se vê movimento de tropas ou polícias anunciando anormalidades. As estações emissoras transmitem a programação habitual. O único jornal da manhã publica, a quatro colunas, na primeira página, o seguinte título: «O militar que virou político devia passar à reserva, como acontece em todos os países ocidentais — declarou o deputado Reboredo e Silva.

★ Às 10.30 sabe-se, através das emissoras de rádio estrangeiras, que se desencadeou na Metrópole um movimento insurrecional de grande envergadura. As notícias são, porém, confusas e frequentemente contraditórias.

★ Às 11 horas começa a desenhar-se uma situação iniciada às 2 da madrugada quando tropas estacionadas em Santarém avançam sobre Lisboa, obtendo a simpatia de outras 29 unidades militares. Do Porto, anuncia-se a conquista das instalações do Quartel General da 2.ª Região Militar. Em Lisboa, unidades da Marinha de Guerra sobem o Tejo. O Rádio Clube Português, tomado pelas forças insurrectas, transmite constantes apelos à calma por parte da população. Pede à GNR e à PSP que não saia dos quarteis, a fim de evitar efusão de sangue. O Batalhão de Caçadores 5 adere à intentona. Tropas patrulham as ruas, segundo umas, informações quase desertas segundo outras apresentando o aspecto normal. Blindados tomam posições na Praça do Comércio. As instalações da Emissora Nacional e da Rádio Televisão Portuguesa estão nas mãos dos revoltosos, bem como os ministérios e lugares estratégicos. Os aeroportos metropolitanos estão, desde as 2 da manhã, encerrados à navegação aérea. A fronteira com a Espanha também.

★ Às 11.30 horas, em Luanda, a vida continua normalmente. No Palácio do Governo Geral está em curso uma reunião presidida pelo Eng. Santos e Castro e em que participam todos os membros do governo de Angola, o chefe de Gabinete e o Secretário Geral.

No Comando-Chefe das Forças Armadas, à Fortaleza de S. Miguel, o oficial da Repartição de Informações recebe a visita de consules acreditados em Luanda aos quais diz não ter conhecimento de nada.

No Quartel General das Forças Armadas estão reunidos os principais oficiais, mas o Oficial de Dia diz desconhecer o que se passa e ignora, até, a reunião, que é interrompida à hora do almoço e reiniciada às 14.30. Duas horas antes, o Comandante-Chefe das Forças Armadas em Angola, General Rafael Alves, estivera no Palácio do Governo.

★ Às 13.10 horas, a Emissora Oficial de Angola transmite o seguinte comunicado proveniente do Gabinete do Governo-Geral :

> «Notícias naturalmente confusas, chegadas de Lisboa, dão conta de ter eclodido ali um movimento cujas características se não conhecem ainda.
>
> O Governo Geral está procurando obter informações fidedignas de que dará conhecimento público logo que as obtenha. As comunicações são porém difíceis.
>
> Como é de seu dever, compete ao Governador-Geral assegurar a normalidade da vida na província e os interesses de quantos aqui constroem e defendem o futuro».

O comunicado é repetido, depois, de meia em meia hora.

★ Em Lisboa, folhetos passados de mão em mão, no Rossio, anunciam :

> «Considerando que, ao fim de treze anos de luta em terras do Ultramar, o sistema político vigente não conseguiu definir, concreta e objectivamente, uma política ultramarina que conduza à paz entre os portugueses, de todas as raças e credos;
>
> Considerando o crescente clima de total afastamento dos portugueses em relação às responsabilidades políticas que lhes cabem como cidadãos, em crescente desenvolvimento de uma tutela de que resulta constante apelo a deveres com paralela denegação de direitos;
>
> Considerando a necessidade de sanear as instituições, eliminando do nosso sistema de vida todas as ilegitimidades que o abuso do poder tem vindo a legalizar;
>
> Considerando, finalmente, que o dever das Forças Armadas é a defesa do país, como tal se entendendo também a liberdade cívica dos seus cidadãos;
>
> O Movimento das Forças Armadas, que acaba de cumprir com êxito a mais importante das missões cívicas dos últimos anos da nossa história, proclama à Nação a sua intenção de levar a cabo, até à sua completa realização, um programa de sal-

Luanda
25 de Abril

os factos

vação do País e de restituição ao povo português das liberdades cívicas de que vem sendo privado. Para o efeito entrega o Governo a uma Junta de Salvação Nacional a quem exige o compromisso, de acordo com as linhas gerais do programa do Movimento das Forças Armadas que, através dos órgãos informativos, será dado a conhecer à Nação, de no mais curto prazo consentido pela necessidade de adequação das nossas estruturas, promover eleições gerais de uma Assembleia Nacional Constituinte, cujos poderes, por sua representividade e liberdade de eleição, permitam ao País escolher livremente a sua forma de vida social e política.

Certos de que a Nação está connosco e que, atentos aos fins que nos presidem, aceitará de bom grado o Governo Militar que terá de vigorar nesta fase de transição, o Movimento das Forças Armadas apela para a calma e civismo de todos os portugueses e espera do país adesão aos poderes instituidos em seu benefício.

Saberemos deste modo honrar o passado, no respeito pelos compromissos assumidos perante o País e por este perante terceiros. E ficamos na plena consciência de haver cumprido o dever sagrado da restituição à Nação dos seus legítimos e legais poderes».

As tropas desfilam em Lisboa — segundo a «France Presse» — sob aclamações da multidão, que grita «Vitória! Vitória». Segundo a mesma fonte, também é a população lisboeta que fornece alimentos e cigarros aos soldados em rebelião. Até ao momento, não se sabe ao certo quem os comanda, embora se fale com insistência nos nomes do General António de Spínola e General Costa Gomes. Emissoras estrangeiras, nos seus noticiários, referem «uma revolta de capitães, majores e coroneis descontentes».

★ Às 14.30, em Luanda a população regressa ao trabalho. Nada perturba o movimento habitual. Não há tropas nas ruas, sequer reforço visível do aparato policial. No Palácio do Governo-Geral informação oficial confirma a visita do Sr. Eng. Santos e Castro à SECIL do Ultramar, anteriormente programada. Notícias do resto de Angola acentuam que se mantém a calma em todos os pontos. O Subsecretário de Estado da Aeronáutica, que nos visita é recebido com as honras que lhe são devidas, em Carmona.

★ Às 16 horas, comunicações «Telex» de agências noticiosas estrangeiras anunciam a rendição do Primeiro-Ministro , Sr. Prof. Marcello Caetano, às forças insurrectas que se identificam pelo nome de «Movimento das Forças Armadas». Essas informações contradizem outras, recebidas na mesma altura, segundo as quais o Almirante Américo Tomaz, o Sr. Prof. Marcello Caetano e vários membros do Governo estariam refugiados no Quartel da Guarda Nacional Republicana, ao Carmo, cercado pelas forças insurrectas que anunciam sucessivos ultimatos. Há a nítida sensação de que um lado e outro evitam o derramamento de sangue.

★ Às 17 horas, em Lisboa, grandes manifestações populares no Rossio. Emissoras e agências noticiosas estrangeiras anunciam que quatro ministros — Defesa, Exército, Corporações e Interior — que tentavam fugir por um buraco aberto numa parede do Ministério da Defesa, tinham sido presos por elementos do «Movimento das Forças Armadas». Segundo informações não confirmadas, um incêndio destruira as instalações da RTP em Lisboa.

★ Às 17.30, em Luanda, a população regressa do trabalho. O ritmo da cidade é o habitual.

★ O jornal da tarde publica, a toda a largura ao alto da primeira página o comunicado proveniente do Gabinete do Governo-Geral, sem comentários.

★ Às 18 horas, em Lisboa, a GNR aquartelada no Carmo continua a recusar a rendição. Forças blindadas cercam a área e parece iminente a confrontação directa e sangrenta que se tem, parece, a todo o custo, procurado evitar. Em Monsanto, tropas que não aderem ao «Movimento das Forças Armadas» estão, também, cercadas e recusam render-se. Às 20 horas, a Emissora Nacional inicia o programa da noite transmitindo, depois do Hino Nacional, a proclamação do Movimento das Forças Armadas já circulada em folhetos e transmitida pela Rádio Clube Português.

★ Às 20 horas, em Lisboa, o Movimento das Forças Armadas emitiu o seguinte comunicado :

«O Movimento das Forças Armadas informa que se concretizou a queda do Governo, tendo Sua Excelência o Prof. Marcello Caetano apresentado a sua rendição incondicional a Sua Excelência o General António de Spínola.

O ex-Presidente do Conselho, o ex-Mi-

nistro dos Negócios Estrangeiros e o ex-Ministro do Interior encontram-se sob custódia do movimento, enquanto Sua Excelência o Almirante Américo Thomaz e alguns ex-ministros do Governo se encontram refugiados em dois aquartelamentos que estão cercados pelas nossas tropas e cuja rendição se aguarda para breve.

O Movimento das Forças Armadas agradece a toda a população o civismo e a colaboração demonstrados, de maneira inequívoca, desde o início dos acontecimentos, prova evidente de que ele era o intérprete do pensamento e dos anseios nacionais.

Continua a recomendar-se a maior calma e a estreita obediência a todas as indicações que forem transmitidas.

Espera-se que amanhã a vida possa retomar o seu ritmo normal por forma a que todos, em perfeita união, consigamos construir um futuro melhor para o País. Viva Portugal».

★ Às 21.50 horas, em Luanda, onde a vida continua perfeitamente normal, bem como em todo o Estado, o Gabinete do Governo-Geral difunde o seguinte comunicado, através da Emissora Oficial de Angola :

No Governo-Geral, até às 20,30 horas não foi recebida qualquer informação oficial sobre os acontecimentos hoje registados em Lisboa.

Notícias de origem diversa dão, entretanto, indicação de que terá triunfado o movimento militar, tendo o Prof. Marcello Caetano renunciado às suas funções de Presidente do Conselho de Ministros. Teria assumido o poder uma Junta Militar cuja composição não se conhece completamente.

O governador-geral, como é de seu dever, procurará assegurar a completa normalidade da vida na Província e recomenda a toda a população a maior tranquilidade e confiança.

A agência noticiosa «Lusitânia» recebe, ao mesmo tempo, de Lisboa, notícia deste teor :

«A nossa reportagem traz-nos a informação de que o General António de Spínola foi proclamado «o Chefe do Portugal Novo» pela multidão aglomerada na Praça do Carmo, quando a GNR concordou em não oferecer resistência ao Movimento das Forças Armadas. Consta, também, que ainda hoje o General Spínola fará um discurso, duma das janelas do Terreiro do Paço. Será a sua primeira alocução como Chefe da Nação Portuguesa e o primeiro passo de mais um capítulo da História Nacional».

★ Às 21 horas, em Luanda, o «Programa C», de Rádio Clube de Angola, em contacto com Lisboa, difunde as primeiras notícias da revolução na Metrópole. Pouco depois, o programa «Café da Noite», na antena da Emissora Católica de Angola, transmite gravação das informações difundidas pelo «Programa C» e acrescenta outras. A Emissora Oficial transmite um relato de futebol. O «Diário de Luanda» propõe-se fazer sair para a rua uma segunda edição, o que não foi concretizado. Em Lisboa, durante todo o dia, sairam sucessivas edições dos jornais matutinos e vespertinos,sem Censura prévia.

Até às primeiras horas da madrugada Luanda esperou com expectativa o anunciado discurso do General António de Spínola.

junta de salvação nacional

constituição

Presidente: **general António Spinola**

capitão de fragata António Alva Rosa Coutinho

capitão de mar e guerra José Baptista Pinheiro Azevedo

general Francisco da Costa Gomes

brigadeiro Jaime Silvério Marques

coronel Carlos Galvão de Melo

general Manuel Diogo Neto

a proclamação

«Em obediência ao mandato que acaba de lhe ser confiado pelas Forças Armadas, após o triunfo do movimento em boa hora levado a cabo pela sobrevivência Nacional e pelo bem-estar do povo português, a Junta de Salvação Nacional a que presido, constituída por imperativo de assegurar a ordem e de dirigir o País para a definição e consecussão de verdadeiros objectivos Nacionais, assume perante o mesmo compromisso de:

Garantir a sobrevivência da Nação, como Pátria soberana no seu todo pluricontinental;

Promover desde já a consciencialização dos portugueses, permitindo pela expressão a todas as correntes de opinião, em ordem a acelerar a constituição das associações cívicas que hão-de polarizar tendências e facilitar a livre eleição por sufrágio directo de uma Assembleia Nacional constituinte e a sequente eleição do Presidente da República;

Garantir a liberdade de expressão de pensamento;

ÚLTIMA HORA

NA GUINE, JOÃO FERNANDES ENTREVISTANDO O GENERAL SPÍNOLA

Abster-se de qualquer atitude política que possa condicionar a liberdade da eleição e a tarefa da futura assembleia constituinte;

Evitar por todos os meios que outras forças possam interferir no processo que se deseja eminentemente Nacional;

Pautar a sua acção pelas normas elementares da moral e da justiça, assegurando a cada cidadão os direitos fundamentais estatuídos em declarações universais e fazer respeitar a paz cívica, limitando o exercício da autoridade à garantia da liberdade dos cidadãos;

Respeitar os compromissos internacionais decorrentes dos tratados celebrados;

Dinamizar as suas tarefas em ordem a que, no mais curto prazo, o País venha a governar-se por instituições de sua livre escolha;

Devolver o poder às instituições constitucionais, logo que o Presidente da República eleito entre no exercício das suas funções».

N.R. — A preocupação do General Spínola, numa altura de natural emoção, de sublinhar que a Junta Militar garantirá a sobrevivência da Nação pluricontinental, vem confirmar de forma inequívoca a confiança por nós atrás expressa de que Angola deveria aguardar com serenidade as palavras dos novos responsáveis pelo Governo. Revolução contém em si também a palavra evolução. O trajecto mantém-se, portanto. Não nos faltam os motivos de júbilo!

J. F.

NOTICIA
SEMANÁRIO ILUSTRADO

VII – EXTRA